

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

GABRIELLE CHAVES

**Corpos e cegueiras em experimentação: um fazer
ciência no feminino**

NITERÓI,

2016

GABRIELLE CHAVES

**CORPOS E CEGUEIRAS EM EXPERIMENTAÇÃO:
UM FAZER CIÊNCIA NO FEMININO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof. Dra. Marcia Moraes

NITERÓI,

2016

C512 Chaves, Gabrielle Freitas.
Corpos e cegueiras em experimentação: um fazer ciência no feminino
/ Gabrielle Freitas Chaves. – 2016.
103 f.
Orientadora: Márcia Moraes.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal
Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento
de Psicologia, 2016.

Bibliografia: f. 97-103.

1. Corpo humano. 2. Pessoa com deficiência visual. 3. Escrita.
4. Feminismo. 5. Saúde. 6. Pessoa com deficiência. 7. Experimentação.
I. Moraes, Márcia. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de
Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

Para todas as mulheres que tornaram essa escrita possível.

Para todas as Ayabás, para todas elas.

AGRADECIMENTOS

À Márcia Moraes. Querida orientadora foi muito bom tê-la a frente dessa embarcação, tu foste um leme muito importante nessa minha travessia, não tenho como agradecer tamanha calma em momentos que, em mim, era só tormenta. Agradeço por ter-me proporcionado o encontro com as leituras feministas, que marcou meu corpo (de militante e cientista) de maneira irreversível; e mais uma vez, por ensinar-me um modo de fazer ciência com outro, que opera pelo vínculo, pelo laço, uma ciência no feminino.

À Ruth Torralba. Tenho-te como uma guia, uma mestra-madrinha, na prática clínica, na minha formação. E não há palavras que caiba minha gratidão, ela vaza pela língua, ela é da ordem do corpo inteiro, que vibra que chora que se arre pia – que sente – a sua importância no meu caminho. Gratidão.

À Catarina Resende e a Laura Quadros. Gratidão por terem aceitado o convite de compor essa banca, mais que isso, de compor esse processo de escrita. Catarina com seus escritos acompanhou-me como um referencial parceiro no pensar, deu-me as bases conceituais para produzir consistência no pensamento. E Laura com sua coragem contagiou-me a escrever colocando o próprio corpo encena, performando uma produção de conhecimento encarnado que se faz com a experiência, gratidão por empoderar-me com suas histórias.

À Socorro Chaves. Gratidão por dar-me colo e sustentação para as minhas apostas, por pensar e se inquietar junto comigo com nossa (re)existência no mundo, na luta, na vida, em longas conversas telefônicas. Não é toda mãe que se dispõe a crescer junto com cria. Gratidão por estar sempre crescendo e me ajudando a crescer.

Ao Perceber Sem Ver. Agradeço imensamente pela acolhida e por terem me acompanhado nesse mergulho na experimentação de corpos e cegueiras. A escrita dessa dissertação não seria possível senão fosse a parceira, vocês são também autoras desse texto (estou certa que o único homem, amigo já de longa data, não se importará da inclusão no feminino). A vocês minha gratidão: Josselem Conti, Camila Alves, Alexandra Simbine, Larissa Mignon, Lia Paiva, Thais Amorin, Raffaella Petrini, Juliana Cecchetti, Louise Savelli, Luana Garcia, Beatriz Pizarro, Lucas Calvet, Carolina Sarzeda e Dandara Chiara.

Ao Pesquisar COM. A esse potente grupo composto por mulheres, da orientadora a todas as companheiras do barco de orientação, minha gratidão: Márcia Moraes, Marília Silveira, Josselem Conti, Camila Alves, Alexandra Simbine, Nira Kauffman, Elis Teles da Silva, Talita Tibola, Maria Aparecida dos Santos, Eleonôra Prestelo, Alessandra Rotemberg, Luiza Telles, Luciana Franco, Marília Toscano, Maria Rita Campello, Ângela Carneiro, Fátima Queiroz, sem as quais, mais uma vez, este texto seria impossível. Um agradecimento especial a Jô Conti, que foi para mim um referencial muito importante nessa escrita. E a Marília S. que sempre inquietou as rodas de orientação com sua presença que faz fazer, faz pensar.

À Alexandra. A você que compartilhou comigo suas histórias do lado de lá do índico e fez meus olhos e ouvidos ganharem distância além-mar, o meu grande kxanimambu.

Ao Gabriel. Sua companhia, nessa travessia turbulenta, foi-me ora cais, fazendo-me aterrar, ora navio, fazendo-me derivar, gratidão por sua presença, por sua força. Por me ser um companheiro no amor e no pensar. Sigamos os movimentos que nos sopram novos ares. Nossa sorte é sabermos ouvir as mudanças e não se enrijecer. Te amo querido.

Aos amigues querides. Em especial a: Rayssa, Lucas, Glaucia, Mayella, Lorrane, Diana, Gabriel P. e Vitor por nossas conversas que me deslocam e tanto aprendo, pela força de acompanharmos uns aos outros. A cada um minha gratidão.

A CAPES. Pela bolsa de estudos concedida.

Aos participantes da oficina, que conosco compartilharam suas histórias de experimentações.

À mamãe Oxum e a cabocla Jurema, por me protegerem e estarem sempre por perto. Ao Xangô, que por muitas vezes abriu os caminhos dessa escrita. Motumbá.

A vocês que agora me leem.

Axé!

RESUMO

Esta é uma investigação acerca do corpo e da cegueira em experimentação nas oficinas de sensibilização corporal no Instituto Benjamin Constant, instituição de referência nacional à deficiência visual. Com as oficinas, a pesquisa Perceber Sem Ver trabalha há quinze anos para multiplicar as versões do não-ver e ampliar a sensorialidade dos corpos. A pesquisa que aqui está vem para contar muitas histórias dessas vivências e disseminar outros entendimentos do corpo e da cegueira, que não se pautam em um fisiologismo rígido e determinante, mas na experiência de se ter um corpo [marcado]. É através das narrativas dos diários de campo que levamos adiante uma escrita com a força dessas experimentações, uma escrita viva, onde o pensamento é composto COM o outro pelo vínculo que se dá no campo de pesquisa. É uma escrita acadêmica que opera pela conexão, que se faz COM parcerias, um modo de fazer ciência no feminino. Feminino porque foi levado à adiante por mulheres cientistas feministas. E a partir dos diários e das leituras de Moraes, Conti, Despret, Haraway, Resende e Canguilhem desenvolvemos os conceitos de planejamento-ritual e prudência tão caros às experimentações, assim como, desembocamos em concepções ampliadas de uma saúde afirmativa e de reabilitação como um processo de saúde singular para cada corpo.

Palavras-chave: corpo, cegueira, escrita feminista, saúde afirmativa, deficiência, experimentação.

ABSTRACT

This is a research about the body and blindness in enact in body experimentation workshops in Benjamin Constant Institute, national reference institution to visual disability. With the workshops, the research Perceber Sem Ver works for fifteen years to multiply versions of no-see and expand the body sensitivity. The research here is to tell many stories these experiences and disseminate other understandings of body and blindness, which is not guided in a hard and decisive physiology, but the experience to have a body [marked]. It is through the narratives of the field diaries that we carry forward a written with the strength of these trials, a writing sentient, where thought is composed WITH the other by the bond that occurs in the search field. It is an academic writing which operates the connection that is made WITH partnerships, a way of doing science in the feminine. Feminine because she was taken to forward by feminist women scientists. And from the diaries and feminist readings Moraes, Conti, Despret, Haraway, Resende and Canguilhem we developed the concepts of planning-ritual and prudence so expensive to trials, as well as create expanded conceptions of a positive health and rehabilitation as a of unique health process for each body.

Keywords: body, blindness, feminist writing, affirmative health, disability, experimentation.

SUMÁRIO

Porto de partida, a chegada... criando um nós.....	11
PARTE I.....	24
Rio Paru.....	25
porto: corpo-presença.....	25
Rio Corrente.....	35
porto: corpo-movimento.....	35
Rio Negro.....	41
porto: cegueiras no plural do singular.....	41
Rio Abaeté.....	47
porto: corpo-experimentação.....	47
PARTE II.....	54
Confluências.....	55
ritual – as oficinas: o tempo e o espaço das experimentações.....	55
prudência: a coragem do lançar-se.....	63
uma concepção afirmativa de saúde.....	72
reabilitação – a saúde possível para cada corpo.....	81
Porto final a partida.....	93
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	99

Porto de partida

a chegada... criando um nós

Sábio é o pirilampo que usa o escuro para se acender. (Provérbio de Kulumani retirado do livro “Confissão da leoa” de Mia Couto).

A chegada é também uma partida. Chega-se sempre a algum lugar tendo-se partido de outro. Para embarcamos nessa viagem textual, talvez seja importante dizer o que trago na bagagem até aqui, ou melhor, contar as histórias que fizeram esta escrita possível, para então seguirmos juntos. Depois de pensar bastante, percebi que não posso deixar de contar de onde vim, de como foi minha chegada, contar as histórias que me constituem e localizam essa pesquisa. Até poderia, mas, além de não estar sendo honesta com tudo e todos que me ajudaram a fazer esta dissertação, não deixaria os rastros que me fizeram fazer, “faire faire” como diz Despret (2012a) citando Latour, a pesquisa que aqui está. Rastros estes importantíssimos para a feitura de um conhecimento situado com as marcas do sangue de quem foram feitos os meus olhos (HARAWAY, 1995).

A primeira dessas histórias que quero contar aconteceu muito antes de imaginar que escreveria uma dissertação de mestrado. Era agosto do ano de 2005, quando eu cheguei a Itabuna, no interior do sul da Bahia. Havia me mudado a pouco da capital soteropolitana, muito a contragosto por motivos familiares, pois na minha cabeça juvenil aquela cidade interiorana não poderia me oferecer nada que a cidade grande já não me oferecia. Porém, não sabia que teria encontros na pequena itabocas que mudariam radicalmente minhas concepções de vida e de política. Foi o meu primeiro contato com a filosofia, na Curumim¹ – escola da educação básica da rede privada, frequentada majoritariamente por filhos da resistência artística e ativistas políticos grapiúnas, sendo parte deles também professores – as aulas eram em círculo em turmas pequenas, na minha tinham oito alunos e a maioria já estudava ali desde o jardim de infância, tendo tido contato com o pensamento filosófico desde lá. Fiz amizades que perduram até hoje². As aulas eram feitas para pensar, atizar nossos questionamentos

¹ Agradeço aos meus pais; Socorro Freitas e Gilbene Chaves, por me oportunizarem esse contato. E a minha imensa gratidão às irmãs educadoras produtoras desse belo projeto: Raquel e Rita Prudente.

² Gratidão ao encontro especialmente marcante com Luana Camuso, Maysa Carvalhal e Júlia Guedes, com quem eu passei manhãs em salas de aula, tardes pensativas ao som de Los Hermanos, Caetano ou Lily Braun, madrugadas em sarais e feituas de trabalhos, e que até hoje nos falamos e nos encontramos

acerca do que era ensinado, e em todas elas a criatividade e a produção estética era requisitada. Tínhamos, além das disciplinas básicas, aulas de filosofia, até de economia, rodas de leitura, danças afro-brasileiras como o maculêlê, a capoeira, o maracatu, e um evento anual chamado Manhã de Primavera, onde escola toda se reunia em uma grande apresentação com teatro, poesia, circo e dança na praça da cidade anunciando a chegada da primavera. Tinha vindo do Colégio Militar de Salvador e deixo para vocês as reflexões das diferenças que vivi ao encontrar esse outro mundo. Na Curumim, tive acesso a Marx, George Orwell, os estoicos, Machado de Assis, Hume, Chico Buarque, Adélia Prado, Clarice Lispector, e muito mais. Mas dessa história, a parte que quero contar para vocês foi o dia, logo após a apresentação da Calunga³, que a professora de dança Railda Prudente convida-me, talvez pela força com que vivi aquela performance, para integrar o grupo que ela coreografava de dança contemporânea; o grupo Minos⁴. No grupo Minos, os integrantes eram mais velhos, já não estudavam ou haviam largado o estudo para trabalhar no comércio e dançar, quase todos eram negros, e a relação com seus corpos – acostumados à correria das coxias – era de uma liberdade e sem nenhum pudor com a nudez que me impactou. Foram três anos de muita dança na minha vida. Ensaiávamos diariamente a feitura de um corpo sensível. E entregávamos nosso corpo há horas e mais horas, às vezes madrugadas a fio, na construção de espetáculos em que questionávamos com a dança nosso modo de estar no mundo. Pensávamos com o corpo. E esse encontro com o grupo, com a dança, é uma marca que carrego para chegar à escrita dessa dissertação.

Mas antes de chegarmos aqui é preciso contar outra história. A chegada à psicologia da Universidade Federal Fluminense, sediada no campus do Gragoatá banhado pela baía de Guanabara em Niterói, Rio de Janeiro. Percebo que algo da dança vibrava em mim ao sair da Bahia para me alojar na UFF, onde há uma convocação filosófica do corpo intensivo na formação. Escolhi como estágio obrigatório para

cultivando essa amizade. Em especial Júlia, que entre idas e vindas Rio-Bahia, ainda aprendo tanto com nossas trocas do feminismo às africanidades, gratidão querida.

³Calunga é uma boneca negra de madeira ricamente vestida, que simboliza uma entidade feminina, uma rainha ancestral, é um elemento sagrado dos candomblés de Pernambuco, e que sem ela o Maracatu não sai.

⁴Gratidão à mestra coreógrafa Railda Prudente – formada pela Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Gratidão também aos parceiros de dança que fizeram parte do grupo junto comigo de 2005 a 2008: Arnaldo Lima, Camila Camuso, Eron Lima, Joélia Rocha, Leiliane, Luana Camuso, Jocélia Rocha, Vitor, Mayana Leite, Cléber Trindade, Hadassa Carmo, Eloá Faustino, Halysson Kartter, Wanderson Moção.

formação de psicólogo: a Roda⁵, supervisionada pelo professor-guru Eduardo Passos é um estágio em clínica de abordagem transdisciplinar no Serviço de Psicologia Aplicada. Nessa abordagem há uma aposta que clínica se dá num atravessamento entre arte, filosofia e política, já que entende que longe de ser uma disciplina formatada ou fechada em si mesma, a clínica é uma experiência de contornos porosos, de limiares, que se dá no encontro com o outro. Com essa formação aprendi a problematizar a prática clínica, e propor estratégias particulares, singulares, que digam respeito aos problemas também singulares que esta nos propõe. Mas o encontro que quero contar para vocês foi com a mestra que redefiniu a pegada clínica que hoje levo adiante; o encontro com Ruth Torralba. A ela minha mais sincera gratidão e referência (e reverência). Naquele ano de 2012, Ruth fazia seu estágio docência do doutoramento e propunha para nós da Roda um grupo de estudos e experimentações sensoriais (ao qual ela chamou em sua tese de GEES), dispositivo que teve como intuito ativar uma escuta das sensações, acolher e formar o nosso corpo para o encontro clínico. A cada experimentação corporal saía remexida, meu corpo se abria a uma dimensão sensorial e intuitiva que não sabia mais se aquilo que experimentava era dança ou psicologia, era um entre, um *intermezzo*. Mas o que importava ali era que minha formação estava sendo marcada pela experiência corporal em um caminho sem volta. E desde esse contato sabia que era isso que queria levar adiante com minha psicologia. Ruth Torralba orientou juntamente com Eduardo Passos minha monografia de conclusão de curso – *Corpo-comum: por uma experiência compartilhada* (2013) –, e incentivou-me a continuar no Rio, dando apoio à seleção de mestrado que prestei para própria UFF e abrindo meus caminhos na prática clínica. A isso, mais uma vez, meus agradecimentos. Deságio ao mestrado com o projeto de dissertação: “Laboratório de sensibilidades: uma aposta na experimentação estética como provedora de saúde”. Para falar dessa chegada, preciso contar do meu encontro com Márcia Moraes e sua pesquisa, e como isso revirou meu barco.

⁵ Agradeço ao, hoje amigo, Eduardo Passos e a todos os companheiros de supervisão que fizeram girar a roda comigo nos anos de 2011 a 2014: Adrielly Selvatici, Izabel Tavares, Lorena Guerrini, Lucas Veiga, Tarso Ferrari, Yuri Jahara, Vitor Gripp, Felipe Sut, Verônica Ribeiro, Josselem Conti, Alessandra Rotemberg, Diana Lazera, Diana Green, Gláucia Santiago, Rayssa Carvalho, Ellen Ribeiro, Mônica de Castro, Renata Nardelli, Pamela Silva, Paula Medeiros, Laís Amado, Bárbara Marques, Ruth Torralba, Carlos Eduardo, Eduardo Lemgruber, Flávia Fernando, Elisa Moraes, Gabriela Cabral, Guilherme Prado, Júlia Baumann, Pedro H. Domingues, Nathália Fatigatte, Leandro Cunha, Ana Carol.

Na entrevista de seleção, Márcia⁶ convidou-me para pesquisar onde ela já realizava sua pesquisa há anos, no campo das deficiências, especificamente da cegueira, no Instituto Benjamin Constant⁷ localizado no bairro da Urca, Rio de Janeiro, em que era realizada no setor da Reabilitação a Oficina de Experimentação Corporal com a equipe do Perceber Sem Ver⁸. Oficina que levava o mesmo nome da que eu tinha proposto no projeto, mas que sendo realizada com pessoas cegas e com baixa visão em um funcionamento que já acontecia, mudava tudo. MM também recomendou na entrevista que eu abrisse mão dos referenciais teóricos do projeto apresentado para inserir as leituras do grupo de orientação Pesquisar COM⁹. Topei ambas as sugestões, sem saber ao certo por onde e como seguir dali.

Logo nos primeiros contatos com o coletivo da pós Pesquisar COM; com o grupo de pesquisa Perceber Sem Ver; e com o campo nas Oficinas de Experimentação Corporal, nesse último mais intensamente, meu corpo não ficou ileso com os inesperados, o não saber e as angústias ali disparadas. Àquela altura me encontrava numa espécie de abismo, em diversas vezes pensei em desistir, a estranheza com a cegueira e suas questões era tanta que pensava que aquilo tudo não tinha nada a ver com que queria pesquisar, não sabia o aquilo me dizia. Mas desistir não era uma opção real, a bolsa do mestrado sustentava minha permanência no Rio, e daqui não queria sair. E uma solidão me assolava nessa chegada, sentia-me estrangeira e carregava a forte crença de ter que esquecer o que já havia aprendido e começar tudo zero. Ironicamente

⁶ Márcia Moraes orientadora dessa dissertação, minha gratidão não tem tamanho para tanta calma e compreensão dessa grande mulher. Márcia ou MM é como comumente a chamamos.

⁷ O IBC é uma instituição carioca de referência nacional à deficiência visual e está vinculado ao Ministério da Educação. Dispõe de uma escola que oferece aulas até o ensino fundamental e de setores, como a Reabilitação, que atendem de jovens a idosos cegos e com baixa visão. A reabilitação oferece atividades que buscam desenvolver habilidades para a vida diária, leitura a Braille, uso de recursos tecnológicos, uso da bengala, entre outras ações, como por exemplo, a Oficina de Experimentação Corporal.

⁸ A pesquisa Perceber Sem Ver teve início em 2004, Márcia Moraes coordena o projeto desde o princípio, como projeto guarda-chuva ele abarca outros de iniciação científica à extensão, como também projetos como o meu de pós-graduação. Por ele já passaram muitas pessoas, mas a atual configuração da equipe conta com (e a eles agradeço imensamente pela acolhida): Josselem Conti, Camila Alves, Alexandra Simbine, Larissa Mignon, Lia Paiva, Thais Amorin, Raffaella Petrini, Juliana Cecchetti, Louise Savelli, Luana Garcia, Beatriz Pizarro, Lucas Calvet, Carolina Sarzeda e Dandara Chiara. Sem elas (estou certa que o único homem, amigo já de longa data, não se importará da inclusão no feminino) essa dissertação seria impossível.

⁹ A esse potente grupo composto por mulheres, da orientadora a todas as companheiras do barco de orientação, minha gratidão: Márcia Moraes, Marília Silveira, Josselem Conti, Camila Alves, Alexandra Simbine, Nira Kauffman, Elis Teles da Silva, Talita Tibola, Maria Aparecida dos Santos, Eleonôra Prestelo, Alessandra Rotemberg, Luiza Telles, Luciana Franco, Marília Toscano, Maria Rita Campello, Ângela Carneiro, Fátima Queiroz, sem as quais, mais uma vez, este texto não seria possível.

estava na UFF, lugar que já tinha como território afetivo e familiar há cinco anos, mas ali com aquele campo de pesquisa e com aqueles grupos habitava outra língua, eram outros modos de operar e dizer que eu nunca havia entrado em contato. Foi confuso, e a força daqueles coletivos e suas proposições pertinentes arrastaram-me numa travessia, me incomodaram, digo, me tiraram do conforto, fazendo derivar a pesquisa por caminhos que eu não imaginava antes de começá-la. Com essa confusão própria dos acontecimentos que te sacodem, sintonizei com uma velocidade atropelada, velocidade que não deixa chegar, ou antes, não permite digerir o que se sente. Começo a dar conta disso quando na qualificação a professora Laura Quadros faz ver no texto uma pressa na construção de um nós, como se antes de construí-lo eu já tivesse que estar nele. Para não viver a solidão, em alguma dose inevitável na escrita, corri para um nós que ainda não existia. E como um sopro ao pé do ouvido: “Alguém me avisou pra pisar nesse chão devagarinho”.

Foi então que se deu o encontro com o feminismo. Verdade seja dita, o feminismo chegou a minha vida muito antes, através da minha própria experiência de ser mulher e ter um corpo social e historicamente marcado muitas vezes como inferior, ou simplesmente objeto sexual, em que eu fui convocada a responder e resistir enquanto mulher, já diz a famosa fórmula de Beauvoir – não nascemos mulheres, nos tornamos a partir do que somos convocadas a. Foi, entretanto, com o mestrado e os grupos de pesquisa que adentrei que conheci as pesquisas feministas, isso inclui a das minhas parcerias, e pude com elas entender que o pessoal é político¹⁰. Porque quando uma experiência pessoal toca o outro se torna política, se pode dizer “eu também”, “eu também me importo”, e então uma conexão se faz, cria-se um nós, Josselem Conti (2015) diz que é “político quando abre a possibilidade de se conectar e compor um mundo comum” (p. 110). Mas é importante frisar que ser feminista não basta para fazer uma ciência no feminino, pois a ciência no feminino exige essa operação pelo laço e pelo vínculo, exige se disponibilizar a pensarCOM o outro e não sobre outro, e essa é prática que a militância feminista ensina, mas pouco a ciência prática, é preciso uma tomada de posição para esse trabalho acontecer. Lembro-me quando eu pude dizer: eu também, e articular com o campo da deficiência e aqueles coletivos; um nós. Por

¹⁰ “O pessoal é político” título de um dos capítulos do livro “As fazedoras de histórias” de Despret & Stengers (2011). *Les faiseuses d’histoires. Ce que les femmes font à la pensée*. Paris: La Découverte / Les Empêcheurs de penser en rond. Gratidão ao grupo Pesquisar COM que se agenciou para a tradução desse texto.

recomendações de Márcia assisti ao filme “Examined Life¹¹”, ela iria levá-lo para a disciplina da graduação Estudos da Deficiência, que cursei no primeiro semestre do mestrado e me foi de fundamental importância para essa escrita. O documentário dirigido por Astra Taylor (2008) traz o encontro de Judith Butler com Sunaura Taylor, a primeira filósofa feminista da teoria queer, e a segunda militante do movimento de pessoas com deficiência, que usa uma cadeira de rodas motorizada por conta de uma deficiência física congênita. E para que vocês estejam comigo na virada desse barco, trarei na íntegra textual a vivência desse vídeo, meus agradecimentos a Juliana Cecchetti por traduzi-lo e a Jô Conti (2015) por colocá-lo também em sua dissertação.

Examined Life

Butler: Eu pensei que deveríamos caminhar juntas. E uma das coisas sobre a qual eu gostaria de falar é o que significa para nós caminharmos juntas. A primeira vez que eu te perguntei sobre isso, você me disse que saía para caminhadas, você fazia passeios.

Taylor: Eu faço.

Butler: E... Pode dizer algo sobre o que isso é para você? Quando você o faz, e como você o faz, e que palavras você tem para isso?

Taylor: Bem, eu penso que eu sempre saio para caminhar. Provavelmente, eu caminho todos os dias. E eu sempre digo às pessoas que eu estou indo caminhar. Eu uso esta palavra. E a maioria das pessoas com deficiência que eu conheço também usa este termo.

Butler: E que ambientes tornam possível que você caminhe?

Taylor: Eu me mudei para São Francisco principalmente porque é o lugar mais acessível do mundo. E parte do que é tão incrível para mim sobre isso é que o acesso físico... O transporte público é acessível, há rampas na maioria dos lugares. Quase todos os lugares em que eu vou há rampas, os prédios são acessíveis. E o que acontece é que isto também leva a uma aceitabilidade social, que de alguma forma por haver o acesso físico, há simplesmente mais pessoas com deficiência fora de casa. As pessoas

¹¹ Está disponível no youtube [HTTPS://www.youtube.com/watch?v=wgJ9ErSGsXQ](https://www.youtube.com/watch?v=wgJ9ErSGsXQ). Agradecemos Juliana Cecchetti por traduzir para o português essa conversa entre Butler e Taylor, pois assim podemos levar adiante suas palavras.

aprenderam como interagir com elas e estão acostumadas com elas, de certa maneira. Então, o acesso físico na verdade leva a um acesso social, uma aceitação.

Butler: Sim. Deve ser bom não ter que ser sempre a pioneira... A primeira pessoa que eles conhecem... A primeira pessoa com deficiência que eles já viram na vida e ter que explicar...

Taylor: Sim.

Butler: e sim eu posso, sabe, falar... E pensar e falar, e me mover e aproveitar a vida...

Taylor: Sim.

Butler: e sofrer muitas das mesmas mágoas que você sofre. De qualquer modo, mas o que eu estou me perguntando é... Se mover em um espaço social, certo? Se mover, todos os movimentos que você pode fazer... Que te ajudam a viver, e que te expressam em diversas maneiras. Você se sente livre para se mover de todos os jeitos que você quer se mover?

Taylor: Eu posso ir a uma cafeteria e efetivamente pegar o copo com a minha boca e carregá-lo até a minha mesa. Mas então isso acaba se tornando quase mais difícil, simplesmente por causa dos padrões normalizadores dos nossos movimentos e o desconforto que isto causa... Eu faço coisas com partes do corpo que não são necessariamente o que nós supomos ser a sua função. Isto parece ser até mais difícil para as pessoas lidarem.

Butler vê pelo caminho um pé de sapato abandonado perto do meio fio da rua e pergunta: Este é o sapato de alguém?

Taylor: O sapato de alguém... Eu me pergunto se eles podem andar sem ele.

Butler: É. Só estou pensando que ninguém sai para caminhar sem ter alguma técnica de andar... Ninguém vai caminhar sem que tenha algo que auxilie este caminhar, fora de nós mesmos e que talvez nós tenhamos a falsa ideia de que uma pessoa com um corpo eficiente é de alguma forma radicalmente autossuficiente.

Taylor: Claro. Só lá pelos meus 20, 21 anos que eu comecei a me conscientizar sobre a deficiência como uma questão política. E isto aconteceu principalmente pela

minha descoberta do modelo social da deficiência. Nos estudos da deficiência há uma distinção entre deficiência (disability) e lesão, dano (impairment). Então, impairment seria o meu corpo, minha incorporação neste exato momento. O fato de eu ter nascido com artrogripose, que afeta - o que o campo da medicina rotulou como artrogripose - Mas é basicamente que minhas juntas são fundidas. Meus músculos são mais fracos. Eu não posso me mover de determinadas formas. E, isso com certeza afeta a minha vida, em todos os tipos de situações. Por exemplo, sabe... Tem uma árvore de ameixa no meu jardim. E eu não posso pegar as ameixas direto da árvore. Eu tenho que esperar que elas caiam, mas aí, tem esta incorporação, nossa própria única incorporação. E então tem a deficiência, que é basicamente a repressão social das pessoas com deficiência. O fato de que os deficientes têm opções de habitação limitadas. Nós não temos oportunidades de carreira. Nós somos socialmente isolados. Somos... Você sabe, em muitas maneiras, há uma aversão cultural às pessoas com deficiência.

Butler: Então seria a deficiência a organização social da lesão?

Taylor: Os efeitos incapacitantes, basicamente, da sociedade.

Butler: E o que aconteceu? Você entrou em contato com ativistas da deficiência? Ou você leu algumas coisas?

Taylor: Na verdade eu li a resenha de um livro.

Butler: É mesmo?

Taylor: Sim, eu li apenas a resenha de um livro. E quando isso aconteceu, eu vivia no Brooklyn. E eu realmente tentei fazer com que eu saísse de casa e simplesmente pedisse um café sozinha. E eu me sentei por horas previamente no parque, apenas tentando criar coragem para fazer isso.

Butler: Nossa.

Taylor: De certo modo, é um protesto político para eu entrar e pedir um café, e demandar ajuda... Apenas porque, em minha opinião, ajuda é algo que todos nós precisamos e isso é algo que é, você sabe, menosprezado e, não é realmente defendido na nossa sociedade, enquanto todos nós precisamos de ajuda e somos todos interdependentes em todo tipo de situação.

Butler: Sim.

As duas se aproximam de uma loja de roupas e Taylor sugere que entrem para que ela compre algo quente para ela vestir. Dentro da loja vemos uma pessoa com muletas. Elas escolhem um suéter vermelho e Butler a ajuda a vestir, um braço de cada vez e depois ajeita no corpo. E Taylor brinca com Butler dizendo que será um novo programa: "Compras com Judith Butler". Taylor decide comprar o suéter e vai ao caixa pagar. No momento em que a atendente lhe entrega a nota fiscal e o seu troco em moedas, Taylor pede que ela lhe entregue uma coisa de cada vez.

Taylor: É, eu só não consigo segurar os dois ao mesmo tempo.

Atendente: Aqui está.

Taylor e Butler saem da loja e continuam conversando...

Butler: Eu acho que gênero e deficiência convergem em muitas diferentes maneiras. Mas uma coisa que eu acho que os dois movimentos fazem é nos levar a repensar o que o corpo pode fazer. Tem um ensaio feito pelo filósofo Gilles Deleuze que se chama "What can a body do?" ("O que um corpo pode fazer?") e a questão tenta desafiar os modos tradicionais como pensamos sobre o corpo. Nós frequentemente perguntamos o que é um corpo ou qual a forma ideal de um corpo ou, sabe, qual a diferença entre o corpo e a alma e esse tipo de coisas. Mas "o que um corpo pode fazer?" é uma pergunta diferente. Isso isola uma série de capacidades e uma série de instrumentalidades, ou ações, e nós somos como uma junção destas coisas. E eu gosto dessa ideia. Não é como se houvesse uma essência e é como se não houvesse uma morfologia ideal, sabe, como o corpo deveria parecer. E, exatamente, esta não é a questão.

Taylor: Sim, sim.

Butler: ou como um corpo deveria se mover. Hm, e uma das coisas que eu encontrei pensando sobre gênero, e até violência contra minorias sexuais, ou minorias de gênero, pessoas cuja identidade de gênero não está de acordo com padrões ideais de feminilidade ou masculinidade... Tem um garoto em Maine que acho que ele tinha por volta de 18 anos. E, ele andava com um gingado diferente, os quadris indo de um lado para o outro e um andar muito feminino. Mas então um dia ele estava indo para a

escola, e ele foi atacado por três colegas da sua sala, e ele foi atirado de uma ponte, ele foi assassinado. E, a questão com a qual a comunidade teve de lidar e, claramente, toda a mídia que cobriu este acontecimento era, como pode ser que o andar de alguém, que o estilo de alguém andar possa engendrar o desejo de matar esta pessoa? E isso, sabe, isso me faz refletir sobre o andar de um jeito diferente. Digo, o andar pode ser algo perigoso.

Taylor: Eu estou só lembrando quando eu era pequena. Quando eu andava me diziam que eu andava como um macaco. E eu acho que para muitas pessoas com deficiência, a violência e o ódio existem muito. E sabe, de algumas maneiras, eu me pergunto também só pensando sobre o comentário do macaco... Onde nossas fronteiras se posicionam entre humanos e não-humanos, entende?

Butler: Isso faz com que eu me questione se a pessoa era anti-evolucionista. Talvez eles fossem criacionistas. É tipo, "Bem, por que nós não deveríamos ter algumas semelhanças com o macaco?".

Taylor: Bem, o macaco sempre foi na verdade o meu animal favorito. Então, na verdade, por muitas vezes eu me sentia lisonjeada. Mas isso quando naqueles momentos intermediários... Sabe, o intermediário entre masculino e feminino... Ou o intermediário entre morte e saúde... Quando você ainda conta como um humano?

Butler: O que eu sinto é que, o que está em jogo aqui é realmente repensar o humano como uma posição de interdependência. E eu penso, sabe, quando você entra na cafeteria, certo? Se eu posso voltar nesse momento um pouco. E você pede o café, ou você certamente, até pede alguma ajuda com o café, você está basicamente colocando a questão: Vivemos ou não vivemos em um mundo no qual nós ajudamos uns aos outros?

Taylor: Sim!

Butler: Ajudamos ou não ajudamos cada um com necessidades básicas? E há necessidades básicas para serem decididas como uma questão social e não apenas minha questão pessoal, individual ou sua questão pessoal, individual? Então, quero dizer, há um desafio ao individualismo que acontece no momento em que você pede a ajuda de alguém com o seu copo de café. E espero que pessoas tomem isso e digam: "Sim, eu também vivo nesse mundo".

Taylor: Sim.

Butler: no qual eu entendo que nós precisamos uns dos outros a fim de atender às nossas necessidades básicas. Entende? E eu quero organizar um mundo social, político com base nesse reconhecimento. (CONTI, 2015, p. 87/91).

O entrelaçamento dos estudos sobre a deficiência com o feminismo foi, para mim, não só um grande achado, por ter trazido o corpo em sua dimensão experiencial, mas porque foi à via do meu engajamento nessa pesquisa. É as feministas que trazem, inclusive nos estudos da deficiência, a experiência de se ter um corpo como uma questão e construção política. Foi também a perspectiva feminista que fez da deficiência um tema problemático, não mais dado de natureza ou fato do azar, mas um conceito amplo e relacional que necessita ser debatido acadêmica e politicamente. Afirmam que entre as restrições anatômicas e a experiência da deficiência há distâncias marcadas; isso porque habitar um corpo [deficiente] esbarra para além das fronteiras físicas, já que é viver em um corpo marcado socialmente pelo estigma (DINIZ, 2003). As leituras feministas fizeram soar em mim que há uma experimentação dilacerante em se habitar um corpo. Acaloraram os estudos que fazia sobre o corpo, e pude me engajar nas questões acerca da deficiência, pois o que está em jogo nessa escrita é a experiência de se ter um corpo.

De início não percebi a força das propostas iniciais de MM, pois não se tratava de esquecer o que carregava na bagagem, mas fazer crescer os referenciais por dentro, o que estava sendo proposto era um compromisso com a escrita em parcerias por meio de uma vigorosa política de citação. Uma política que valoriza um estilo de pensamento conectado e uma escrita que perturba o isolamento acadêmico previsível de autores consagrados, através de uma valorização explícita das redes coletivas nas quais pensamos com o outro, ao invés de usar o pensamento dos outros como mero fundo (BELLACASA, 2012). Quando a ficha caiu, a escrita dessa dissertação pôde fluir, o texto pedia polifonia. E nos encontros semanais que vivia, havia uma convocatória a pesquisarCOM, faziam-se companheiras no exercício do pensar e do fazer, assim como resgata etimologicamente Haraway: *cumpanis* (com quem se partilhar o pão), e a cada semana tanto nas quartas pela manhã como nas sextas à tarde levavam-se de fato lanches para compartilharmos, um convite a comer junto, saborear o saber. Diminui a velocidade, entrei no movimento de-vagar, de perambular por essa chegada, pois o

“nós” não é dado de saída, é de uma presença que se trata. Criar o nós parte de uma convocação, de uma oferta, e também de um aceite ao encontro, é uma implicação recíproca. E enquanto mulher feminista, atentada no como habitar a ciência de modo contra hegemônico, eu não pude ouvir a proposição de fazer ciência no feminino¹² sem me implicar mutuamente a pensar junto com elas como companheiras. O feminino na ciência é um belo texto de Isabelle Stengers (1989) que nos implica e nos abre caminhos para um modo de produzir conhecimento que nos implica e nos faz fazerCOM. Com essas mulheres aprendi que jamais estamos sozinhos numa construção de conhecimento, o fazemosCOM o outro, sejam eles animados ou inanimados, e é preciso deixar os rastros dessas conexões.

Bem, agora que estamos juntos nesse barco, e pudemos ouvir suas histórias de bordo, vamos seguir viagem. Antes lhes trago o roteiro, mas em nada ele é fixo, ao contrário é fluido como as águas de um rio. Vocês mesmos poderão escolher em que porto atracar, que caminho afluir. Dividi esse texto em duas partes: a Parte I é afluyente, são como pequenos rios, com cursos menores de água, mas não menos importantes por isso, suas paragens trazem as noções de corpo e cegueira que tecemos e seus portos levam os nomes de: corpo-presença, corpo-movimento, cegueiras no plural do singular e corpo-experimentação. A Parte II é confluência, onde acontece à junção dos cursos d’água, os afluentes aqui se misturam e se podem encontrar correntes que se repetem, mas isso faz parte do encontro das águas para tornar o fluxo mais caudaloso e a viagem literária mais fluida já que um porto pode ser atracado antes do outro, e desta Parte os portos são importantes conceitos que desaguamos nessa escrita: ritual – as oficinas: tempo e espaço das experimentações, prudência: a coragem do lançar-se, uma concepção afirmativa de saúde e reabilitação – a saúde do possível para cada corpo. Tudo que está em itálico faz parte do *campo de pesquisa*, tem a letra corrida das águas e todos os nomes que assim aparecem são inventados. Vocês poderão sentir essa viagem literária ora mais lenta, tediosa como as águas quase paradas das lagunas, ora mais intensa, veloz e abundante, como as águas agitadas das cachoeiras e pororocas, os ritmos vieram como vem à escrita, ora fluida, ora truncada. No mais, é só seguir, vamos juntos descobrir o que há pela frente.

¹² O feminino na ciência de Isabelle Stengers. Revista 34 Letras, nº 5/6, Rio de Janeiro, set. 1989. Este artigo foi originalmente publicado como “avant propos” do livro *L’Intuition du Vivant. La vie et L’Oeuvre* de Barbara McClintock de Evelyn Fox Keller. Ed. Tierce, Paris, 1989.

Serendipidade então passou a ser usada para descrever aquela situação em que descobrimos ou encontramos alguma coisa enquanto estávamos procurando outra, mas para a qual já tínhamos que estar, digamos, preparados. Ou seja, precisamos ter pelo menos um pouco de conhecimento sobre o que “descobrimos” para que o feliz momento de seredipidade não passe por nós sem que o sequer o notemos. (Do livro “Um defeito de cor” de Ana Maria Gonçalves).

Parte I

Eu sou todo corpo e nada mais; [...] o corpo é uma grande razão, uma multiplicidade com um sentido, [...] há mais sabedoria no teu corpo que na tua melhor sabedoria. (Nietzsche no discurso Dos desprezadores do corpo em Assim falou Zaratustra).

Rio Paru¹³

*Me diga, minha Dona: qual é a palavra para dizer futuro? Sim, como se diz futuro? Não se diz, na língua deste lugar de África. Sim, porque futuro é uma coisa que existindo nunca chega a haver. Então eu me suficiento do actual presente. E basta. (Mia Couto, “Sou feliz só por preguiça. A infelicidade dá uma trabalhadeira pior que doença”, Excerto do livro “Mar Me Quer”)*¹⁴.

porto: corpo-presença

O tempo corria e logo chegou ao fim da oficina. Sentamos para conversar sobre o que se passou e sou tomada por um susto ao ver Maria¹⁵ emocionada, chorando. Ela foi a primeira a falar, disse que tinha sido muito bom poder relaxar, poder sentir o corpo. “Quando no seu dia você realmente para? Para mesmo, sabe? Não pensa em nada, só sente seu corpo?” Maria aguda em suas sensações desassossegava a todos com suas perguntas precisas. A atmosfera da sala estava diferente, o ar estava mais denso, mais quente. A condução da conversa seguia o fluxo da sensação e não do pensamento, não sabíamos os passos a seguir, mas seguíamos juntos. Todos estavam ali sentindo. Sentindo a pausa, a presença. A energia que circulava era palpável, toda a roda estava conectada em uma mesma vibração, era como um tecido que abraçava a todos. Havia tempos que não parava, Maria disse engasgando um soluço. No dia a dia de quem não enxerga não há espaço para relaxar, é preciso sempre manter o corpo atento, assim como tenso ao que se passa nas ruas. Mas, com lágrimas nos olhos, disse que sentir o corpo nesse momento era sentir o envelhecimento e isso estava sendo muito difícil para ela, que sempre fora muito agitada e independente, e que mesmo a cegueira não lhe fez parar, mas a velhice estava lhe pesando os ombros. Foi difícil escutar isso sem saber muito bem como agir, era como se tudo que pudesse falar não faria cessar aquele sofrimento, a única coisa que poderia fazer e fiz, era ouvir e compartilhar com ela

¹³ Os rios que apresentam os itens foram escolhidos pelo nome que eles carregam em conexão com o sentido do texto que segue, mas faço questão de trazer também sua localização e sua definição hidrográfica. O rio Paru é um dos afluentes do rio Amazonas. Ele nasce na serra de Tumucumaque, na fronteira com o Suriname, cruzando em toda a sua extensão o município de Almeirim no Pará, até desaguar na margem esquerda do rio Amazonas.

¹⁴ Gratidão a Talita Tibola que enviou por email essa bela prosa para o grupo PesquisarCOM. O texto se encontra no site: <http://www.revistapazes.com/mia-mar-me-quer/>, visitado 13 de julho de 2016.

¹⁵ Um nome inventado, todos os nomes usados nas histórias de campo são inventados.

aquela angústia, poder fazê-la circular e estar presente ali. (Gabrielle Chaves, Grupo Perceber Sem Ver, trecho do Diário de campo escrito em 25 de maio de 2015).

Antes de seguir, respiremos, entremos aqui também no exercício de presença, entremos em contato com os afetos que foram disparados nesse trecho de diário, com os afetos que já estavam presentes antes de lê-lo também. Esvaziemo-nos de pensamentos, deixemo-los passar como uma paisagem ao redor de nosso barco e façamos o exercício de nos preencher de ar, abrindo espaços aos afetos. Não se esqueçam de respirar, criando assim espaços entre, entre um pensamento e outro, entre as costelas e os pulmões, entre os órgãos internos, entre as articulações. Os convoco para que estejam aqui presentes comigo.

Há vários fios para prosear nesse trecho de diário de campo, puxemos aquele que nos interessa agora, o fio do instante que fez parar para reparar no que se passava. O instante de sentir o corpo. Revisito aquele momento e perguntas me surgem. Que susto é esse que me toma? O que o choro de *Maria* provoca? O que sua fala equivoca?

Eu não esperava o choro e muito menos a fala que o acompanhou. Parar para sentir o corpo, entrar em uma temporalidade mais lenta, diminuir o ritmo frenético da vida cotidiana, faz disparar afetos. *A condução da conversa seguia o fluxo da sensação e não do pensamento, não sabíamos os passos a seguir, mas seguíamos juntos.* O que surge são sensações que não são previsíveis, que não são planejadas. A experimentação corporal carrega essa surpresa, porque ao sentir o corpo não sabemos o que pode surgir, é um estado de suspensão e entrega, é um susto!

Mas meu susto carrega também um achismo preconcebido do que poderia ser disparado por aqueles corpos. Cegos ou no processo de cegar. Quando *Maria* chora e fala da velhice à porta, ela me desloca, convoca a minha escuta para um lugar que não estava dado na oficina da reabilitação. O saber e as expectativas que carregava na lida com deficientes visuais¹⁶ são deslocados, surpreendo-me com o caminho que surge. A velhice, a idade que chega e pesa, não estavam na pauta, não era esperada por mim em uma oficina para trabalhar a cegueira, a deficiência. *Maria* é cega, perdeu a visão já adulta em um acidente de carro, mas *a cegueira não fez parar*, ao parar para sentir o

¹⁶ E devo admitir que minha experiência com a cegueira fosse quase nula, muito do que carregava era de ouvir falar, não sabia o que “se deve fazer” com a deficiência, e admito mais uma vez que ainda não o sei, foi com o convívio que entendi que não há **A** deficiência, mas corpos que carregam essa marca (e que carregam também muitas outras). E mais, aprendi que a deficiência a é algo sendo feito no corpo. E algo que, como um corpo marcado, você faz (MOL, 2002).

corpo *Maria* nos dá o testemunho de sentir o próprio tempo, sua passagem, seu peso. E para que esse testemunho fosse sustentado foi preciso manter o corpo aberto; permitir ser deslocada com o outro; se deixar afetar ao que se passa e não ir embora. Nós, pesquisadoras, também testemunhamos, mas na condição de quem se deteve para ouvir. Eis aqui um primeiro entendimento que fazemos do pesquisar: pesquisar cuidadosamente com o outro exige ter um corpo presente, capaz de ser afetado e movido pelo encontro, ao nos colocarmos para pesquisar COM o outro é preciso habitar o momento presente. Abertos, presentes, partilhamos um afeto que *Maria* sozinha não podia suportar experimentar e ao mesmo tempo esse afeto me tirou também do lugar. Algo se passou. Algo foi feito no corpo de *Maria* e também no meu. *A condução da conversa seguia o fluxo da sensação e não do pensamento, não sabíamos os passos a seguir, mas seguíamos juntos.* Foi algo da ordem de um deslocamento, nossos repertórios afetivos se desestabilizaram, se contaminaram um com outro, *todos estavam ali sentindo, fomos movidos, todos co-movidos para um estado comum, comunicacional, estado de presença. O tempo pôde ser sentido.*

A oficina havia sido planejada para trabalhar o toque ao outro no guiar e ser guiado. *“Separamo-nos em duplas, como éramos três coordenadoras e três participantes, fizemos duplas mistas. Eu, Juliana e Raffaella fizemos um trabalho de sustentar o peso do outro, enquanto Lina, Maria e Antônio tinham que experimentar soltar o peso ao outro, era preciso passar confiança nesse exercício, era necessário que o toque convidasse o outro a entrega”* (trecho do mesmo diário acima). *Maria* havia nos dado a pista na semana anterior¹⁷: muitas pessoas de boa vontade na rua querem conduzir o cego agarrando seu braço, mas assim não é possível sentir as direções do percurso, os relevos do caminho, para além da invasão sentida no corpo. *Maria* também dizia da dificuldade de dizer ao vidente como fazer, da dificuldade de parar o movimento do outro, assim como confiar. E lá fomos nós trabalhar a entrega, a confiança – como o corpo pode estar aberto ao encontro e ao mesmo tempo protegido, inteiro?

¹⁷ Ao final de cada Oficina de Experimentação Corporal perguntamos aos participantes como foi, o que acharam, o que sentiram e para onde podemos seguir, o que podemos fazer para próxima experimentação. Entendemos que esse é um movimento da pesquisa de construir junto, fazer COM o outro. Além do que para nós, eles, os participantes, são experts de suas necessidades, do que querem ou precisam trabalhar, experimentar.

Seguimos para oficina com esse planejamento, mas ao se entregar na experimentação, abrir o corpo para um estado de presença, *Maria* chora e fala do tempo que lhe pesa aos ombros, e eu me surpreendo, não esperava o envelhecimento surgir, isso não estava planejado. Mas afinal, como o corpo pode estar aberto ao encontro e ao mesmo tempo protegido, inteiro? A pergunta condutora virou para quem conduz, o feitiço virou contra a feiticeira. Foi preciso trabalhar em mim a entrega, a confiança no grupo. Juntos nós fizemos o afeto circular, fissuramos o tempo cronológico para habitar um estado instável, germinal, que não se sabia, mas se sentia o que o corpo precisava naquele instante. Pesquisados e pesquisadoras desviando de um caminho que parecia traçado pelas questões da cegueira e do planejamento da oficina, abrimos fretas¹⁸ (CONTI, 2015) no e com o corpo.

Maria ao dizer *que a cegueira não lhe fez parar, mas a velhice estava lhe pesando os ombros* equivoca a própria deficiência como falta, uma perda já dada, essa fala faz desviar a premissa que eu tinha daquele corpo, a premissa de que um corpo cego só pode dizer de sua cegueira, como se essa marca apagasse todas as outras. A fala disparada clareia outros caminhos. O corpo cego pode (e faz!) outras coisas para além de ser cegar. Parece óbvio, mas não é. Na teoria produzimos lindas teses da produção/inclusão das diferenças, mas na prática viver os desvios é um desafio. E tal fala equivoca uma definição hegemônica da deficiência, definição que restringe a deficiência como a única questão da vida dessas pessoas, *Maria* faz mover nossa posição e proposição do que ali se passava naquela oficina. Mas não só. *Maria aguda em suas sensações desassossegava a todos com suas perguntas precisas*. Ela nos convocou a dimensão da presença.

Mas vocês podem estar se perguntando: o que seria esse estado de presença? O que significa estar no momento presente? Viviane Mosé (2011) ao se indagar e entrar em relação com o tempo escreve:

Quem tem olhos pra ver o tempo
Soprando sulcos na pele

¹⁸ A pesquisadora e parceira Josselem Conti (2015) em sua bela e rigorosa dissertação “Margens entre o pesquisar e o acompanhar: o que fazemos existir com as histórias que contamos?” nos convida a seguir as frestas que um encontro produz e nos alerta seguindo a nigeriana Chimamanda Adichie (2009) para os perigos das histórias únicas. É que tais histórias guardam de antemão os lugares nos quais os outros devem se encaixar. São formas de classificar e de categorizar os outros que não lhes oferece nenhuma oportunidade de se reinventarem. As histórias únicas, por serem repetitivas, empobrecem o mundo. Já as frestas nos levam a outros caminhos, a descobertas, a múltiplas versões dos acontecimentos.

Soprando sulcos na pele
Soprando sulcos?
O tempo andou riscando meu rosto
Com uma navalha fina
Sem raiva nem rancor.
O tempo riscou meu rosto com calma
**Eu parei de lutar contra o tempo
ando exercendo instantes
acho que ganhei presença.**
Acho que a vida anda passando a mão em mim.
A vida anda passando a mão em mim.
Acho que a vida anda passando.
A vida anda passando.
Acho que a vida anda.
A vida anda em mim.
Acho que há vida em mim.
A vida em mim anda passando.
Acho que a vida anda passando a mão em mim.
E por falar em sexo
Quem anda me comendo é o tempo
Na verdade faz tempo
Mas eu escondia
Porque ele me pegava à força
E por trás.

**Um dia resolvi encará-lo de frente
E disse: Tempo,
Se você tem que me comer
Que seja com o meu consentimento
E me olhando nos olhos
Acho que ganhei o tempo**

De lá pra cá
Ele tem sido bom comigo
Dizem que ando até remoçando.

(MOSÉ no Programa Provoações do dia 5 de agosto de 2011, grifo nosso).

Parar para encarar o instante de frente e então exercer presença. Habitar o instante. Sentir-se inteira, com o corpo aberto, no aqui e agora. Mas desacelerar não se encontra na ordem do dia a dia desse tempo em que vivemos. É preciso entrar em exercício de presença. Como ficarmos atentos ao que se passa? Como podemos parar?

Encarar o tempo de frente não é fácil, mais pesado ainda aos corpos cujo capitalismo julga como ineficientes, improdutivos, ultrapassados. Fissurar o tempo é um trabalho de produzir e sustentar o diferir. O diferir de nós mesmos, a diferença com o outro, diferir do tempo do outro, do tempo do mundo, da produtividade. Fissurar o tempo, exercer presença, é produzir e sustentar esse diferir, é um trabalho de inclusão da diferença. Da diferença em nós.

Ficamos um tempo em silêncio, e vi os olhinhos de Maria emocionados. Senti que algo no campo do sensível havia emergido. Aos poucos, pedimos para que sentassem. Todos pareciam diferentes. Em especial, Maria me chamava atenção. Sua voz estava mais pausada. Como se degustasse cada palavra que dizia. [...]

Maria falou que há muito stress no dia a dia, e que para ela – e acredita que também para os outros que enxergam pouco – o corpo precisa ficar tenso para ficar atento ao mundo. O corpo precisa produzir uma tensão, se retraindo, para poder prestar atenção, já que lhe falta a visão. Ficar tenso para poder se atentar para os perigos de um assalto, para atravessar a rua, ou perceber um buraco no chão. Em meio a essa fala, nos disse que era muito bom estar ali. Achei tudo isso que ela havia dito muito potente.

Mas será que é preciso não sentir o corpo para então prestar atenção no mundo? (Raffaella Petrini, Grupo Perceber Sem Ver, trecho do Diário de campo escrito em 25 de maio de 2015).

A mesma oficina recontada em outro diário, por outra pessoa, com outra versão, outros elementos, outras afetações. Como um parêntese, eis outro entendimento/aposta que fazemos do pesquisar: pesquisar com o outro nos leva a uma multiplicidade de sentidos possíveis, nos leva a outras histórias daquela experiência, pesquisarCOM é fazer parcerias, é poder povoar o mundo com outros pedaços de história, outras versões, tornar assim o mundo mais denso, mais rico. Maria Puig Bellacasa (2012) escreve o que eu mesma gostaria de ter escrito para afirmar essa proposição dos muitos diários e parcerias que aqui estão:

O que é interessante aqui para mim, o que me solicita a cultivar um etilo de escrever-com, não é quem ou o que este etilo almeja incluir e representar em um texto, mas o que ele gera: ele na verdade **cria o coletivo, povoa um mundo**. Ao invés de reforçar a

figura de um pensador solitário, a voz em um texto assim escrito parece continuar dizendo: **eu não sou a única**. **Pensar-com** fortalece o trabalho do pensamento, sustenta sua singularidade e seu potencial contagiante. **Escrever-com** é uma tecnologia prática que se revela como simultaneamente descritiva (ela inscreve) e especulativa (ela conecta). Ela constrói relações e comunidades, ou seja: possibilidades. (BELLACASA, 2012, p. 203, grifo nosso).

Nessa escrita me utilizarei dessa polifonia dos diários de campo meus e de minhas parceiras de pesquisa para tornar nossa compreensão mais densa, mais rica, deixando evidente a polifonia do viver/pesquisar, as múltiplas versões das cenas vividas no campo de pesquisa.

A cegueira que não fez parar ganha aqui com o relato de Raffaella os contornos da tensão, *o corpo precisa produzir uma tensão, se retraindo, para poder prestar atenção, já que lhe falta a visão*. Mas será que ficar atento é o mesmo que ficar tenso? Ao entrar em experimentação, *Maria* parou para sentir o corpo e algo ficou diferente em sua voz, em seu tom e em seu tônus muscular. *Todos pareciam diferentes. Em especial, Maria me chamava atenção*. Abrir o corpo é abrir-se como um todo, abrir a cabeça, o pensamento e a sensação. *Sua voz estava mais pausada. Como se degustasse cada palavra que dizia*. Ao abrir o corpo ao instante presente, os perigos do mundo, da rua, da falta de visão puderam ganhar outro lugar, outra velocidade, outra (a)tensão. *Algo no campo do sensível havia emergido* disse Raffaella. Era bom estar ali, corpo atento, mas não tenso. O movimento é inverso, para prestar atenção ao mundo é preciso sentir o que se passa, sair de um estado de tensão para um estado de atenção com o corpo. Angel Vianna (apud RESENDE, 2008b) afirma que “abrir o corpo é abrir caminhos”. Essa abertura é uma ampliação do vocabulário expressivo do corpo e, portanto é também uma criação de novas formas de estar no mundo.

Marina Abramovic (2010) diz em seu filme “The artist is present” que o objetivo de uma experimentação é nos esvaziarmos:

Sermos capazes de estarmos no momento presente, pôr nossas mentes no aqui e agora. Então, algo emocional aparece. Em performance é preciso uma tomada emocional, é um tipo de diálogo entre o público e a artista. E se você estiver presente 100% durante a performance, o momento emocional chegará para todos. Não há como explicar. Todos sentem isso.

Aquela oficina não era uma performance artística, mas algo se performa ali, o envelhecimento se performa na experimentação, assim como, a minha existência enquanto pesquisadora de estudos da deficiência e a própria deficiência e o corpo que investigo. Annemarie Mol (2002) ao pesquisar a arteriosclerose afirma que “Quando uma doença está sendo feita, nós podemos dizer que ela é performada de uma maneira específica. A palavra “performance” tem várias conotações apropriadas” (p. 32), e podemos transpor a metáfora da performance para esta pesquisa, pois quando um corpo cego está sendo feito, ele é performado de uma maneira específica, por caminhos singulares, mas ao mesmo tempo pode-se pensar que como em um teatro há bastidores, onde a realidade real está escondida, e essa associação não nos serve, pois o momento presente pode acabar perdendo sua força de promulgação, de fazer existir um modo de funcionamento em ato:

Então eu preciso de uma palavra que não sugira muito. Uma palavra com não tanta história acadêmica. A língua inglesa tem uma boa no estoque: **enact** (fazer existir, promulgar). É possível dizer que na prática objetos são enacted. Isso sugere que atividades tomam lugar – mais deixam vagos os atores. Também sugere que no ato [act], e só ali e então, alguma coisa é/está sendo enacted (MOL, 2002, p. 33, parênteses e grifo nossos) ¹⁹.

Brincando com a palavra, na oficina há uma experimentação in-act, em ato com outro, uma partilha é performada, como também a oficina enact, faz existir, performa corpos em modos específicos de funcionamento, promulga cegueiras no plural e no singular de cada prática. Assim, seguimos o corpo de modo à nunca o isolar das práticas com as quais são enacted, os diários fazem aparecer o que em ato, e só ali e então, está sendo e é.

Presença.

É algo que emerge no campo do sensível. Do fluxo da sensação e não do pensamento. Já que habitar a sensação traz para a subjetividade a presença viva do outro, presença passível de expressão, mas não de representação (ROLNIK, 2004, FAVRET-SAADA, 2005). É deslocamento. Pois, habitar “tal lugar afeta-me, quer dizer,

¹⁹ Agradeço ao grupo PesquisadorCOM que me ofereceu essa tradução. Deixo aqui a nota inicial da tradutora: “Essa é uma tradução preliminar e incompleta do original em inglês. Seu objetivo é fomentar discussão do tema em cursos de graduação. Ela não tem fins lucrativos. Favor não reproduzir e/ou circular. Qualquer dúvida entre em contato pelo e-mail camilcaux@gmail.com”.

mobiliza ou modifica meu próprio estoque de imagens, sem contudo instruir-me sobre aquele dos meus parceiros” (FAVRET-SAADA, 2005, p. 159). Enact/in-act-com o outro e não sobre o outro, é um fazer-se-com em ato. Afetar-se é da ordem do que Donna Haraway (2008) chamou por *becoming together*, tornar-junto, que nada tem a ver com estar no lugar do outro, ou sentir o que o outro sente. E insisto sobre esse ponto, pois é aqui que se torna possível o modo de conhecer a que visio aqui com esta pesquisa, pois o próprio fato de habitar a sensação e ser afetada/posta movimento abre-nos uma comunicação específica, “uma comunicação sempre involuntária e desprovida de intencionalidade, e que pode ser verbal ou não” (FAVRET-SAADA, 2005, p. 159), onde o que é comunicado um movimento mútuo, é alguma coisa que não se sabe exatamente o que é, mas que se sente a intensidade de que o outro é afetado. O conhecimento assim se efetua, “a comunicação [...] está precisamente se dando, assim, desse modo insuportável e incompreensível, então estou direcionada para uma variedade particular de experiência humana [...] porque por ela estou afetada” (FAVRET-SAADA, 2005, p. 160).

Entendemos, aqui, a experiência sensorial como estado germinal para a criação de sentidos. Vinciane Despret (2012a), em seu texto “De agentes secretos à interagência”, afirma que:

A experiência sensorial acontece onde os organismos vivos se tocam, afetam e estão sendo afetados um pelo outro [...] Uma experiência sensorial é um fluxo de forças” (p. 10), onde não há sujeitos, mas agentes, já que “não existe uma maneira de tocar sem ser tocado, não há maneira de determinar quem toca quem. Tocar performa uma dessubjetivação. [...] Ser um sujeito é apenas um dos finais possíveis do processo (p. 10).

Quando habitamos uma experiência sensorial, performamos uma dessubjetivação. Performamos agenciamentos que desafiam não apenas os limites corporais e temporais, mas também limites de sujeito/agente. Despret (2012a) continua:

Agências surgem em um fluxo de forças, em *agenciamentos* que fazem mais agências: aquele que faz o outro fazer, aquele que faz outros se moverem, aquele que inspira outros a serem inspirados, e aquele que é, portanto, induzido, mobilizado e, além disso, colocado em movimento, ativado (p. 12).

Os sentidos emergem via contágio, por meio de experimentação corporal, intensiva e sensorial e não como representação de uma ideia dada de antemão à experiência. “Reconhecemos uma experiência sensorial como a experiência concreta em que cada um dos que estão se "tornando-atores" efetua aos outros o poder de ser afetado” (p. 10) afirma ainda Despret (2012a). São sentidos que se criam em ato, são enacted como *continuum* daquilo que é sentido no contato, daquilo que experimenta o corpo no instante-agora do movimento (TORRALBA, 2009). O testemunho de *Maria* não era e nem poderia ter sido previsto por nós, foi gerado ali a partir da confiança, por um estado de presença do corpo dela e do grupo, um estado de entrega. E esses sentidos ‘sentidos’ criados em ato acontecem via sensação via deslocamento. Eles abrem o corpo (aqui acrescento a cegueira) como matéria a ser sempre redesenhada, a ser re-feita...

Se nós formos forçados a abandonar a questão 'do que é o corpo', nosso caminho nos leva a questioná-lo de uma maneira completamente diferente. Todos os nossos exemplos levantam o mesmo problema: o que o corpo (nos) faz (os outros) fazer. (DESPRET, 2004, O corpo com o qual nos importamos: figuras da antrozoogênese, p. 125).

O corpo, nesta perspectiva, vai ao encontro do que nos indica Vinciane Despret (2004), “se liga à proposição spinozista: ele se torna o lugar do que pode afetar e ser afetado. Um lugar de transformações” (p. 41). Esse poder do corpo de ser afetado é caracterizado pela sua relação com outros corpos, um corpo não termina nos seus contornos físicos, ele está sempre em relação, em comunicação simultânea, com outros corpos e com o mundo, e essa relação-interação sempre móvel o constitui. O corpo aqui, percebam, é o da experiência. Há algo na experiência de se viver, de se ter um corpo, que não é passível de redução a um biologismo, que escapa da objetividade do organismo, embora o próprio organismo seja moldado pelas histórias de vida. Não há uma fisiologia, um organismo já dado, os órgãos são também uma construção singular de cada corpo, não há um organismo que funcione igual ao outro, cada corpo performa um organismo/uma organização, mas tendemos a estabilizá-los e não seguir suas feições singulares.

Há cegueiras no plural. A cegueira tem uma multiplicidade de mundos densos de sensorialidade, a cegueira é múltipla e ao mesmo tempo singular. E assim também é o corpo; múltiplo, plural e ao mesmo tempo singular, ele é menos um organismo genérico

(os órgãos tem histórias singulares, o organismo se performa em cada vida) e mais um campo de forças, de materialidade e afetabilidade.

Assim, não podemos falar de uma determinação fixa e unívoca do corpo, quando ela é feita o corpo foi cristalizado, o que não nos convém. Não o abordaremos como uma estrutura pronta e acabada. Estou interessada em apontar os processos de criação de corporeidades, afirmando o corpo em movimento infinito. Pois, do corpo só sabemos por tato, por experimentação.

Rio Corrente²⁰

O que existe realmente não são coisas feitas, mas coisas em feitura. (William James, 1958a: 263 apud Vinciane Despret).

porto: corpo-movimento

Fecha os olhos e tenta pensar no teu corpo lá dentro. Sangue, mexeção. Pega o microscópio. Ah, eu não. Que coisa a gente, a carne, unha e cabelo, que cores aqui por dentro, violeta vermelho. Te olha. Onde você está agora? Tô olhando a barriga. É horrível EHUD. E você? Tô olhando o pulmão. Estufa e espreme. Tudo entra dentro de mim, tudo sai. Não tem nada que só entra? Não. [...] Ela Hillé, revisita, repasseia suas perguntas, seu corpo. O corpo dos outros. (Hilda Hilst, a obscena Senhora D).

Pele, osso, músculo, cabeça, juntas, unha, dente, pulmão... Dá um corpo? Bruno Latour dirá que não. O corpo não se define por suas partes diz Latour (2007) em sua conferência “Como falar sobre o corpo”, condição para o corpo é estar vivo, é a mexeção, o movimento do que entra e o que sai, a circulação do ar, do sangue, dos afetos, as cores violeta vermelho de Hilst. O corpo está a todo tempo sendo feito, se trata de uma rede dinâmica, e não estática, ele dirá. Ter um corpo é experimentar tê-lo. Latour (2007) afirma ainda que ter um corpo é aprender a ser afetado, posto em movimento pelo mundo, o corpo vivo está continuamente interagindo com o meio, com

²⁰ É um afluente do rio São Francisco e sua bacia hidrográfica está inteiramente localizada no estado da Bahia.

dentro e com o fora, em contínua criação de si. Corpo é movimento, e só o conhecemos por experimentação.

É um corpo intenso, intensivo. Ele é percorrido por uma onda que traça no corpo níveis ou limiares segundo as variações de sua amplitude. O corpo, portanto, não tem órgãos, mas limiares ou níveis. (...) A sensação é vibração. (...) O corpo é inteiramente vivo e, entretanto, não orgânico. Portanto, quando a sensação atinge o corpo através do organismo, adquire um caráter excessivo e espasmódico, rompendo os limites da vida orgânica. Em plena carne, ela age diretamente sobre a onda nervosa ou emoção vital. (...) a sensação é como o encontro da onda com Forças que agem sobre o corpo (...) (DELEUZE, G. 2007 *Lógica da sensação*, p. 51, 52).

Seguindo a sensação, habitamos uma lógica que faz o corpo se apresentar como uma experiência que vibra no encontro com o mundo, dimensionando o corpo para além dos limites de uma fisiologia estabilizada. O corpo intensivo, da experiência, não é um não-corpo, mas um corpo instituinte (RESENDE, 2008), que está continuamente em constituição, está sempre por acontecer, ou melhor, que está sempre acontecendo. O corpo não tem órgãos, mas limiares, graduações, estados. Georges Canguilhem (2012) em seu livro “O conhecimento da vida” também segue essa compreensão aberta e contínua do corpo, da interação com o meio ele afirma que o contorno do vivente não cessa em suas fronteiras ectodérmicas, assim como esse contorno não começa na célula: a “relação biológica entre o ser e seu meio é uma relação funcional, e, por conseguinte, **móvel**, cujos termos trocam sucessivamente o seu papel” (p. 155, grifo nosso), meio e corpo ora dentro e ora fora. O próprio organismo tem histórias singulares, assim como é moldado por elas, as especificidades químicas dos órgãos não são aleatórias, elas vêm da vivência desses corpos, por exemplo, uma hipertensão ou diabetes são tanto construídas pelos percursos do corpo como constroem restrições para esses corpos. O corpo é um limiar inteiramente vivo.

Limiar. Dentro e fora. A sensação lança o corpo aos fluxos, nos retira do aprisionamento dentro de um corpo organicamente organizado, abre-nos à intensidade, à experimentação de nós mesmos. Mas não caiam na operatória excludente do **ou**, estamos na lógica aditiva do **e**²¹, ao mesmo tempo é no organismo e é na sensação, pois

²¹ “A expressão popular “Ou é 8 ou 80”, refere-se à uma decisão que ou é isso ou é aquilo, ou é tudo ou nada, como dizem. No entanto, entre o 8 e o 80 existem 72 possíveis e, se devanarmos pelas

é algo que vaza, que atravessa os contornos. São limiares. Habita ao mesmo tempo o organismo e o extravasa, a sensação habita a fronteira. Não se trata de um corpo só como realidade objetiva, mas um corpo pleno de intensidades. Em vez de um organismo que funciona, temos um corpo intensivo que se constrói.

Senti que precisávamos fazer uma introdução, uma concentração ou aquecimento antes de partir para a farinha. Lancei a ideia e Thaís trouxe alguns movimentos. Falei sobre nos espreguiçarmos como se estivéssemos acordando sentados e daí, seguimos movimentando a face, os braços e as mãos. Lia propôs que abrísssemos e fechássemos as mãos lentamente, como se estivéssemos pegando o ar. Baco ficou intrigado com a aquela sensação e dizia “nossa, mas é diferente fazer assim devagar, né? Porque quando abrimos e fechamos a mão rápido, a gente nem percebe, mas assim devagar, parece mesmo que pegamos algo, uma sensação que não sei explicar.” Baco falava tentando descrever aquilo que sentia no movimento das mãos e Lia tentava instigá-lo a nos contar como era aquilo. [...] Enquanto Baco falava e percebíamos a atenção dele àquele movimento, eu pensava em energia, calor, tônus, conexão. (Beatriz Pizarro, Grupo Perceber Sem Ver, trecho do diário de campo escrito em 27 de março de 2015).

Essa tríade >> mover, sentir, acordar << o corpo nos permite entrar em um estado sensível e ao mesmo tempo consciente, estado de Presença dirá Lucas Veiga (2015) em sua dissertação. Estado capaz de transformar atividades banais do cotidiano em ricas experiências dos sentidos. Podemos afirmar junto com Catarina Resende (2008) que despertar o corpo já é interferir nele, pois entrar em contato com esse corpo intensivo pela sensibilização é coloca-lo em construção, digo, é (re)conhecê-lo na sua existência, passamos por um trabalho gradual de sair de uma ausência para um presença corporal. As sensações são experimentadas numa zona de indiscernibilidade no plano das pequenas percepções (RESENDE, 2008; TORRALBA, 2009). Essas pequenas percepções são da ordem de um “não sei o quê” que nos afeta e que nos abre a uma nova sensorialidade, *uma sensação que não sei explicar*. Pelo fato de estarmos sensíveis

matemáticas, talvez esse número aumente ainda mais” (TELES, 2015, p. 47) . O e alarga a realidade, é isso e aquilo e aquilo outro.

Parceira do grupo PesquisarCOM, Elis Teles (2015) se dedica a pensar de maneira local e situada os fazeres da ciência Com o outro e não Sobre o outro na Assistência Social, interfere por uma lógica do cuidado e não da escolha. Dissertação do Programa de Pós-graduação da Psicologia da UFF: A lógica do cuidado por um corpo articulado: interferências entre dança e intervenção na política de Assistência Social.

e presentes abrimos nossos poros para recebermos as mais sutis variações de cheiros, texturas, sons, formas, as pequenas percepções nos possibilitam captar o invisível e o movimento.

Ao acordar o corpo, *Baco* sai de um estado de indiferença para entrar em estado de experimentação, *é diferente fazer assim devagar, né? Porque quando abrimos e fechamos a mão rápido, a gente nem percebe, mas assim devagar, parece mesmo que pegamos algo.* *Baco* se surpreende, pode captar o invisível e o movimento com o abrir e o fechar das mãos. É um exercício de presença, é como agarrar o instante-já no tempo endurecido do dia a dia.

Foi uma experimentação de tatear o movimento se fazendo e ralentar o tempo de modo a conseguirmos senti-lo com as mãos. E com esse estado de experimentação ativado o espaço do corpo é dilatado e suas capacidades receptivas das vibrações do mundo são intensificadas (RESENDE, 2008b); as afetações e efetuações do corpo no mundo podem ser percebidas. Entendemos que a percepção está num intervalo, está entre as coisas, onde só os movimentos são percebidos. Vinciane Despret (2012b) escreve: “Se a percepção é ser "pathos", este pathos, no entanto, não implica passividade; ao contrário, ela testemunha um esforço ativo que enche o mundo de objetos e seres significativos” (p.3). É um estado de mover e ser movido, é uma passividade ativa ou uma atividade passiva de sentir/perceber o movimento. Ao escrever os diários acompanhamos o acordar dos corpos na experimentação da oficina, a escrita é também uma experimentação de presença. Beatriz, nesse trecho de diário, nos conecta junto a *Baco* ao invisível do movimento, *eu pensava em energia, calor, tônus, conexão*, a descoberta de uma sensação. Escrevemos sobre coisas que devem, antes, serem sentidas e não só pensadas. O trabalho tem qualquer coisa de paradoxal.

No estado de experimentação o que importa é lançar sementes no corpo de cada um. Há um tempo para o cultivo. As sementes são aberturas, nesse estado o que se quer é abrir espaços na mente e nos músculos. E é preciso tempo de presença, esperar que as respostas surjam, ou não. Não é trabalho fácil, nem para os pesquisadores-propositores nem para os participantes, é preciso sustentar a abertura no tempo, o corpo disponível, sensível ao outro, afetar e se deixar afetar. Se permitir também derivar.

Nessa pesquisa falamos de um corpo não acabado, que está sempre aberto a novas conexões e aprendizados, então, o que seguimos são os rastros das articulações,

das sensibilizações, que fazem existir um corpo. Contar muitas histórias é produzir narrativas desse processo, é povoar o mundo com muitas versões do que pode um corpo, como também muitas versões do cegar. Versões que não deixam o corpo e a cegueira se estabilizarem, pois são histórias de experimentações singulares que costumam diferença e não uma definição universal e apaziguada.

Vinciane Despret (2012b) nos ilustra, em seu texto “C como corpo”, uma história curiosa do corpo aberto, não estabilizado e em pesquisa:

Janice Carter, para não citar senão ela, conta que seu ciclo menstrual foi completamente alterado vivendo com as fêmeas chimpanzés que ela reabilitava na natureza. Sob o efeito do choque das novas condições de vida, seu ciclo conheceu uma amenorreia de seis meses. Ele se reinstalou num ritmo inesperado: durante os anos de campo que se seguiram, ele se ajustou com aquele das fêmeas e se tornou um ciclo de trinta e cinco dias (DESPRET, 2012b, p. 39)²².

Janice Carter nos mostra a literalidade da co-afetação. O corpo da pesquisadora entrando em sintonia, em estado de presença, com os corpos das chimpanzés fêmeas. Uma janela de devir. Janice devém chimpanzé, entra em estado de mistura, de conexão, de escuta. A presença é a substituição do artigo definido pelo indefinido. Digo, é a abertura dos corpos ao instante, ao que se passa não em um ou em outro, mas no entre. É o desmanchar parcial dessa fronteira de ser um **ou** outro, é poder habitar o **e**, o entre, exatamente ser limiar. São frestas (CONTI, 2015) por onde o plano de forças intensivo e sensível pode entrar e provocar viradas, mutações, novas sensações. Janice Carter ao se entregar no processo de pesquisa, ao abrir seu corpo para seu objeto de estudo, deriva entre o humano e o animal, habita um entre, um indefinido. “Presença não é fusão afetiva, mas sim uma disponibilidade para o outro, certa oferta do próprio corpo como passagem para aquilo que está pedindo passagem” (VEIGA, 2015, p. 52). Para escutar o que as chimpanzés tinham a dizer, Janice precisou estar presente com elas e estar presente implicou desmanchar fronteiras, se contagiar com outro. Despret (2012b) diz que “aprender a conhecer aqueles que observamos se subordina ao fato de aprender, de início, a se reconhecer” (p.44).

Falamos dos trajetos para estar ali, que conexões faziam para mover. Eles falaram muitas vezes de como era bom estar ali, no Benjamin, na Oficina. Contaram

²² Tradução do professor Ronald Arendt 2013/2014.

um pouco há quanto tempo já estavam ali e como foram parar por lá. O melhor, diziam: é que aqui a gente se entende, todos falavam a mesma língua, ninguém é melhor ou pior, a gente compartilha a vida com todo mundo. Ali se compartilha, repeti comigo. Dei-me conta que falavam em outra lógica. Quando falavam das articulações que faziam falavam de suas eficiências... Disseram-me que só ali, com eles, eu entenderia o que é um corpo com deficiência visual, outra hora isso mudou pra eficiência, na universidade eu não veria isso. (Gabrielle Chaves, Grupo Perceber sem Ver, trecho do meu 1º Diário de campo escrito em 8 de setembro de 2014).

Só ali, com eles, eu posso entender *o que é um corpo com deficiência visual*. Meu corpo é também colocado em experimentação, é preciso que eu entre em pesquisa, construa o corpo de pesquisadora, seja movida pelas cegueiras que ali se apresentam, nada disso é dado. Nos encontros do grupo Perceber sem Ver²³, nas oficinas, venho aprendendo que esse corpo se faz COM aqueles que pesquisamos, sustentando uma presença, afetando e sendo afetada com nossas vivências, com suas narrativas, levando nessa escrita suas histórias adiante. É uma tessitura de corpos e cegueiras. Enquanto pesquisadora é preciso entrar num exercício ético e político de fazer um corpo que seja sensível, que não se faz sem hesitações, titubeios. E mais, é preciso fazer um ouvido que saiba escutar e ser afetado pela narrativa do outro. As parcerias são fundamentais para esse contágio e aprendizado. O pesquisar se tece com um corpo presente, capaz de ser afetado e movido pelo encontro. E tenho aprendido que uma história nunca é contada apenas uma vez, narrar é contá-la muitas vezes, com muitas versões, muitas vozes. Esse adendo faz toda diferença no campo da deficiência que muitas vezes carrega uma história endurecida e fatalista de perda e falta. E eis outra aposta que fazemos dessa pesquisa: ela é uma proposição de desviar dos perigos de uma história única (ADICHIE,2009; CONTI, 2016) da deficiência, a pesquisa aqui se faz na ação de multiplicar as versões do não-ver.

²³ O grupo de pesquisa Perceber Sem Ver se reúne toda sexta-feira para discutir textos, diários de campo, planejar as oficinas da semana, fazem (ou fizeram durante a feitura dessa dissertação) parte da equipe: Marcia Oliveira Moraes, Camila Alves Araújo, Raffaella Petrini de Oliveira, Beatriz Pizarro dos Santos Lopes, Juliana Pires Cecchetti Vaz, Lia Paiva Paula, Luana de Assis Garcia, Larissa Ribeiro Mignon, Thais Amorim Silva, Thiago José Bezerra Cavalcanti, Louise Goransson Savelli, Carolina Sarzeda Reis Couto, Lucas Nogueira Calvet, Alexandra Justino Simbine, Dandara Chiara Ribeiro Trebisacce e Josselem Conti.

Rio Negro²⁴

Até que os leões inventem as suas próprias histórias, os caçadores serão sempre os heróis das narrativas de caça (Provérbio africano retirado do livro “Confissão da leoa” de Mia Couto).

porto: cegueiras no plural do singular

Ah, eu fico com raiva quando alguém fala “coitadinho do ceguinho”. Ou quando estou com minha mãe e as pessoas falam com ela e não comigo. Eu sou cego, ora bolas! Falo, penso, me comunico como todo mundo. As pessoas acham que só porque sou cego não tenho cérebro! Nos disse um jovem que tinha por volta de 18 anos e havia cegado há pouco mais de um ano quando nos encontramos. (Notas a partir dos diários de campo da Pesquisa Perceber sem Ver, 2004-2014²⁵).

*

Diadorim nos disse uma vez que queria morar no IBC. Ele tinha baixa visão, estava com 13 anos quando nos encontramos. Contou-nos que no IBC ele era “o cara”, todo mundo perguntava para ele onde fica isso, onde fica aquilo e ele sabia informar tudo. Mas lá onde ele morava, na Rocinha, as pessoas ficavam zoando dele, dando cascudo, dizendo: olha lá o ceguinho! (Notas a partir dos diários de campo da Pesquisa Perceber sem Ver, 2004-2014).

Se tomarmos como certa e definitiva a narrativa da falta e do déficit, ficamos surdos a essas densas e plurais histórias que escutamos. Múltiplas versões no não ver. O que tenho percebido é que nesses encontros com a deficiência visual podemos escutar histórias do cegar tão variadas e heterogêneas que seria uma enorme falta de delicadeza reduzi-las a uma história única²⁶. As cegueiras que tecemos aqui são contadas das

²⁴ É o mais extenso rio de água negra do mundo, e maior afluente da margem esquerda do rio Amazonas. Tem sua nascente na Colômbia e desemboca em Manaus na Amazônia, onde há o encontro com as águas barrentas do rio Solimões.

²⁵ In: MORAES, M & TSALLIS, A. (2016). Contar histórias, povoar o mundo: a escrita acadêmica e o feminino na ciência. Rev. Polis e Psique, v.6(1), p. 39 – 50.

²⁶ Como já explicado em outra nota de rodapé, a parceira Josselem Conti (2014) nos alerta para os perigos das histórias únicas. Essas histórias guardam de antemão os lugares nos quais os outros devem se encaixar. São formas de classificar e de categorizar os outros que não lhes oferece

narrativas que ouvimos, acompanhamos e levamos adiante. São histórias de pessoas que reinventam suas vidas a partir de um doloroso acontecimento que lhes chega de forma muitas vezes lenta e gradativa, outras vezes, de supetão (MORAES & TSALLIS, 2016). Narrativas de pessoas que aprendem a serem afetadas por muitos outros sentidos, que interrogam a centralidade de nossa visão com mundos táteis, sonoros, cheios de sombras e clarões, mundos odoríferos, mundos densos de sensorialidades.

O corpo é feito na prática, é tecido na experimentação do viver. Há uma concretude na experiência que se constitui *com* e na materialidade do cegar. A cegueira e o corpo são efetivados a partir da experimentação com o mundo. Georges Canguilhem (2007) chama essa contínua feitura do corpo de **capacidade normativa**, uma disposição do corpo em criar novas normas vitais em situações variadas. A capacidade normativa é a capacidade de instituir normas diferentes em condições diferentes:

Só na prática, quando você bate, aí você pergunta 'por que eu não tô enxergando?' [...] Eu comecei a me readaptar, porque eu ia pra esquerda e não sabia, porque a gente perde [a visão] e não percebe. Pendia pra esquerda e ia me batendo pra esquerda, então eu tinha que me equilibrar, me readaptando [...], não vou pra esquerda porque tem que tomar cuidado, tem que girar completamente o rosto pra poder ver. (Conta-me Carmen, participante da Oficina de Experimentação Corporal, numa conversa gravada em 8 de dezembro de 2014).

No corpo há uma ação autopoietica, normativa. De criação e regulação de si. *Carmen* tem baixa visão, é cega de um olho e vem gradativamente perdendo a visão do outro por conta do glaucoma, sua história traz uma descrição que carrega a intensidade da feitura de um corpo outro, um corpo que agora não enxerga tanto quanto antes, um corpo que requer outro equilíbrio, outra mobilidade, outra atenção. *Só na prática, quando você bate, aí você pergunta 'por que eu não tô enxergando?'*. *Carmen* percebe sua cegueira a partir do que vai acontecendo ao seu corpo, pendendo mais pra um lado que pro outro, é no passo que o corpo vai inventando outro equilíbrio que ela se dá conta, conhece, sua cegueira. São nos tropeços que *Carmen* entra em contato com a cegueira e imbuída da capacidade normativa vai criando um novo equilíbrio no mundo numa ação de regulação e criação de seu corpo. Antes de um diagnóstico prescrevendo

nenhuma oportunidade de se reinventarem. As histórias únicas, por serem repetitivas, empobrecem o mundo.

o que se passa, o corpo de *Carmen* experimenta criar auto-regulações com o meio, ela entra no processo de criar novas normas vitais para essa nova condição que lhe chega, Georges Canguilhem (2012) diz: “o organismo é um químico incomparável. É o primeiro dos médicos. As flutuações do meio são, quase sempre, uma ameaça para a existência. O ser vivo não poderia subsistir se não possuísse certas propriedades essenciais” (p. 90). Propriedades essas que fazem o corpo recriar-se, adaptar-se.

Bruno Latour (2007), em consonância com a normatividade de Canguilhem, diz que o corpo se produz numa **trajetória dinâmica** através da qual aprendemos a colher os registros e a ser sensíveis daquilo de que é feito o mundo. Essa trajetória dinâmica do corpo se efetua na vivência, nas experimentações. É por ser feito na prática que as histórias do cegar são tão múltiplas quanto o viver e cabem tantas outras coisas para além da cegueira. Os corpos que cegam não só cegam, tornam-se outros, coisas se perdem, mas outras se acrescentam. Repetimos: Latour (2007) disse que ter um corpo é experimentar tê-lo, é aprender a ser afetado e efetuado pelo mundo, o corpo está nessa contínua criação de si a partir de suas interações com o meio, com dentro e com o fora. Para Luís Borges, o escritor argentino que perdeu a visão ao longo da vida, adquirir um corpo cego foi um empreendimento progressivo de deixar-se afetar por outros elementos que antes não contavam, foi também ganhar outros mundos, cegar implicou construir outras significações que modularam sua existência:

Quero passar a um fato que se costuma ser ignorado e não se é de aplicação geral. As pessoas imaginam o cego fechado num mundo negro. Há um verso de Shakespeare que justificaria essa opinião: Looking on darkness which the blind do see; “olhando a escuridão que os cegos veem”. Se para nós negror for mesmo que escuridão, o verso de Shakespeare é falso.

*Uma das cores de que os cegos (este cego, em todo caso) sentem falta é o preto; outra, o vermelho. “Le rouge et le noir” são as cores que nos faltam. Eu, que tinha o hábito de dormir na mais completa escuridão, senti-me incomodado durante muito tempo por ter de dormir neste mundo de neblina, de neblina esverdeada ou azulada e vagamente luminosa que é o mundo do cego. [...] Em todo caso estou falando por mim e por meu pai e por minha avó, que morreram cegos; cegos, sorridentes e corajosos, como eu também espero morrer. [...] **O cego vive num mundo bastante incômodo, um***

mundo indefinido do qual emerge uma ou outra cor; para mim, ainda o amarelo, ainda o azul.

*[...] Pensei: **perdi o mundo visível, mas agora vou recuperar outro**, o mundo de meus antepassados distantes, aquelas tribos, aqueles homens que atravessam a remo os tempestuosos mares do Norte e que saíram da Dinamarca, da Alemanha e dos Países Baixos para conquistar a Inglaterra; que se chama Inglaterra por causa deles, já que a Engaland, “terra dos anglos”, antes se chamava “terra dos britanos”, que eram celtas. [...]*

Assim começou o estudo do anglo-saxão, a que fui levado pela cegueira. E agora tenho a memória cheia de versos elegíacos, épicos, anglo-saxões.

Eu substituíra o mundo visível pelo mundo auditivo do idioma anglo-saxão. [...] A cegueira não foi, para mim, uma infelicidade total, não devemos vê-la de maneira patética. Devemos vê-la como um modo de vida: ela é um dos estilos de vida dos homens.

***Ser cego tem suas vantagens.** Eu devo à sombra alguns dons: devo-lhe o anglo-saxão, meu escasso conhecimento do islandês, gozo de tantas linhas, de tantos versos, de tantos poemas, e de haver escrito outro livro intitulado, com certa falsidade, com certa jactância, Elogio da sombra. [...]*

*Afirmo que **a cegueira é um modo de vida**, um modo de vida não inteiramente infeliz. [...]* Para a tarefa do artista, a cegueira não é, de modo algum, uma desgraça: pode ser um instrumento. (BORGES, 2011, p. 197/214, grifos nossos).

Borges (2011) não nos apazigua com uma definição de cegueira, traz-nos o processo, uma construção de outro modo de vida com suas dores e delícias, é um mundo denso e não escuro e vazio. Ele traz a todo tempo o tensionamento, ‘é um mundo bastante incômodo’, ‘é um modo de vida’, ‘perdi o mundo visível’, ‘ser cego tem suas vantagens’, ‘pode ser um instrumento’, é isso e é aquilo, é potente e é difícil, é uma operatória paradoxal, não contraditória. As tensões coabitam, os elementos se somam não se apaziguam. Borges nessa conferência conta-nos a aprendizagem que ele se enveredou levado pela cegueira. A criação de mundo auditivo do idioma anglo-saxão em detrimento do mundo visível, não mais vermelho nem preto, agora a memória preenchida de versos elegíacos, épicos dos anglo-saxões. Nem uma desgraça total, nem

uma benção, a cegueira como um estilo de vida a ser construído, se se posto em trabalho, em exercício, a cegueira para o artista pode ser um instrumento ele diz.

Quando Borges (2011) nos fala do processo de cegar como um aprendizado, um gatilho para descobrir outros mundos linguísticos e auditivos, ele nos narra o processo de produção de mundos mais ampliados, de um corpo mais articulado, pois se torna sensível ao que antes era imperceptível, inexistente. Quando *Carmen, Baco, Maria* nos dizem que foi preciso se readaptar, eles contam do processo de aprender a ter um corpo que está cegando, um corpo articulado a um andar atento, um aprendizado de outros referenciais não mais visuais, a criação de um tato sensível ao que antes não contava na sua percepção. O que essas narrativas nos dão a ver é essa ação criativa do corpo por uma imposição do meio, e isso não implica em um fatalismo, pois coisas se perdem, mas outras se acrescentam. Tais narrativas explicitam a ação normativa dos corpos. A contínua *autopoeises* de estar vivo. Pois como nos diz o poeta Manuel de Barros: viver é um desassossego.

E nesse desassossego, o corpo se envereda por uma ação normativa de acordo com seu encontro com o mundo, uma criação de novas normas vitais se impõe a cada nova situação que se apresenta. Por isso os caminhos dos corpos e das cegueiras são múltiplos e singulares. O que se dá é uma trajetória dinâmica na qual vamos tornando-nos sensíveis e incorporando os registros daquilo de que é feito o mundo que nos cerca, concomitantemente ampliando o mundo com esse percurso de sensibilização (LATOURE, 2007).

Voltando ao percurso em que fazíamos, pouco mais a frente, Glória me pede, como quem gostou da ideia, para trazer mesmo a venda na próxima oficina e eu pergunto se ela gostaria de fechar os olhos hoje, me oferecendo para guiá-la. Ela fecha os olhos e pega meu braço, topando a proposta. Ao longo do percurso, abre os olhos poucas vezes. Eu lhe pergunto como está, se ela consegue perceber onde está, se consegue se guiar pelas referências que os colegas estão propondo. Ela responde pouco, mas responde que sim. O contato de Glória com meu braço não parece tenso, parece seguro.

Na roda no final da oficina, eu lhe pergunto como foi para ela e, para minha surpresa, ela cai no choro. Leva a mão aos olhos, que por terem experimentado o vazio de imagens, estavam agora cheios d'água. Glória conta engasgando com o choro, que

foi muito ruim para ela, que achou muito triste para os cegos e se sentiu muito perdida. Essa sensação de estar perdida me toca e eu coloco minha mão em seu ombro. Gesto que faço para apoiar e mostrar que estou ali, junto, mas também como se dessa vez, fosse ela quem me guiasse. Se eu a ajudei com o trajeto, agora é Glória que me ajuda a escutar essa tristeza que nos traz. Parece que a força da experiência a tomou de surpresa. Fechar os olhos foi hoje um deparar-se com a própria cegueira, que para ela tem um quê de sempre a espreita. (PAIVA, 2015, p. 28/29).²⁷

Glória tem baixa visão, cega pouco a pouco. Nessa oficina, Glória experimentou uma concretude do não ver, ao fechar os olhos e entrar em estado de experimentação ela pode colher os registros do mundo não visual, mundo que para ela está à espreita, que é ao mesmo tempo palpável e assustador. O mundo que ela tinha aprendido a ver precisará ser reconstruído e de algum modo esse processo teve ali naquela oficina algum chão, pode ganhar território e ser experimentado. Ao deparar-se com a materialidade de uma experiência que não contava com a visão, Glória ampliou seu mundo ao se deixar contagiar e ser movida por outras referências não mais visuais, e ao mesmo tempo também se sentiu perdida. Habitou um lugar entre. Estávamos ali com ela experimentando esse entre, também perdidas, mas podendo confiar, exercendo presença. *Essa sensação de estar perdida me toca e eu coloco minha mão em seu ombro. Gesto que faço para apoiar e mostrar que estou ali, junto, mas também como se dessa vez, fosse ela quem me guiasse.* Lia e Glória, pesquisadora e pesquisada, guiaram e foram guiadas (afetaram e foram afetadas) na experimentação, o cegar ganhou concretude e o pesquisar desdobrou-se em cuidado. Houve uma ampliação do corpo-mundo de ambas, na ação de acompanhar ao outro um conhecimento se produziu e também um cuidado.

Latour (2007) diz que o corpo é como uma **interface sensível** que fica cada vez mais descritível à medida que aprende a afetar e ser afetado por mais elementos. O corpo é rede de conexões, território com limiares flutuantes e híbridos. Glória naquela oficina ampliou suas redes de conexões e seu vocabulário acerca do seu processo de cegar, algo ficou mais descritível e também mais desassossegado. Multiplicar as versões de não ver se faz também assim: ampliando nosso repertório, colhendo outras histórias/vivências, povoando o mundo com muitas narrativas de construção desses

²⁷ Retirado da monografia “Palavra que sirva na boca dos passarinhos, uma escrita-experimentação” da parceira e pesquisadora Lia Paiva é um trecho do diário de campo escrito em 17 de abril de 2015.

corpos. Ao acompanhar as múltiplas versões do cegar seguimos a densidade dos aprendizados de outras sensibilidades. Sem deixar a cegueira como simples **falta** de visão, mas também sem romantizá-la, sem enaltecê-la como se fosse uma grandeza a mais, um dom superior. Tanto um modo quanto o outro insultam precisamente porque apagam as singularidades do cegar, tanto um modo quanto outro nos apazigua porque nos dão um sentido de deficiência com o qual não precisamos nos importar, são eles, os deficientes, não nós (MORAES, 2015). E aqui eis outra consequência que tiramos do pesquisar: se nos propusermos a pesquisar COM o outro e não sobre o outro precisamos nos importar, o diário de Lia dá a ver, não estamos isentos, estamos implicados, presentes, a pesquisa é um território afetivo, cria um comum, um nós. A pesquisa para nós é uma afirmação da relação que se estabelece. Se há deriva na produção de conhecimento, os dois lados (pesquisadores e pesquisados) são movidos. Os dois lados estão envolvidos em experimentação.

Rio Abaeté²⁸

o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca (Jorge Larrosa Bondía, Notas sobre a experiência e o saber de experiência).

A questão toda é... a experiência... um certo sentimento indescritível... Indescritível porque as palavras podem apenas estimular a memória, e se não há memória alguma de... A experiência da barreira entre o objetivo e o subjetivo, o pessoal e o impessoal, o eu e o não-eu, desaparecendo... aquele sentimento!... (Tom Wolfe).

porto: corpo-experimentação

A sola do pé conhece toda a sujeira da estrada (Provérbio africano retirado do livro “um defeito de cor” de Ana Maria Gonçalves).

Dulcinéia ficou um tempão segurando a esponja, não quis interferir, fui sendo guiada pelo tempo deles. Depois de alguns minutos, ela quis dividir conosco a sensação

²⁸ Abaeté do tupi-guarani pode significar gente diferente, ou gente verdadeira, gente boa. O rio Abaeté é um curso de água do estado de Minas Gerais, desagua no rio São Francisco, sendo mais um de seus afluentes. Abaeté é também uma lagoa escura arrodada de areia branca em Salvador-BA, onde dizem ser encantada, cheia de mistérios e experiências inexplicáveis. “De manhã cedo Se uma lavadeira Vai lavar a roupa no Abaeté Vai se benzendo Porque diz que ouve Ouve a zoada batucajé” (Dorival Caymmi, A lenda do abaeté).

que a esponja provocara: era como se ela estivesse absorvendo todos os seus problemas. Neste dia, Dulcinéia chegou à oficina bastante preocupada com seu filho que saíra sozinho pela manhã para um lugar distante. A esponja ajudou a criar outro lugar para esta angústia vivida. Disse ainda que quando for lavar louça a partir de agora, irá lavar com ela a sua mente também. Dulcinéia é participante da oficina de experimentação corporal, está passando pelo processo de cegar, possui baixa visão e tem 53 anos. (Grupo Perceber sem Ver, diário de campo escrito em 2013)²⁹.

Os encontros marcam o corpo. Carregamos essas marcas na pele, ao ativá-la, mesmo que seja por um simples objeto como uma esponja, memórias são disparadas, e ao mesmo tempo podem até ser refeitas, transmutadas de sentido. *Dulcinéia* tocou as lembranças ao passar a esponja sob a pele marcada de histórias. Ao mesmo tempo, a esponja a ajudou a criar outro lugar para angústia que vivia na espera de seu filho. Michel Serres (2001) no livro “Os cinco sentidos: Filosofia dos corpos misturados” toca o duplo visível e invisível da sensibilidade de nossas marcas:

A pele historiada traz e mostra a própria história; ou visível: desgastes, cicatrizes de feridas, placas endurecidas pelo trabalho, rugas e sucos de velhas esperanças (...) desejos, **aí se imprime a memória; por que procurá-la em outro lugar?** Ou invisível: traços imprecisos de carícias, lembranças de seda, de lã (...) chamas, timidez do tato sutil, audácias do contato pugnaz. A um desenho ou colorido abstrato, corresponderiam uma tatuagem fiel e sincera, onde se exprimiria o sensível. A pele vira porta-bandeira, quando porta impressões (SERRES, 2001, p.18, grifo nosso).

São os encontros, os acontecimentos, que nos constituem – nós humanos e quiçá tudo que é vivo. Donna Haraway (2009) no seu “Manifesto Ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX” diz que o que constitui o ser humano é a relação de **interdependência**, conexão com os elementos heterogêneos. A heterogeneidade que nos constitui inclui não só técnicas, mas é tudo aquilo a que nos conectamos.

²⁹ Esse diário foi reescrito coletivamente para o artigo "PesquisarCOM: efeitos de uma oficina de experimentação corporal com pessoas cegas e com baixa visão" submetido à Revista Pesquisa e Práticas Psicossociais em 30/11/2015 foi aceito para publicação e está em processo final de editoração. A publicação está prevista para o primeiro número de 2016, o 11 (1), período de janeiro a julho de 2016.

No final do século XX, neste nosso tempo, um tempo mítico, somos todos quimeras, híbridos – teóricos e fabricados – de máquina e organismo; somos, em suma, ciborgues. O ciborgue é nossa ontologia; ele determina nossa política.

[...]

Esses ciborgues da vida real (por exemplo, as mulheres trabalhadoras de uma aldeia do sudeste asiático, nas empresas eletrônicas japonesas e estadunidenses descritas por Aihwa Ong) estão ativamente reescrevendo os textos de seus corpos e sociedades. A sobrevivência é o que está em questão nesse jogo de leituras (HARAWAY, 2009, p.90).

Haraway (2009) afirma que nós humanos nos constituímos não pelo *hommi* da espécie, mas pelo *hummus* de fertilização, pelo adubo de nossas conexões heterogêneas; nossas composições. Nossa sobrevivência é a conexão. Somos híbridos, pois se somos, invariavelmente somos-com. A mistura é nossa ontologia. Somos isso e aquilo, nossa ontologia é ciborgue. Haraway (2009) pergunta: “porque o limite de nossos corpos deveria ser a pele?” (p. 92) para colocar em cena as heterogeneidades conectadas que compõem uma entidade, um corpo, um mundo, que esgarça fronteiras. Já dizia Oswald de Andrade em 1928: “Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago”. O primado é da relação, ela determina nossa política. “Só a ANTROPOFAGIA nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente. Única lei do mundo” começa Oswald o manifesto antropofágico. A interdependência é nossa ética. O processo de corporificação é um processo antropofágico de tornar-se-com. E a “escrita é, preeminentemente, a tecnologia dos ciborgues[...] a política do ciborgue insiste no ruído e advoga a poluição, tirando prazer das ilegítimas fusões entre animal e máquina.” (HARAWAY, 2009, p. 88), escritura que está ativamente se refazendo, traz as marcas dos encontros, para sobreviver estamos ativamente reescrevendo os textos de nossos corpos e sociedades.

“Porque os cientistas dizem que somos feitos de átomos, mas a mim um passarinho me contou que somos feitos de histórias”³⁰ nos narra poeticamente Eduardo Galeano. As memórias são histórias que estão nas nossas marcas, na pele, no corpo, a memória é coisa viva, bicho inquieto como diz o poeta. Essa memória viva não carece

³⁰ Poema traduzido pela companheira e pesquisadora Marília Silveira, esse trecho foi retirado da dissertação de Josselem Conti (2015).

de preciosismos, pode ser disparada e construída por simples objetos, pequenos acontecimentos, mas que sacodem a alma da gente, essa memória não carece da grandiloquência dos heroísmos e rupturas abissais, pode ser disparada com a sutileza do mínimo, do precário (como insiste Lygia Clark), e se pode fazer com a agudeza da simplicidade, do suficiente. “A memória viva nasce a cada dia” conta Galeano, assim como a cada dia nasce nossa pele (talvez Haraway não tenha levado adiante a multiplicidade de histórias e conexões que é a pele). É lá que devemos procurá-la, por que procurar em outro lugar? Pergunta Michel Serres. Sigo a pista de Serres como um caminho, a pele historiada, o corpo marcado, são como *via régia*³¹ da pesquisa, do cuidado. Maria Puig Bellacasa (2012) afirma: “relações de pensamento e conhecimento requerem cuidado. [...] Não apenas porque as relações envolvem cuidado, mas porque o cuidado é em si mesmo relacional” (p. 197). O corpo híbrido cheio de histórias, de marcas e de atravessamentos é acesso à variabilidade da vida, assim como, é também disparador de uma produção de conhecimento cuidadosa/relacional, situada e local.

E a biologia dirá que as células de nossos corpos estão continuamente trocando seus átomos e componentes moleculares numa **relação funcional e móvel** consigo mesma e com o meio, assim, podemos dizer que elas estão continuamente sendo marcadas pelas histórias dos encontros que se vive. Como já dissemos o organismo é feito e refeito pelas histórias singulares, pelas marcas vividas. Essa dinâmica corporal que ocorre dentro de cada célula constitui o *metabolismo*, do grego *metaballein*, “mudar, fazer alterações”, de *meta*, “sobre”, mais *ballein*, “lançar”, lançar-se à mudança. Nossos corpos estão continuamente lançando-se a mudanças, por mais que tendamos a ver (a medicina e ciência ocidental não cessa de fazê-lo) o que neles se estabilizam. Esse metabolismo celular que faz com que a célula possa entrar em interações, produzir mudanças em si e no meio. É um circuito iterativo. O metabolismo produz uma rede de transformações na molécula, e forma, ao mesmo tempo, uma fronteira que delimita e permite esse mesmo processo de transformação. Uma forma de ver o processo de transformação molecular presente nos processos naturais, nos nossos corpos, é a partir da relação entre a dinâmica do metabolismo e da membrana, esta última também chamada na biologia de “fronteira”. Para lançar-se a mudanças é necessário um contorno e o contorno possibilita o corpo vivo mudar.

³¹ Ruth Torralba (2009) toma em sua dissertação “Sensorial do corpo: via régia ao inconsciente”, o corpo sensível como caminho, acesso, ao plano inconsciente. Nessa escrita, entendemos também o corpo sensivelmente marcado como via primordial a uma pesquisa e a um cuidado, aqui indissociados.

Desde a mais pequenina célula aos organismos maiores, o desenho de toda a criatura pede uma capa, um invólucro separador. “A verdade é esta: a vida tem fome de fronteiras. É assim que se passa e não haveria nada a lamentar. Porque essas fronteiras da natureza não servem apenas para fechar” nos disse Mia Couto na palestra Repensar o Pensamento³². Todas as membranas orgânicas são entidades vivas e permeáveis. São fronteiras feitas para, ao mesmo tempo, delimitar e negociar. É um limiar entre o dentro e o fora. A membrana participa e limita ao mesmo tempo. Mia Couto, nessa palestra, conta-nos a história da palavra “fronteira” e como nesse contexto o sentido da palavra se revirou, comportando não só **limite**, mas também **acesso**:

A própria palavra “fronteira” nasceu como um conceito militar. Vem da linguagem bélica francesa e do modo como se designava a frente de batalha. Nesse mesmo berço aconteceu um fato curioso: um oficial do exército francês inventou um código de gravação de mensagens em alto-relevo. Esse código servia para que, nas noites de combate, os soldados pudessem se comunicar em silêncio e no escuro. Essa pequena invenção viria a ter enormes consequências que superavam aquele lugar e aquele tempo. Porque foi a partir desse código que se inventou o Sistema de Leitura Braille. Para milhões de pessoas venceu-se uma pesada fronteira entre o desejo da luz e a condenação da sombra. No mesmo lugar em que nasceu a palavra “fronteira” sucedeu um episódio que negava o sentido limitador da palavra (COUTO, 2014, Repensar o Pensamento, in Fronteiras do Pensamento).

Fronteira não é só limite, é também passagem, acesso. É mais limiar do que limite. Serve para fechar, mas também mais abrir, trocar. A fronteira é o que permite a variação acontecer, é um limiar entre o dentro e o fora, faz a troca acontecer, saídas e entradas, corpo-mundo-outro, a fronteira é o hífen de ligação. É o limiar faz a diferenciação se efetuar. Quando no campo de batalha, as fronteiras, as saídas e entradas, foram para além da frente de combate, modulou-se seu sentido limitador, o que servia para criar táticas de guerra transformou-se em estratégias de inclusão, de acesso comunicacional. As fronteiras entre o ver e não ver ganharam outros contornos. E o que era limitador ganhou limiares mais plásticos.

³² Acessado pelo site <http://www.frenteiras.com/artigos/mia-couto-repensar-o-pensamento-redesenhando-fronteiras> em abril de 2016.

Pensemos agora na pele como uma imagem-ferramenta do entre, dessa fronteira, assim como para compreensão desse dinamismo de variação: a pele é o maior e mais antigo órgão do corpo humano, está fora e dentro, é fronteira, faz a ligação, as trocas do interior e exterior do corpo, é nosso primeiro meio de comunicação e mais eficiente protetor (MONTAGU, 1988). Pele como limiar, é uma imagem do paradoxo disse Ruth Torralba (2009): “Ela cria uma barreira protetora, mas se deixa marcar pelas feridas, deixando cicatrizes. Ela delimita os espaços internos e externos, mas é permeável ao ambiente que o toca. Suas células estão a todo tempo morrendo e renascendo, de modo que a metáfora do rio que não podemos tocar duas vezes se estende para a pele” (p. 68).

Como diz Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa, “o que não tem limites não existe. Existir é haver outra coisa qualquer, e, portanto cada coisa ser limitada”, e cá está a pele como esse tecido fronteiro. Mas ela também é tecido autopoietico (criador de si mesmo) está a todo tempo mudando – lançando-se a mudança, em metabolismo. Ela é regenerativa e reparadora, se refaz, transforma-se, e carrega a memória de nossas experiências, traz as marcas de toda uma vida e atesta a passagem do tempo. Há uma dupla inscrição da pele que se marca tanto através das cicatrizes deixadas em sua superfície quanto pelas imagens, sensações e movimentos deixados das intensidades dos acontecimentos. Seguindo as memórias da feitura de um corpo, ocorre-me agora uma história da feitura do meu próprio. Sempre digo cheia de orgulho e tom de graça “nunca quebrei nada” quando um conhecido aparece com alguma parte do corpo engessado, e completo fatalista e certa da surpresa “só a cabeça”. O susto e a risada contagia o amigo quebrado. Acontece que por volta dos meus seis anos de idade, eu e meu irmão mais velho costumávamos subir na laje de casa e descer pelo pé de mamão do vizinho. Um dia, depois de muita brincadeira resolvi, ao descer, segurar na folha do mamoeiro, tão bonita, tão verde, me atraiu, cai direto com a cabeça no chão. Tive traumatismo craniano leve. Três dias depois sai da UTI com um olho roxo, um grande galo e quatro pontos na cabeça. Tem lá em casa as fotos desse aniversário, festão meus pais fizeram, curativo na testa, mão no olho roxo, sorrisão na cara. Hoje em dia ninguém nota, só aparecem dois risquinhos quando franzo minha testa, uma pequena cicatriz, a marca inscrita na superfície de minha pele-memória, pele historiada como diz Serres (2003).

O corpo se cria no contato. Ashley Montagu (1988), em seu livro primoroso “Tocar: o significado humano da pele”, diz que: na “evolução dos sentidos, o tato foi,

sem dúvida, o primeiro a surgir. O tato é a origem de nossos olhos, ouvidos, nariz e boca. Foi o tato que, como sentido, veio a diferenciar-se dos demais” (p. 21). O tato é imprescindível para vida, não podemos sobreviver sem ele. O contato com o mundo marca o corpo de modo a fazê-lo existir, são como tatuagens, escrituras, repletas de histórias e sentidos.

Parte II

Lembra o tempo que você sentia, e sentir era forma mais sábia de saber, e você nem sabia? (Alice Ruiz).

Confluências

Aqui seguirão os encontros dos rios, os afluentes se misturam, ganham mais densidade. É um mergulho, uma vertigem...

Não, não é uma estrada

É uma viagem

Tão, tão viva quanto a morte

Não tem sul nem norte (Morais Moreira e

Galvão – Ferro na boneca).

ritual – as oficinas: tempo e espaço das experimentações

Nas oficinas nos propomos a ativar as histórias das marcas que faz existir os corpos que ali estão, embarcamos na experiência sensorial como fluxo de forças. Para isso, instituímos uma espécie de espaço **ritual**, fundamental para que a experiência de troca e transformação de si se tornem possíveis. Vamos desdobrar esse conceito pouco a pouco. No rito da experiência sensorial ativa-se o *plano do imprevisível*.

Colocamos os colchonetes no chão, já havia vários pequenos balões pelos arredores, nos deitamos e iniciamos um relaxamento do corpo com exercícios respiratórios, de se encher e se esvaziar de ar. Fomos ampliando e soltando o corpo com esse movimento de entrada e saída de ar, com essa troca de ares, fazendo o corpo ao mesmo tempo respirar e ventilar. Experimentando que o nosso corpo se tornasse pouco a pouco pele do ar. Corpo-janela, brisa corpórea, são sentidos que agora vem para aquela sensação que sentíamos.

Depois do corpo solto, eu e Juliana entregamos dois balões para Lina, um em cada mão, para experimentar como quisesse. Lina perde a visão aos poucos por conta do glaucoma que lhe atinge os olhos, o olho esquerdo já está completamente cego. Ela foi passando pelos braços, tronco, pernas, se detendo especialmente nas articulações, parecia querer soltar os ossos também com ar. Entendi aquilo como uma pista. Quando pedimos para ela ir repousando os balões numa parte do corpo, ela escolheu embaixo dos joelhos, e eu e Juliana sem nem mesmo trocar uma palavra, só olhares, resolvemos repousar os muitos balões em suas juntas, embaixo dos cotovelos, do pescoço, dos pés, da bacia, Lina foi suspensa por uma fina camada de ar, sua pele fina membrana de troca entre as finas películas plenas de ar dos balões. A princípio parecia uma difícil

negociação entre o corpo de Lina e os balões, mas com o tempo ela pode ir soltando o peso dos ossos, pode ir se expandindo como o ar, suas juntas agora flutuavam. Quando tiramos os balões, Lina estava totalmente entregue ao chão, seu corpo era leve e solto. E com algumas palavras lançadas, Lina falava que ainda sentia a presença do contato, sentia ainda seu corpo suspenso pelos balões, nós também víamos e sentíamos isso.

Fomos pedindo para ela ir se espreguiçando, expandindo ainda mais o corpo, ela ia, e vinha junto um chorinho, uma emoção, um sereno precipitava de seu corpo. Lina virou de costas, e eu e Juliana sentimos que ali também pedia contato, pedia presença, com os balões nas mãos acarinhamos seu dorso, seus ombros, seus calcanhares, cada junta de ossos fazendo-os respirar, como um passeio ao ar livre.

Ao final perguntamos como tinha sido a oficina para ela, a resposta foi breve – muito boa muito boa. Perguntei sobre o chorinho, a emoção que vi vaziar, e ela simplesmente falou que era o corpo relaxando. (Gabrielle Chaves, Grupo Perceber Sem Ver, trecho do Diário de campo escrito em 9 de novembro de 2015).

No plano imprevisível somos tomadas pela surpresa do que o corpo pode vir a criar em suas conexões mais improváveis, somos movidas pelas afetações que a experimentação faz surgir. Articulação: corpo, ar, balões. Conexão: nós, Lina, presença. O que faz nos engajarmos em um encontro não é dado. A pesquisa corporal abre caminhos para uma redescoberta singular do próprio corpo. Pesquisadoras e pesquisados. Um experimentou com seu corpo certos cantos do mundo, enquanto o outro habitava outros caminhos. Tal como a aproximação entre estrangeiros em um novo mundo, um desconhece a língua do outro, eu e Juliana *sem nem mesmo trocar uma palavra, só olhares, resolvemos repousar os muitos balões em suas juntas, embaixo dos cotovelos, do pescoço, dos pés, da bacia, Lina foi suspensa por uma fina camada de ar.* Uma sintonia³³ se fazia. O rito propõe uma experiência.

O despertar sensorialmente o corpo possibilita movê-lo no sentido de uma atenção aos seus próprios movimentos, ampliando suas possibilidades e repertórios

³³ Sintonia não é se colocar no lugar do outro nem sentir o que o outro sente. Sintonia é “quando se partilha o mesmo tônus corporal. É um “contágio gravitacional ou uma empatia cinestésica”, nas palavras de Hupert Godard (1995, p.25), uma espécie de sintonização radiofônica em que os dois corpos ou mais vibram na mesma frequência, ou seja, contagiados pelo encontro um e outro se conectam em ressonância no tempo e no espaço pelo peso, velocidade e movimento” (CHAVES, 2014). Caminha junto com o conceito de Bergson de simpatia, na medida em que significa algum tipo de 'ritmo articulado de atividade', e evita o empobrecimento que a empatia traz.

corporais, esmiuçando e expandindo seus limites. Nós entramos juntos de formas distintas no exercício de ampliar e alargar o corpo. *Lina estava totalmente entregue ao chão, seu corpo era leve e solto. Para isso foi necessário o espaço ritual – o plano do contato. Lina foi suspensa por uma fina camada de ar... A princípio parecia uma difícil negociação entre o corpo de Lina e os balões, mas com o tempo ela pode ir soltando o peso dos ossos, pode ir se expandindo como o ar, suas juntas agora flutuavam.* Preparar o espaço, criar um ambiente acolhedor, separar o tempo, se atentar para o clima, escolher os sons, o que será trabalhado, qual é nossa intenção. Tudo isso faz parte do ritual. É aí onde se aviva uma espécie de fronteira/contorno que permite as passagens e modulações acontecerem, possibilita a deriva e também a consistência das formas (TORRALBA, 2015). *Lina falava que ainda sentia a presença do contato, sentia ainda seu corpo suspenso pelos balões, nós também víamos e sentíamos isso.*

Quando se institui um espaço ritual na experimentação entramos a mesma “vibe”, como diz minha amiga Diana Green (2016) em sua monografia. *Vibe* aqui não é exatamente uma gíria, é um termo em inglês que traduzido para o português seria “vibração”. O que vibra é uma onda capaz de tocar bastante gente, e funciona como uma contaminação.

Entre muitas palavras trocadas, propomos um despertar do corpo. Cabeça, ombros, quadril.... No que elas voltam a se empolgar na conversa eu pego o lenço e deixo na mão de cada uma. Maria fica contente ao encontrar o objeto "adoro echarpes! Qual a cor dessa?". Maria ficou cega em um acidente de carro. Conteí que era azul e ela disse "que linda", com um tom de surpresa, como se de fato passasse a vê-la! Experimentamos o toque dos lenços pelo corpo. Usando eles para esticar as pernas, passar pelos braços, rostos.... Aos poucos vamos nos movimentando, ainda sentados, mexendo pernas, braços, quadris.... Aqui entra mais um pouco de conversa, e numa brecha sugiro que levantemos. Em pé dançamos separados, em roda, em duplas! Que entrega boa! Todos se soltam e se deixam levar pelos movimentos do lenço... uns mais rápidos, outros mais lentos, bruscos e suaves. Ao som de Caetano, deixamos nosso corpo experimentar ser lenço. Deixamos o som guiar nossos movimentos com a nossa dupla, deixamos ele controlar o ritmo da nossa roda... O tempo passa e nem vemos, depois da dança a pressa rotineira toma conta do nosso corpo, e seguimos os caminhos do IBC. (Juliana Cecchetti, Grupo Perceber sem Ver, trecho do Diário de campo escrito em 18 de maio de 2015).

Mexendo as pernas, braços e quadris, todos se soltaram e se deixaram levar pelos movimentos do lenço, apareceu uma dança, um ritmo, todos movidos por elementos singulares, cada um na sua “onda”, mas com mesma vibe. Surge um espaço de fiar junto. Juliana e *Maria* entraram em sintonia sinestésica com as echarpes, a audição tornou-se colorida. Os corpos (aqui incluem lenços, ritmos, sala, danças, cadeiras, sons, cegueiras) se abrem ao momento do contato, sintonizam na mesma vibração, experimentando que o corpo toque e seja tocado, seja dança, seja roda, seja lenço. Um espaço afetivo é criado, um ritual que cria sintonia.

Na sintonia, com a mesma *vibe*, somos convidados a brincar de produzir: mundo, sensorialidades, relação, conhecimento, cuidado. E é, sobretudo, numa dimensão micropolítica, dos pequenos acontecimentos (nem por isso sem força), em que essas transformações e produções acontecem.

Para abrir o corpo aos fluxos, às conexões, a novas articulações, é preciso um lugar e um tempo adequados para os acontecimentos. Somente assim é possível expandir o corpo na direção do aumento da potência e não no seu esvaziamento. É uma linha tênue. É preciso uma preparação para a experimentação. O tal do ritual.

Quando eu menstruei, tinha onze anos, já tinha toda aquela informação, minha mãe já tinha falado, eu acho que eu fui apresentada até de uma maneira positiva. Se não fosse o problema de me dizer que eu não podia ficar descalça e não podia lavar a cabeça, senão teria cólicas terríveis, seria algo quase fatal. Só que eu já tinha esse cabelo, que já tá mais envelhecido, mas que desde sempre era muito lisinho, muito fino, e muito oleoso! E eu menstruava por uma semana! Eu tinha onze anos, como eu iria para escola? Como eu iria aparecer na frente dos meus colegas com esse cabelo? Eu lembro então de uma tarde em que minha mãe não estava em casa, e que eu ousei lavar a cabeça. Foi com uma crença forte de que eu podia morrer, eu fiz todo um ritual para poder lavar a cabeça, mas com um exercício de coragem muito grande. E quando eu lavei os cabelos e não morri e nem senti dores foi libertador, foi uma outra relação que se estabeleceu ali. Aquilo virou algo mais familiar e mais meu. Encontrei minha maneira de lidar com isso. (Memórias da feitura de um corpo. Relato da querida professora Laura Quadros em minha qualificação).

O rito propõe uma experiência de transformação. A preparação, o rito, tem tudo a ver com **prudência** (adentraremos mais na parte II). E prudência nada tem com ser

ressabiado ou esquivo, ao contrário disso, é exatamente o dispositivo que nos permite ousar (RESENDE, 2008). Falamos de prudência como capacidade de se pôr em risco, de arriscar-se. Prudência articulada aqui como coragem. Para lavar a cabeça, criar novas normas vitais com seu próprio corpo, com seu ciclo menstrual Laura precisou se arriscar, *Foi com uma crença forte de que podia morrer, ela fez todo um ritual para poder lavar a cabeça, mas com um exercício de coragem muito grande. E quando Laura lavou os cabelos e não morreu e nem sentiu dores foi libertador, foi uma outra relação que se estabeleceu ali.* Para pôr-se em risco foi preciso uma preparação, um **procedimento** para ousar ir um pouco mais além. Dizemos que o corpo é corajoso quando se lança a experimentar, a pôr-se a prova. Laura se lançou e com isso transformou-se, ganhou mais liberdade com seu próprio corpo. Um espaço ritual cria a prudência necessária permitindo a mudança, um espaço de trânsito de intensidades afetivas. Sem necessidade de grandes estardalhaços, é, sobretudo no miúdo do todo dia, na dimensão micropolítica da vida, operando pequenos desvios, mas fazendo transformações valiosas (FRANCO, 2013).

Nas experimentações há procedimentos a serem seguidos. O procedimento cria um espaço favorável, um espaço potencial para um novo movimento do corpo, uma nova norma se fazer. Latour (2007) nos ajuda a pensar com aquele exemplo de se tornar um “nariz”, o treino de narizes³⁴: a aprendizagem << o treino de narizes >> consiste justamente em fazer um corpo capaz de incluir as sutis discriminações entre um odor e outro, é como se através da prática o aprendiz adquirisse um novo órgão capaz de se afetar às mínimas diferenças químicas das fragrâncias. Mas você não se torna um nariz cheirando qualquer coisa, de qualquer jeito. Tem um trabalho a ser feito. Uma aprendizagem. Há todo um procedimento de experimentação. Laura preparou o espaço e o tempo adequados para se lançar na experimentação do banho, num exercício de coragem, de prudência. Laura fez disso um ritual, um procedimento, um trabalho.

³⁴ "Nariz" é um jargão utilizado na indústria de perfumes para o criador de fragrâncias, àquele que distingue os diferentes odores que compõem uma substância aromática complexa, como um vinho ou um perfume. “Antes do treino, os odores atingiam os alunos, mas não os faziam agir, não os faziam falar, não os tornavam atentos, não os excitavam de formas precisas: qualquer grupo de odores produziria nos alunos o mesmo efeito ou afeto geral e indiferenciado. Concluídas as sessões de treino, já não é indiferente que os odores sejam distintos. Cada interpolação atômica gera diferenças no aluno, que gradualmente se torna um «nariz», alguém para quem os cheiros do mundo produzem sempre contrastes que, de alguma forma, o afetam” (LATOURE, 2007, p. 41).

Esse rigor ritualístico minucioso nas experimentações, o procedimento-ritual, não é instituído, rígido no sentido de um manual, o ritual do qual falamos tem uma **dimensão instituinte**, é uma ambientação para fiar um espaço de encontro, um lugar de contato, o “entre”. Gestar novas normas vitais, novas sensibilidades, não tem como se regular a priori, saber exatamente como e o que vai dar, se trata de um procedimento aberto. O rigor é uma atenção aos gradientes intensivos, regulados pela relação que nós temos com nós mesmos, com o outro, com o lugar, com o tempo.

O ritual inaugura a experimentação, ele conduz a experiência, ou melhor, dá as condições de possibilidade. É ao mesmo tempo fechado, porque há essa condução, e também aberto, porque é instituinte de possíveis, de deslocamentos na experiência. É com ele que avançamos na experimentação.

Hoje a oficina começou antes mesmo de chegar ao IBC, ao me encontrar com a Juliana no ônibus. Uma pergunta pairava em mim. Como realizar a oficina planejada com uma temperatura destas? (Chuvicava no momento. Não conseguindo me responder, perguntei a Juliana que no momento também estava a pensar na mesma situação. De imediato tivemos a ideia de ter que implementar um plano B. Juliana disse, vamos para o plano B. Perguntei qual era o plano? Ela olhou para mim e respondeu: não sei. Assim começava nossa oficina num emaranhado de dúvidas e incertezas. De seguida pensamos em fazer uma oficina com o teor do que foi planejado, mas nesta utilizaríamos objetos que não envolvessem água. Chegado ao IBC, encontramos a Raffaella na sala de pesquisa e apresentamos para ela a ideia que tivemos e ela concordou. A ideia era de usarmos os objetos como: bolinhas, lenços, e outros objetos para a oficina como o plano B. (Alexandra Simbine, Grupo Perceber Sem Ver, trecho do diário de campo escrito em 23 de março de 2015).

O planejamento é o mínimo necessário para experiência acontecer, mesmo que seja para ser posto a prova, a risco. Faz parte da experimentação. O planejamento compõe o corpo do pesquisador, ao menos, nessa pesquisa. Nas oficinas planejamos a experimentação que iremos propor, as planejamos semana a semana, tomando com base as pistas e direções tecidas em cada oficina a partir das questões e impasses levantados pelas pessoas que dela participam. Assim, os planejamentos são feitos a partir do quê, nas oficinas, nos convoca e mobiliza. Nas reuniões da equipe, com todo o grupo, lemos os diários de campo escritos pelas pesquisadoras presentes em cada oficina e,

coletivamente, decidimos o que levar adiante no encontro seguinte. Mas na experimentação acontecem coisas que não podemos prever. *Uma pergunta pairava em mim. Como realizar a oficina planejada com uma temperatura destas? O encontro coloca em risco o que pensamos para aquele dia, nos exige uma disponibilidade para aceitar o que acontece, mesmo que não saibamos ao certo como nos deslocar. Perguntei qual era o plano? Ela olhou para mim e respondeu: não sei.*

Falamos de procedimentos a serem seguidos, mas que estão a todo tempo abertos ao encontro, pois são procedimentos de experimentação, o risco é intrínseco ao experimentar. Repetimos; planejamento é um mínimo necessário para começarmos, mas para seguirmos é preciso a presença de se entregar ao encontro. Entendemos que a preparação (o planejamento) é o que convoca o estado de presença. Há um trabalho a ser feito também em nós, pesquisadores. O ritual abre mais que fecha, acompanha mais que impõe. Nas oficinas, a experimentação inaugura um espaço limiar (as fronteiras escritas por Mia Couto), um espaço de encontro no “entre” onde são necessários deslocamentos mútuos. Torralba (2015) escreve: “quando fazemos algo, como no “rito”, algo se faz em nós. Sentir como o fazer pode ser um deixar acontecer, experimentando um não saber previamente e inaugurando um saber-sabor” (p. 172). Eis aqui outro entendimento do pesquisar: pesquisarCOM carrega uma dimensão de não-saber, aquele momento em que não temos ideia, mas que por isso se torna ocasião para reinventarmos nossos modos de fazer.

A oficina do grupo dos reabilitandos foi preparada para trabalhar o equilíbrio. Quedas e dificuldades relacionadas a equilíbrio permeiam, com frequência, as histórias que os participantes nos contam nas oficinas. É também comum que os participantes sugiram que exercícios que trabalhem nesse sentido sejam trazidos nos próximos encontros. Para entender melhor o porquê de esse tema estar sempre presente de alguma forma nas oficinas e que sentido os participantes davam a esse tão trabalhado equilíbrio, preparamos uma oficina que se iniciaria com uma conversa em grupo em que faríamos perguntas como "O que é equilíbrio?", "O que desequilibra vocês?" e depois usaríamos os objetos da própria sala onde fazemos as atividades, como colchões e tapetes, para ver o que ajudaria a equilibrar e o que provocaria desequilíbrio. Chegamos à oficina com o nosso planejamento – e era ele o nosso equilíbrio. [...]

Em roda, sobre os colchões, perguntamos aos participantes do grupo da reabilitação, segundo o que havíamos planejado: “O que é equilíbrio para vocês?”, “O que os desequilibra?”. E uma das pesquisadoras completou como quem tenta afunilar a questão e encaminhá-la para o que buscávamos saber: “Queremos construir uma oficina de equilíbrio junto com vocês e percebemos que nossa compreensão desse equilíbrio é muito rasa”. Seu Francisco nos respondeu: “Me falta o equilíbrio quando ferem a minha honra”. Essa resposta nos surpreendeu enquanto pesquisadoras, ficamos sem saber o que fazer, não era essa resposta que estávamos preparadas para escutar. O sentido que trazíamos na mochila era do equilíbrio motor. Enquanto hesitávamos, seu Francisco nos contava à história que feriu sua honra. Numa pausa para respiração, aproveitamos para nos desfazer do não-saber que dominava nossos corpos, dizendo que o equilíbrio que tínhamos planejado para aquela oficina dizia respeito ao caminhar pelas ruas, se movimentar pelos espaços, tropeçar pela cidade. (Grupo Perceber Sem Ver, diário reescrito para o artigo “Você jura pelos seus olhos? Hesitações que (des)equilibram um dispositivo de pesquisa”, 2015).

Na fala de *Francisco*, percebemos uma fresta (CONTI, 2015) inesperada que nos levaria a outro caminho. Naquele momento, nos encontramos em uma bifurcação: caminho planejado ou caminho inesperado? De acordo com nosso planejamento, estávamos levando para a oficina uma dinâmica aberta para que construíssemos juntos uma noção de equilíbrio. Contudo, não nos demos conta de que, apesar daquela proposta, carregávamos uma noção de equilíbrio já construída, que não abarcava aquela trazida por *Francisco* – o equilíbrio emocional. Não conseguimos durante a oficina seguir o desvio que apareceu, mas não fingimos que nada se passou, levamos isso adiante, fizemos da hesitação ocasião para produzir conhecimento (as discussões, o artigo), para reinventar nossos modos de saber-fazer.

Toda semana nos encontramos para lermos os diários de campo, planejar as oficinas, discutir textos, conversar sobre o que nos afetou no encontro com o outro. São nessas idas e vindas, da reunião para a oficina, da oficina para a reunião, da escrita dos diários de campo ao seu envio para o grupo, das conversas de corredor ou pelos grupos virtuais, que a pesquisa se faz, se refaz e se desfaz em várias outras ações: afetar,

escutar, agenciar, articular, disseminar, hesitar, compor, cuidar, surpreender, reabilitar (CONTI, 2015) ³⁵.

Nessas reuniões de equipe aprendemos a “ficar com o problema”, não responder de imediato, pensar e sentir aquele acontecimento. Aprendemos a deixar o planejamento/ritual reverberar na experimentação, sintonizar a *vibe* e provocar desvios. Ficar com o problema é fazer reverberar em nós a força do acontecimento, o que dele nos tira o chão, é cuidar das aberturas dos corpos para que não se esvaziem, não se fechem rapidamente, mas se multipliquem, proliferem versões. Versões de corpos, de cegueiras, de pesquisar, de cuidar.

prudência: a coragem do lançar-se

A imprudência é o veneno da continuidade (Provérbio africano).

Para essa oficina, planejamos experimentar a entrega de nosso corpo e nosso peso ao toque e suporte do outro. Fomos para perto de cada um deles. Todos estavam de olhos fechados. Antes de tocarmos em seus braços, falei que, neste momento, nos aproximáramos e pedi licença para tocá-los. Comecei tocando a pele de Antônio, minha dupla. Era difícil para Antônio soltar todo peso. Quando eu começava um movimento, ele logo mobilizava o braço para me ajudar.

Tentei chamar Antônio e pedir que confiasse seu peso a mim, mas ele não escutou. Antônio, cego, também ficava surdo. Ele foi me ajudando com os movimentos. Fui então erguer um pouco a cabeça de Antônio. Cabeça pesa, né? Senti que neste momento, Antônio entregou seu peso a mim. Eu pude segurar sua cabeça, ele pode solta-la em minhas mãos. E fomos nós. Estava fazendo uma experimentação também com o meu corpo. Meus braços estavam entregues ao exercício. Ao terminarmos, minha mão estava tão quente que precisei mantê-la ainda um pouco próxima de Antônio para uma despedida mais demorada. (Raffaella Petrini, Grupo Perceber Sem Ver, trecho do Diário de campo escrito em 25 de maio de 2015).

³⁵ Trecho retirado do artigo “Você jura pelos seus olhos? Hesitações que (des)equilibram um dispositivo de pesquisa”, 2015, que escrevemos coletivamente com todo grupo de pesquisa.

Foi entre o tensionar e reter, o suportar e confiar que *Antônio* pode soltar sua cabeça sobre as mãos de Raffaella e que Raffaella pôde sentir o peso da cabeça de *Antônio*. Houve um deslocamento mútuo, construído no momento da experiência, *planejamos experimentar a entrega de nosso corpo e nosso peso ao toque e suporte do outro*. Trabalhar com as intensidades do corpo é sempre delicado e exige um mínimo de preparo (o planejamento-ritual do qual já se falou), em nossas oficinas sentimos que esse cuidado é fundamental para que o encontro possa acontecer. E situando nosso trabalho, notamos que na reabilitação a dimensão do medo, da retração, se faz muito presente, para os participantes das oficinas o encontro com as ruas da cidade carrega a marca das ameaças, desconfianças, das quedas e dos perigos de se viver em um mundo extremamente visual. Por isso se faz tão preciso criar um espaço e preparar um tempo adequados para experimentação acontecer, e a entrega seja possível.

Além do planejamento mínimo, do preparo do ritual, chegar *perto de cada um deles*, anunciar o contato, e pedir licença *para tocá-los* é necessário para uma troca advir. *Antes de tocarmos em seus braços, falei que, neste momento, nos aproximaríamos, mas* nem sempre o falar surte tanto efeito, *Antônio* cego, também ficava surdo, e Raffaella precisou sintonizar o próprio corpo com o corpo de *Antônio* para que ele a ouvisse e se entregasse a proposição. Foi necessário um trabalho mútuo no e com o corpo; uma comunicação específica, involuntária, em que o verbo não dá conta da experiência, um comum se efetivou a partir do deslocamento de um e de outro, foram afetados. Foi-se construindo uma **prudência** do encontro. Esse conceito se apresenta aqui por muitos caminhos e entonações.

Articulamos prudência como fabulação de um comum, um tom para viver/estar juntos, é aquilo que Haraway (2008) chamou tornar-se com (becoming together) falado na parte I desse trabalho. Essa ideia nos é muito cara, pois a prudência não se constitui solitariamente, ela ativa uma rede de relações. Quando *Antônio* e Raffaella sintonizaram a mesma *vibe* entre os dois, entre o grupo, entre o ritmo, a música, o tempo, a sala, os objetos, a atmosfera, o que se consistiu foi prudência – uma vibração comum, onde um leva em conta o corpo do outro, um responde ao estímulo do outro, e juntos tornaram-se, puderam experimentar um comum, uma comunicação. Ele pode soltar o peso de sua cabeça e ela pode receber esse peso. E para quem nunca ousou essa experiência, soltar a cabeça, logo a cabeça, não é nada fácil! É um exercício de confiança, de *entrega* de um

e de outro. Pois segurá-la também não é simples, como Raffaella bem descreve: *Cabeça pesa!*

Entre os corpos-pesquisadores que propõem a experimentação e os corpos-pesquisados há diferenças, mas de ambos se exige disponibilidade para assim se encontrar o tom, a prudência e coragem necessárias, de um se exige a atenção, a escuta, do outro a entrega, o deixar o outro fazer. Um pode dar a outro o poder de afetar a seu próprio corpo (DESPRET, 2012a), Despret citando Latour designou como “faire faire”, que significa em francês “para fazer um fazer” (idem, ibidem). Na experiência sensorial é uma interagência³⁶ que se dá, é uma relação inter/entre agentes, o afeto performa/enact uma desobjetivação, a experiência sensorial desloca as posições de sujeito e objeto, pois não existe uma maneira de tocar sem ser tocado, o toque convoca agência, ou melhor, a interagência, a relação.

No encontro, a prudência é como um agenciamento: é uma relação de forças que torna alguns seres capazes de fazer outros seres capazes, isso se faz “de forma plurívoca, de tal forma que o agenciamento resiste a ser desmembrado, resiste ser claramente particionado e distribuído. O que constitui o agente e o paciente é distribuído e redistribuído incessantemente” (DESPRET, 2012a, p. 9): *Eu pude segurar sua cabeça, ele pode solta-la em minhas mãos. E fomos nós. Estava fazendo uma experimentação também com o meu corpo. Meus braços estavam entregues ao exercício. Ao terminarmos, minha mão estava tão quente que precisei mantê-la ainda um pouco próxima de Antônio para uma despedida mais demorada.*

Catarina Resende (2008) entendeu prudência como uma espécie de dobradiça, aquilo que conecta os fios do encontro na experiência, é o que nos permite ousar na experimentação de nós mesmos, mas sempre com a possibilidade de retornar quando assim desejarmos ou for necessário, tendo em vista que o que se dá nunca é uma volta ao que se foi, pois já se deu uma interagência, tornou-se outro com o outro. *Antônio*

³⁶ Interagência é um importante conceito para Despret (2012a) diz da composição necessária para existir, seres de espécies diferentes, coisas, contextos se compõem de modo relacional, o que se dá é um co-evolvimento, criam agência. Mas “não há agência que não seja interagência. Não existe agência sem *agenciamento*, uma relação de forças” (p. 15). A questão não é sobre a busca de existências independentes, mas sobre questionar as múltiplas formas que uma dada criatura depende de outros seres. “Ser um agente requer dependência de muitos outros seres; ser autônomo significa ser sendo pluri-hetero-nômono. Somos todos agentes secretos, dependendo das circunstâncias, à espera de um outro ser que nos dará novas agências, novas formas de nos tornarmos agentes, ativamente postos em ação, desfazer e refazer eus precários (através de) um ao outro” (p. 15).

avançou na experimentação de si soltando seu peso seguindo junto com Raffaella, ajudando-a na movimentação, ela também ousava na experimentação de seu próprio corpo, experimentava sua força na recepção do peso de *Antônio*, foi aos poucos, no miúdo da sensação que ambos fiaram um comum, co-fiaram um espaço de encontro, um “entre” de soltura e confiança. A prudência do encontro está totalmente atrelada ao preparo da experimentação, essa possibilidade de entrega e confiança diz do espaço ritual criado.

E seguindo esse miúdo da sensação, prudência aparece como dose, como uma regra imanente à experimentação, Deleuze e Guattari (2004) diriam: injeções de prudência. De acordo com eles, quando essa abertura aos acontecimentos se dá em um corpo extremamente fixado na organização, ele pode se perder no turbilhão de intensidades e se enrijecer. Ao mexer no corpo, é preciso prudência!

Que aconteceu? Você agiu com a prudência necessária? Não digo sabedoria, mas prudência como dose, como regra imanente à experimentação: injeções de prudência. Muitos são derrotados nessa batalha. Será tão triste e perigoso não mais suportar os olhos para ver, os pulmões para respirar, a boca para engolir, a língua para falar, o cérebro para pensar, o ânus e a laringe, a cabeça e as pernas? Por que não caminhar com a cabeça, cantar com o sinus, ver com a pele, respirar com o ventre, coisas simples, entidade, corpo pleno, viagem imóvel, anorexia, visão cutânea, Yoga, Krishna, love, experimentação (DELEUZE e GUATTARI, 2004, p. 11).

Deleuze e Guattari (2004) ressaltam a importância da prudência na feitura de um corpo aberto e intensivo, mas não falam de sabedoria, não é um conhecimento prévio, apriorístico, é ali da relação, esse saber é construído no saborear da experimentação. É preciso saber/sentir transitar na intensidade e não exaurir as forças do corpo, mas habitá-las nas suas múltiplas possibilidades de existência: visão cutânea, viagem imóvel, ver com a pele, respirar com o ventre, coisas simples. Com a dose de prudência cuidamos para não cairmos em abismos e para que o corpo não se torne esvaziado de sua potência, com ela sabemos traçar o caminho de volta, como afirma Resende (2008) em sua dissertação. Mas repetimos: nunca é um retorno ao mesmo ponto, uma vez entrado em experimentação, torna-se outro, inclusive grifamos novamente, porque se torna com o outro, com aquele espaço, aquela atmosfera como um todo. Alertamos, porém: não há manuais para construí-la! Quando frisamos a importância dos procedimentos-rituais a cada experimentação, lembramos que eles não são regras fixas, ao contrário, são abertos

ao encontro, e por isso afirmamos: a prudência se constitui em relação. Como uma consonância do encontro é uma composição de diversos sons, onde é necessária uma escuta do coletivo sem perder a singularidade do ritmo de cada um, ou melhor, é uma escuta do comum, do que em cada um comunga com o todo.

Aquele-que-só-diz-obrigado [é cego, tem 60 anos] me causa angústia, muita angústia. Ele tem o corpo encolhido, as pernas não esticam, sempre estão dobradas, incomodamente – aos meus olhos – dobradas. Ele me parece frágil – será que aquele corpo pode estar na Oficina? O que faremos com ele? Pernas dobradas, tensas, locomoção difícil, minha impressão é de que ele não se move há anos. E lá vem ele, apoiado por alguém, caminhando com dificuldade, passinho atrás de passinho, equilíbrio instável. Chega ao tatame – e eu, fico exausta só de pensar no que me parece ser aquele enorme esforço. E ele chega dizendo obrigado, está tudo muito bom, muito bom, está gostando da experiência, graças a Deus. Logo, penso, tudo tão bom, tão bom, tudo nos conformes, nos conformes. Será mesmo?

O objetivo da Oficina era experimentar o expandir e o contrair começando pela audição concentrada inicialmente fora da sala, depois dentro da sala, depois no próprio corpo. Mãos na barriga. E, com as mãos na barriga, começam a sentir o movimento provocado nesta parte do corpo pela respiração.

Aquele-que-só-diz-obrigado não encosta as pernas no chão quando deita. Elas nunca esticam. E ele fica deitado, numa posição que me parece improvável. Como abrir-se ao outro? Por que aquele corpo me parece desconfortável? Inspirar e expirar percebendo os movimentos do corpo – eis o que está em jogo agora. Em seguida: mão direita no peito, mão esquerda na barriga. É possível perceber o coração batendo?

Uma de nós passa a oficina ao lado de Aquele-que-só-diz-obrigado, encontra um jeito de se articular com o corpo dele, sintonizando um mundo com um corpo muito diferente do seu próprio. E para Aquele-que-só-diz-obrigado está tudo muito bem, muito obrigada, tudo bem, não, não dói não, obrigada, tudo bem, bem, sim, tudo bem, graças a Deus. E o coração, estão sentindo ele bater? Sim, tudo bem, sim, tudo bem, bem, bem, graças a Deus – diz Aquele-que-só-diz-obrigado.

Indicamos que eles não precisam dizer que percebem o coração se de fato não estiverem sentindo o coração bater, não tem problema não perceber isso, dizemos nós,

em uníssono. Aquele-que-só-diz-obrigado se deixa afetar por estas palavras e se conecta com aquilo que se passa com ele: Ah, então, se é assim, olha, vou dizer a verdade: Eu não sinto o coração não! “Bingo!”, eu pensei. Finalmente Aquele-que-só-diz-obrigado não concordou com alguma coisa. Não, ele não percebe o coração quando coloca a mão no peito!! Isso me enche de alegria, um segundinho, um momento tão curto e Aquele-que-só-diz-obrigado sai do “tudo bem, obrigada, bem, sim, tudo bem, obrigado, obrigado, graças a Deus”.

A coordenadora que estava o tempo todo ao lado D’aquele-que-só-diz-obrigado fala ao meu ouvido, bem baixinho e assustada: “Eu também não sinto o coração dele! Que estranho!” Talvez o não sentir o coração de Aquele-que-só-diz-obrigado seja para ela um enigma: será que ele está ali mesmo? De minha parte, pareceu-me que o “não sentir o coração” foi um modo de Aquele-que-só-diz-obrigado estar presente na Oficina, inteiro, ele, uma forma de presença longe do sim, sim, tudo bem, tudo ótimo, tá bom, sim tá bom, graças a Deus. (Retirado de CONTI, 2015. Grupo Perceber sem Ver, trecho do diário de campo escrito por Márcia Moraes no ano 2009).

Colhemos dos corpos que cegaram ou estão cegando muitas histórias, como dissemos anteriormente, em que o mundo aparece como ameaçador, um mundo de prováveis quedas, mas o que nos chama, o que nos prende a atenção são as brechas que essas histórias trazem, é lá que percebemos que esses corpos são investidos de coragem a cada momento. Entendemos que o corpo é corajoso, quando se lança a experimentar, a pôr-se a prova³⁷. É assim que entra de novo a prudência. Prudência para nós é também articulada como coragem, pois é o que permite pôr-se em risco, se arriscar nas vicissitudes da vida, e também ali conosco nas oficinas. Esse lançar-se nunca se faz isoladamente, a prudência somada à coragem articula toda uma rede de relações (de pessoas, animais como cães-guia aos mais variados objetos, bengalas, óculos, celulares e imaterialidades como internet, afetos, perguntas).

A prudência exige articulação. Diversas vezes, nas oficinas, nos deparamos diante de impasses, – *será que aquele corpo pode estar na Oficina? O que faremos com ele? Pernas dobradas, tensas, locomoção difícil, minha impressão é de que ele não se move há anos. E lá vem ele, apoiado por alguém, caminhando com dificuldade, passinho atrás de passinho, equilíbrio instável. Ele chega ao tatame. Não nos damos*

³⁷ Já falamos disso brevemente na Parte I.

conta que nossos corpos estão habituados a certos repertórios organizados, – e eu, fico exausta só de pensar no que me parece ser aquele enorme esforço. E ele chega dizendo obrigado, está tudo muito bom, muito bom, está gostando da experiência, graças a Deus. Logo, penso, tudo tão bom, tão bom, tudo nos conformes, nos conformes. Será mesmo? A prudência no encontro convoca também a nós pesquisadoras e videntes a coragem de nos refazer, de nos transformar, *uma de nós passa a oficina ao lado de Aquele-que-só-diz-obrigado, encontra um jeito de se articular com o corpo dele, sintonizando um mundo com um corpo muito diferente do seu próprio.* É a partir desses encontros e de seus impasses que nos achamos em vias de alargar nossos repertórios corporais, compondo-os por atravessamentos trazidos pela cegueira e por mais quaisquer singularidades que compõem o corpo daqueles que estão ali conosco. A prudência necessária convoca o estado de presença para poder perceber e estar aberto a modulações na experimentação, inclusive sendo possível manter as estranhezas.

Prudência se torna a possibilidade de sustentar o “e” entre as diferentes versões de mundo e de corpos, sem que uma apague a outra, é uma aposta na relação agonística das forças presente no encontro. Diferente do antagonismo, a agonística convoca a composição, ao arranjo das forças presentes e não a contraposição ou anulação de uma força ou outra. É uma consonância, como dizíamos; uma sintonia. Assim, as marcas dos corpos por mais esquisitas que pareçam ganham possibilidade de estar com, de composição. Nem que seja em um criativo, improvisado e estranho “estar juntos” (DESPRET, 2012a). *Talvez o não sentir o coração de Aquele-que-só-diz-obrigado seja para ela um enigma: será que ele está ali mesmo?* O não sentir o coração se deu como um modo estranho, mas sintônico, de compor com a oficina, *de minha parte, pareceu-me que o “não sentir o coração” foi um modo de Aquele-que-só-diz-obrigado estar presente na Oficina, inteiro, ele, uma forma de presença longe do sim, sim, tudo bem, tudo ótimo, tá bom, sim tá bom, graças a Deus.* Acedeu uma frestinha ao corpo intensivo *D’aquele-que-só-diz-obrigado*, onde a dobradiça permitiu uma abertura um pouco maior, um modo de ousar um pouco mais, uma maneira de estar presente ali conosco e inteiro na experimentação de si. Por mais bizarro que tenha sido.

Quando o próprio corpo é criador e criatura de um mesmo processo (RESENDE, 2008b) afirmamos que a ressalva com a prudência deve assumir contornos ainda maiores, pois criar um corpo não significa cair em um buraco negro ou em um abismo emocional, pode ser vivido como frescor de uma breve abertura ou um leve susto de um

novo afeto, *não precisam dizer que percebem o coração se de fato não estiverem sentindo o coração bater, não tem problema não perceber isso, dizemos nós, em uníssono. Aquele-que-só-diz-obrigado se deixa afetar por estas palavras e se conecta com aquilo que se passa com ele: Ah, então, se é assim, olha, vou dizer a verdade: Eu não sinto o coração não!* Criar um corpo pode se dar como o despertar de mínimas, mas intensas pequenas percepções, *um segundinho, um momento tão curto e Aquele-que-só-diz-obrigado sai do “tudo bem, obrigada, bem, sim, tudo bem, obrigado, obrigado, graças a Deus”, o que se dá são ampliações graduais de mundos, sutis aberturas das dobradiças do corpo, desvios, frestas nos repertórios repetitivos e ora encurtados.*

Agir com prudência coloca o corpo num exercício de si sobre si, que vai ampliando seus limites a partir de uma regulação com o mundo. Trata-se de criar uma relação regulada e cuidadosa com o próprio corpo, de poder perceber com maior sutileza em que momento pode-se avançar na experimentação.

E era Ana que no meio das suas muitas falas, nos contava das conquistas que fazia, dia após dia. Numa bela manhã saiu de casa com sua bengala na mão. Toc toc toc, tinha medo ainda de andar sozinha, sabia no entanto que era preciso seguir a linha guia, era preciso ficar atenta ao que se passava na rua. E saiu à rua. Porque se não sair, vai fazer o que? Ficar em casa? E ela foi na casa da filha, que morava em outro bairro. Aqui e ali uma pergunta. Chegou bem, as aulas de bengala³⁸ até que tinham sido boas. (Relato Márcia Moraes, 2015).

Ana vai afirmando no meio de suas falas e ações o que dizíamos acima: a prudência no trabalho de experimentação corporal permite nos lançar a coragem, ao risco do viver. É um trabalho de ampliações de mundo, o mundo pode ganhar (e vai ganhando!) outros tons menos ameaçadores do que aqueles das falas iniciais. Nas oficinas fazemos esse trabalho de cultivar mundos mais dilatados, nos ocupamos de colher os pequenos feitos, cotidianos, já que por vezes o cegar é vivido como restrição. O cegar corta um mundo e a instalação de outros é lenta, trabalhosa. Fazemos nas experimentações o movimento de cultivar muitas conexões para que o mundo volte a se tornar denso e não faltoso. Denso de sensorialidades, denso de histórias. Essa densidade se faz percebendo a importância do que se passa no todos dos dias. É em uma saída à

³⁸ São aulas de OM (Orientação e Mobilidade) em que se aprende a usar a bengala e a se locomover com referenciais não visuais.

rua, é em uma discordância do que já parecia fadado a se repetir, é em uma sutil confiança em soltar seu próprio peso...

Disseram-me que coragem vem do latim, quer dizer, ação do coração, contagiada por essa definição digo que se arriscar ao novo é uma ação pulsante do corpo inteiro. *Ana* com coragem abriu um pouco mais as dobradiças de sua relação com o mundo, se colocou em risco pelas ruas da cidade, mas contando com o aprendizado das aulas de bengala. *Porque se não sair, vai fazer o que? Ficar em casa?* Sua bengala foi sua prudência, sua válvula de escape, àquilo que a permitiu ousar e sair de casa, com a possibilidade de retornar a salvo. *Aqui e ali uma pergunta. Chegou bem.* A coragem é um emaranhado de relações, é uma rede de confiança, a bengala, as informações, a escuta atenta ao que se passava na rua, a filha em outro bairro, as aulas do OM, a oficina.

Canguilhem (2007) nos conta que se arriscar faz parte da saúde, uma das coisas que “caracteriza a saúde é a possibilidade de tolerar infrações à norma habitual e de instituir normas novas em situações novas” (p. 148), para ser sadio é intrínseco ser normativo, acrescentamos aqui ser corajoso, isto é, arriscar novas normas quando as situações exigem. Entendemos que a prudência anda junto com a saúde, pois ambas são guias reguladores das possibilidades de reação e relação. *Ana* ao se lançar às ruas afirmou sua saúde, ao nos contar pudemos afirma-la juntos e co-fiarmos uma revolução diária (FRANCO, 2013) de nossos corpos-mundos.

De repente, Zé - 48 anos, participante da oficina, cego há cinco anos - tomou a palavra e começou a falar sobre o que ele tinha achado do encontro. Falava o quanto havíamos trabalhado nos exercitando e quão bom era fazer isso. Ofertou-se, então, a nos explicar sobre o movimento. Zé dizia: “É bom se exercitar, se mexer. Porque a gente tem que se movimentar, isso nos faz mais vivos. A vida é movimento. O que está vivo se move. Mesmo quando a gente não está fazendo nada, quando a gente está parado, o nosso corpo, nossos órgãos, nosso sangue... tudo está circulando.”

Prestávamos atenção e aprendíamos com ele. Nos contava sobre os sistemas circulatório, respiratório. Reafirmava que a vida é movimento. “E a gente só para mesmo de se mover quando morre. Quando não mexer mais, pode ver que está morto.

Mas enquanto vivo, tá se mexendo, tá circulando! Enquanto vivo, movimento!”. (Grupo Perceber sem Ver, diário de campo escrito em 29 de maio de 2015³⁹).

A vida é movimento, Zé compartilha conosco. Com Canguilhem (2007) vamos afirmando que estar vivo escapa a uma previsibilidade, ele diz que o “ser vivo não vive entre leis, mas entre seres e acontecimentos que diversificam essas leis” (p. 149), viver é da ordem do acontecimento que coloca em risco as normas estabelecidas. A vida é movimento. O que está vivo se move. Os seres vivem “no meio de um mundo de acidentes possíveis. Nada acontece por acaso, mas tudo ocorre sob a forma de acontecimentos. É nisso que o meio é infiel. Sua infidelidade é exatamente seu devir, sua história.” (p. 149). É no lançar-se que a vida acontece, quando não mexer mais, pode ver que está morto. Mas enquanto vivo, tá se mexendo, tá circulando! Enquanto vivo, movimento!

É com a coragem do lançar-se e com a prudência de articular toda uma rede de relações que a história de cada um vai sendo possível e a saúde se afirmando: “O homem só se sente em boa saúde – **que é, precisamente, a saúde** – quando se sente mais do que normal, isto é, não apenas adaptado ao meio e às suas exigências, mas também, normativo, capaz de seguir novas normas de vida” (CANGUILHEM, 2007, p. 151, grifo nosso).

uma concepção afirmativa de saúde

O ser humano só sente em boa saúde, enfatizamos que é precisamente a saúde, quando tem jogo de cintura nas novas situações que aparecem, um molejo, uma flexibilidade de seguir novas normas de vida.

Achamos que a vida de qualquer ser vivo, mesmo que seja uma ameba, não reconhece as categorias de saúde e doença a não ser **no plano da experiência**, que é, em primeiro lugar, **provação no sentido afetivo** do termo (CANGUILHEM, 2007, p. 149, grifo nosso).

O sábio Canguilhem é convocado para nos guiar no mapeamento de uma concepção ampliada e afirmativa de saúde. Ele diz e nós frisamos: saúde e doença

³⁹ Esse diário foi reescrito coletivamente para o artigo "PesquisarCOM: efeitos de uma oficina de experimentação corporal com pessoas cegas e com baixa visão" submetido à Revista Pesquisa e Práticas Psicossociais, como citado em nota acima.

devem ser consideradas no plano da experiência, experiência no sentido afetivo, afeto não no sentido de uma emoção que escapa a razão, mas como capacidade de se transformar, como aquilo que mobiliza e modifica seu próprio repertório, é o que faz mover, faz-fazer (FAVRET-SAADA, 2005; DESPRET, 2012a). É **na experimentação do viver** de cada ser que podemos reconhecer sua saúde e seu adoecimento. Para Canguilhem, é perturbadora a ideia de que a vida se afaste dessa dimensão de experimentação, de reinvenção das suas próprias normas. “Seria imprudente dizer que a vida é sempre idêntica a si mesma. Canguilhem vai dizer que não se pode “saber”, mas apenas “sentir” o que é saúde” (CONTI, 2015, p. 82). Esse é um primeiro passo para pensarmos a saúde na imanência dos corpos, na relação intensiva com a vida. A imanência dos corpos diz das conexões, das mediações que fazem existir um corpo. Imanência traz a presença à tona, toda rede de relações que compõe o corpo no mundo (todas suas marcas).

Canguilhem (2007) afirma que “o homem, mesmo sob o aspecto físico, não se limita a seu organismo [...]. É, portanto, para além do corpo que é preciso olhar, para julgar o que é normal ou patológico para esse mesmo corpo” (p. 151/152). Esse para além do corpo para Canguilhem diz respeito ao meio, para nós aponta para as conexões desse corpo, para o arranjo, a rede de relações que o compõe. Não podemos nos limitar a pensar a saúde a partir do corpo anatômico-fisiológico-estável (até porque ele não existe, o corpo fisiológico é movimento, mesmo *quando a gente está parado, o nosso corpo, nossos órgãos, nosso sangue... tudo está circulando*, tudo está em movimento) e nem podemos tomar um distúrbio como patológico em si: normal e anormal só podem ser apreciados numa **relação** (RESENDE, 2008). É sempre a singularidade de cada corpo que deve ser tomada como referência, por isso que a saúde não deve ser medida somente por normas impostas de fora para dentro, nem por médias que imponham regras de conduta comuns a todos, é na relação, que sempre se dá de forma singular e local.

Lina começou a falar da artrose que está lhe atacando as mãos, mas que não sentia dor. Mostrou para nós como suas mãos estavam tortas, os dedos já estavam todos curvados, e ela disse que não sentia dor apesar disso, foram os médicos que por acaso em uma consulta a diagnosticaram. Lina estava triste, pois já não conseguia usar suas grandes unhas postiças e nem mais (também por causa da visão) trabalhar como trabalhava na confecção, chegou a trabalhar para o camarim do Teatro Municipal do

Rio de Janeiro nos seus tempos de maior atividade, hoje não mais trabalhava. Muito séria falou que a dor era muito importante, quase ninguém via essa importância, mas ela via, se ela tivesse sentido dor teria começado a tratar a artrose antes de estar tão avançada, com tristeza falou que foi assim também com a visão, não sentiu dor, descobriu por acaso em um passeio pelo shopping, onde em uma tenda estava sendo oferecido exame do campo visual. Quando saiu o resultado, descobriu nesse dia que já estava com um dos olhos completamente tomado pelo glaucoma... Se tivesse sentido dor poderia ter começado antes algum tratamento, “a dor importa porque ela é um sinal do corpo, um aviso que as coisas não andam bem” ela nos disse. A dor como um mensageiro do corpo. Achei essa conclusão de uma extrema agudeza. Nos despedimos com promessas de agitações na oficina seguinte. (Gabrielle Chaves, Grupo Perceber sem Ver, trecho do Diário de campo escrito em 11 de maio de 2015).

Os limites entre o que é saúde e o que é doença são imprecisos para um coletivo genérico. Essa fronteira é singular. Esse trecho de diário me traz uma inquietação, no caso de *Lina*, onde começa a doença? Um adendo importante para seguirmos: não queremos colar deficiência com o que corriqueiramente se entende por doença, essa luta não é só nossa, vem do movimento social da deficiência⁴⁰ que com uma guinada revolucionária lutou para retirar a deficiência do campo da natureza, do biológico, evidenciando o papel da sociedade, das políticas públicas na opressão dos corpos com deficiência. Mas é também importante grifar que o conceito de doença que Canguilhem traz não é o mesmo que o modelo social da deficiência carrega, a mesma palavra traz

⁴⁰ O **modelo social** se opunha ao que ficou conhecido como **modelo biomédico**, isto é, àquele que localizava na lesão a causa das desvantagens vividas pelos deficientes, ignorando o papel da sociedade na opressão da deficiência. É importante dizer que o **modelo social da deficiência** partia de dois pressupostos: “1. de que as desvantagens eram resultado mais diretamente das barreiras [sociais] que das lesões e 2. de que retiradas as barreiras, os deficientes exercitariam a independência” (DINIZ, 2003, p. 3). Para esses teóricos, a independência era um valor e o principal impeditivo dela para os deficientes seriam as barreiras sociais, em especial barreiras de locomoção e arquitetônicas. Princípios como o cuidado ao deficiente não estavam na agenda de discussões, pois o modelo social pressupunha que o deficiente era um sujeito produtivo assim como o não deficiente, sendo somente necessária a retirada das barreiras para a igualdade ser estabelecida. E foram as teóricas feministas que, pela primeira vez, mencionaram a importância do cuidado, que falaram sobre a **experiência do corpo** e trouxeram as cuidadoras e os gravemente deficientes para o centro das discussões – “aqueles que jamais serão independentes, produtivos ou capacitados à vida social, não importando quais ajustes arquitetônicos ou de transporte sejam feitos” (DINIZ, 2003, p. 3). Foi o feminismo que levantou a bandeira da **experiência do corpo lesado**, forçando uma discussão não apenas sobre a deficiência, mas o que significava viver em um corpo doente ou lesado. Foram as feministas que equivocaram, para o campo da deficiência, os conceitos de autonomia, independência e produtividade, indicando que as saídas são princípios de bem-estar não assentados em uma ética individualista ou de produção, mas no princípio de interdependência das pessoas.

sentidos diferentes nos dois contextos, talvez o que Canguilhem construiu como doença possa ser feito um paralelo com o que o modelo social trouxe para ampliar o sentido de deficiência. Recorro à parceira Adrielly Selvatici (2016) que reflete sobre esse paralelo:

A categorização “deficiente” talvez só possa ser usada no mesmo sentido de doença que traz Canguilhem (2011), ou seja, quando uma vida tem diminuída sua capacidade criativa. Tal noção tem a ver com a função normativa de um organismo, que se refere justamente ao fato de se poder inventar disposições afirmativas no mundo nas condições emergentes. Essas disposições são afirmativas, pois funcionam como potências que ativam forças inventoras de arranjos existenciais. A partir dessas noções pode-se pensar também em saúde dos organismos caracterizados como “deficientes”, na medida em que, com suas diferenças, produzem modos fortes de viver (p.14).

Aqui estamos seguindo o modelo social da deficiência, mas com a torção da crítica feminista, onde não podemos ignorar da **experiência do corpo lesado**, estamos aqui explicitando a vivência com o adoecer, adoecimento no sentido que Canguilhem (2007) nos apresenta. Acompanhamos a experiência de se ter um corpo que ao cegar vive processos de transformação. No caso de *Lina*, onde começa a doença? Como se desenha essa fronteira, já que não há dor? Canguilhem (2007) afirma que “A fronteira entre o normal e o patológico é imprecisa para diversos indivíduos considerados simultaneamente, mas é perfeitamente precisa para um único e mesmo indivíduo considerado sucessivamente” (p. 135). Mas como ser sensível a essa singularidade sem enquadrá-la de imediato em normas externas? *Mostrou para nós como suas mãos estavam tortas*, suas mãos desenhavam uma alteração, *os dedos já estavam todos curvados, e ela disse que não sentia dor apesar disso, foram os médicos que por acaso em uma consulta a diagnosticaram*, mas se não havia dor como a situação poderia ser considerada doença? O diagnóstico lhe deu um sentido? Canguilhem aponta que é a pessoa quem sente as consequências de uma alteração que pode ponderar a situação, “o indivíduo é que avalia essa transformação [...], no próprio momento em que se sente incapaz de realizar as tarefas que a nova situação lhe impõe” (CANGUILHEM, 2007, p. 135).

O diagnóstico é uma leitura possível e muitas vezes importante, pois tira direções de tratamento, mais que fechar em uma formatação, essa leitura tem de ouvir a

história de cada corpo em cada situação. “Embora admitindo a importância dos métodos objetivos de observação e de análise na patologia, não parece possível que se possa – com absoluta correção lógica – falar em “patologia objetiva”” (p. 177) esclarece Canguilhem (2007). O diagnóstico não pode apagar a singularidade do processo de adoecer. Ao dizer isto “não implica decerto que a medicina abra mão de suas conquistas, mas sim, ao contrário, de suas crenças cristalizadas” afirma Catarina Resende (2008) na ação de redefinir o saber e a prática na saúde, na ação de não endurecer a escuta, a clínica.

Lina estava triste, pois já não conseguia usar suas grandes unhas postiças e nem mais trabalhar como trabalhava na confecção. Foi aí que o diagnóstico da artrose lhe fez sentido? Foi sua ação no mundo que lhe mostrou sua doença? A dor é como um mensageiro do corpo, mas não é a única a dar sinais de que algo não vai bem, o encontro com o mundo traz a tona as alterações (ou as paralisações) do corpo. O corpo como já dissemos vai se modificando com as situações, é o primeiro dos médicos diz Canguilhem (2007), e aquilo que é normal, mesmo sendo normativo em determinadas condições, pode se tornar patológico em outro momento se não conseguir acompanhar a nova situação que se apresenta. As situações vividas trazem notícias.

A visão foi sumindo assim gradativamente sem sintoma nenhum, eu descobri pelos tombos que eu estava levando. Aí eu usava computador e não enxergava mais, eu já não conseguia passar um cartão de crédito na máquina. (Conta-me Josué, participante da Oficina de Experimentação Corporal, numa conversa gravada em 8 de dezembro de 2014).

Nem a dor, nem o diagnóstico, a experiência com a doença se dá no fazer do cotidiano, se permanecemos aí na experimentação do todo dia as alterações (transformações no corpo) vão aparecendo. Então, para definir o que é normal ou patológico, a atenção e o cuidado devem passar pelas conexões que fazem aquele corpo naquele momento (uma doença não é a mesma em qualquer lugar a qualquer tempo, as condições materiais e socioeconômicas – Canguilhem chamará de meio – fazem diferenças nas conexões possíveis para cada corpo).

Você bate nas coisas, você tem que reaprender. E aí depois que você centraliza aquilo na mente, depois que se acostuma, aí já não bate mais, já sabe onde tá o

obstáculo, mas a princípio você tem que ir bem devagar pra conhecer o novo terreno, é um novo terreno na sua vida. (Conta-me Carmen, participante da Oficina de Experimentação Corporal, numa conversa gravada em 8 de dezembro de 2014).

Estar doente não significa parar de ser normativo. A doença não é uma ausência de normas. O corpo continua se regulando com aquilo que chega, com o meio, porém de um outro jeito, menos flexível, *você tem que reaprender*, e inicialmente é com um jogo de cintura mais travado, pois *a princípio você tem que ir bem devagar pra conhecer o novo terreno*. Aqui acho conveniente colocar uma pergunta que o próprio Canguilhem (2007) faz em sua tese: “Na medida em que seres vivos se afastam do tipo específico, serão eles anormais que estão colocando em perigo a forma específica ou serão inventores a caminho de novas formas?” (p.100), Adrielly Selvatici (2016) leva adiante a pergunta para pensar a questão da deficiência: “Os deficientes estão colocando em risco um tipo específico de indivíduo sadio, produtivo, trabalhador, ou serão eles inventores e questionadores do que os modos hegemônicos vigentes atestam como limite em nossa sociedade?” (p. 12/13).

Com Canguilhem (2007) e as narrativas colhidas em campo, percebemos que assim como a saúde, a doença tem também sentido ampliado e afirmativo: “A doença passa a ser uma experiência de inovação positiva do ser vivo, e não apenas um fato diminutivo ou multiplicativo [...] a doença não é uma variação da dimensão da saúde; ela é uma nova dimensão da vida” (p. 138). *É um novo terreno na sua vida* nos afirma Carmen. Por esse viés, a doença é concebida como uma solução inventiva, de certo modo, positiva, sendo sua instauração um alerta do que não funciona mais e tentativa de invenção de normas inéditas (SELVATICI, 2016). Tomamos a doença como parte da vida, ela se dá no exercício do viver, “se associa ao corpo que fazemos no dia-a-dia” (MORAES & ARENDT, 2013, p.319), como diz o dito popular: só adoece quem está vivo⁴¹!

Mas tenha calma, não estamos glorificando a doença, estamos abrindo outras significações possíveis para ela. Entendemos que a doença se constitui simultaneamente como **privação e reformulação**. Selvatici (2016) diz:

⁴¹ Ditado que aprendi com minha orientadora Márcia Moraes.

O corpo doente é um corpo em estado de vigília que está resistindo a certa entropia, e, mesmo com dificuldades, ele não se caracteriza por estar estagnado, mas em luta pela preservação no ambiente. Na doença é acionado todo um sistema imunológico a fim de combater o parafuso que emperrou a engrenagem, ela não é um caminho para a morte, mas uma luta pela vida (p.13).

Com todo cuidado possível para não apagar o sofrimento daqueles que estão a adoecer e nem relativizar a experiência de cada um com seu processo, reconhecemos junto a Resende (2008) a doença como uma “experiência transformadora” (p. 132). Naquela mesma conversa *Carmen* conta:

Perdi um pouco a agilidade no meu caso, eu não estou falando por todos. Você passa a se movimentar com menos agilidade, anda mais devagar, faz as coisas com bem mais lentidão. E aí você tem que se concentrar naquilo que você não está vendo pra você achar. Essa é a minha diferença... Eu perdi a agilidade. Eu não desço uma escada correndo, mesmo eu enxergando, eu enxergo pouco, mas ainda assim eu não desço uma escada correndo, porque eu tenho medo de não acertar o degrau, então eu nunca corro na escada. (Carmen, participante da Oficina de Experimentação Corporal, numa conversa gravada em 8 de dezembro de 2014).

Na doença há a privação de um modo de vida. Há sofrimento e perdas. Mas, há também a reformulação a partir dessa nova situação, então *you have to concentrate on what you are not seeing to find it*. A “doença não deixa de ser uma nova vida, caracterizada por novas constantes fisiológicas, por novos mecanismos” (CANGUILHEM, 2007, p. 141). Na perspectiva ampliada e afirmativa, a saúde é a capacidade de instaurar novas normas internas em função das demandas do meio, *depois que você centraliza aquilo na mente, depois que se acostuma, aí já não bate mais, já sabe onde tá o obstáculo*. É no mesmo processo de privação que a doença traz que há as linhas de reformulação do corpo, pois “podemos estar enfermos e ainda potentes ou mesmo em processo de cura” (p. 132) como nos afirma Resende (2008). Essa concepção de doença traz consigo uma noção de cura diferenciada, que não traduz um retorno ao estado normal anterior, mas a criação de uma nova circunstância. Adiante adentraremos mais no que estamos chamando de cura, por ora trazemos essa compreensão de que mesmo enfermos caminhamos rumo à saúde, a nova saúde, Canguilhem (2007) diz que “Curar, apesar dos *déficits*, sempre é acompanhado [...] do

reaparecimento de uma ordem. A isso corresponde uma *nova norma individual*” (p. 146). Por esse viés, como diz Selvatici (2016), uma reconstituição funcional satisfatória “para o doente e para o médico pode ser obtida sem *restituo ad integrum* na ordem anatômica, mas por combinações que configurem uma nova ordem adaptativa” (p.13).

Como diz Canguilhem (2007); a vida não conhece reversibilidade. Saúde e doença são medidas pela **plasticidade normativa** do indivíduo frente aos acontecimentos. As diferenças aparecem nas ações no mundo, *Você passa a se movimentar com menos agilidade, anda mais devagar, faz as coisas com bem mais lentidão*. É a plasticidade que nos permite adaptar, com ela se pode sentir a privação e ter a capacidade de se reformular, *depois que se acostuma, aí já não bate mais*. O corpo vai se transformando a partir do que lhe chega. Lembrando que essa transformação nunca se faz isoladamente, é uma rede de relações e interações. E nas oficinas o caminho é para nos sensibilizarmos para outras formas de estar no mundo, trabalhando outros caminhos possíveis, nos colocando em relação de modo a não estagnar naquilo que se perde, mas se guiando por aquilo que se ganha. Na mesma conversa *Josué* pontua para as linhas de reformulação:

Muda tudo. Você fica mais lento, você fica incapaz de fazer alguma coisa, porque você não tem o treinamento, aqui no IBC que você tem o treinamento pra usar o computador, pra escrever com o braile. É como se você iniciasse tua vida de criança, sabe. Você vai aprender a ler e aprender a escrever, porque você não sabe fazer assim como fazia antes. (Josué, participante da Oficina de Experimentação Corporal, numa conversa gravada em 8 de dezembro de 2014).

Nessa dinâmica que estamos apresentando, a doença deixa de ser só desequilíbrio ou desarmonia para ser um movimento em direção a uma nova saúde. Essa saúde não é a mesma que a antiga, não há uma reversibilidade. *É como se você iniciasse tua vida de criança*, porém não há volta. É como se seguisse adiante em um novo rumo. Para Canguilhem, a vida é polaridade dinâmica, nela não existe uma saúde perfeita e contínua, a doença faz parte da experiência de ser vivo, e não só isso, é justamente quando estamos bem de saúde que podemos até mesmo abusar e a pôr em risco, pois: “estar com boa saúde é poder cair doente e se recuperar; é um luxo biológico” (2007, p. 150) ele ousa dizer. A possibilidade de abusar da saúde faz parte da saúde.

Ao considerarmos a polaridade, o dinamismo que envolve a vida, concebemos a pessoa na sua integridade, Resende (2008) diz que assim podemos entender: “a saúde (física, psíquica e ambiental) como capacidade de transformar-se, de morrer para o antigo para renascer para o novo; e a doença (física, psíquica e ambiental) como impossibilidade modal e momentânea de transformação” (p. 129). Com esse novo⁴² paradigma de saúde e doença nos empenhamos em criar estratégias mais potentes e criativas para estar no mundo. Acompanhando Resende (2008) percebemos que “redefinir esses conceitos é transformar de forma complexa o saber e a prática na Saúde” (p.128/129). Situamos o nosso trabalho num plano muito singular por relação a este modo de pensar. A nossa pesquisa é movida a tomar a doença e a saúde, assim como o corpo e a deficiência, como processo, sempre situado, localizado em certos arranjos práticos que reúnem atores heterogêneos na vida cotidiana. O que nos exige um esforço diário de manejar com estas conexões. O que implica pensarmos em práticas de cuidado que promovam mais e mais articulações, para que o cuidado seja mais distribuído (CONTI, 2015), inclusive com efetiva participação daquele que adocece.

A “saúde é uma maneira de abordar a existência com uma sensação não apenas de possuidor ou portador, mas também, se necessário, de criador de valor, de instaurador de normas vitais” (p.152) nos ajuda a concluir Canguilhem (2007). O movimento rumo a uma nova saúde traz uma nova ordem singular, diferente de uma ordem anatômica teoricamente correspondente (CANGUILHEM, 2007), mas para isso é preciso trabalho. Algo como um *treinamento*, mas que se faz acompanhando os movimentos singulares que por vezes é lento e sutil. *Você vai aprender a ler e aprender a escrever, porque você não sabe fazer assim como fazia antes*, a plasticidade normativa te coloca no movimento de aprendizagem, de reformulação, em que a mente e o corpo são capazes de passar por variações emocionais e posturais mais ajustadas aos acontecimentos que se seguem. É um movimento de entrar em experimentação com essa nova realidade criando outras relações, ampliando a rede de conexões. O movimento é de criar agências, ampliar os vínculos que nos fazem fazer coisas, que nos fazem agir (MORAES, 2011, p. 176).

⁴² Novo, pois ainda há pouco espaço na área de Saúde para essa concepção ampliada e afirmativa de saúde e doença. Canguilhem escreveu a primeira versão de “O normal e O patológico” em 1943 com o título: *Essai sur quelques problèmes concernant le normal et le pathologique*.

Então, aqui que eu comecei a refazer amigos, é por isso que eu me apego tanto a vocês, entendeu? (Josué, participante da Oficina de Experimentação Corporal, numa conversa gravada em 8 de dezembro de 2014).

*

É um marco pra mim: antes-Benjamin e pós-Benjamin. Porque a gente aprende a viver com a deficiência, ou melhor, com os outros. Com os outros a gente aprende novas experiências, aprende a lidar até com o mundo lá fora. (Carmen, participante da Oficina de Experimentação Corporal, numa conversa gravada em 8 de dezembro de 2014).

A prática de pesquisar e cuidar estão associados, ao menos para nós que entendemos que a pesquisa se faz COM o outro, já que pesquisarCOM nos coloca no exercício de nos articular e ampliar as conexões, nos implica em seguir as articulações singulares do viver e com isso, interferir e deslocar nossos próprios arranjos, e essa interferência e deslocamento entendemos como uma prática de cuidado. No campo de pesquisa criamos relação, é um exercício de estar COM o outro naquilo que difere e com aquilo que aproxima, *a gente aprende a viver com a deficiência, ou melhor, com os outros*, pois *com os outros a gente aprende novas experiências*. É uma reformulação COM o outro, entre eles mesmos, entre eu mesma, entre eles e nós, o que se dá é uma produção também de amizades, que não acontece separado de uma produção de conhecimento e de uma produção de saúde, no sentido ampliado e afirmativo do termo, que afeta ambas as partes.

reabilitação – a saúde do possível para cada corpo

Lia começou coordenando as atividades, explicando a quem não sabia o que eram os ísquios, pedindo a todos que se sentassem de modo a senti-los. Começamos então a transferir o peso, de um lado para o outro. Assim que todos entenderam, sugerimos então que com esse movimento nos movêssemos para frente e para trás. João teve um pouco de dificuldade para entender os movimentos, e quando Seu Jair o apressou ele disse: “Alguns tem mais dificuldades pra algumas coisas, eu estou tendo dificuldade nessa, mas em outra posso conseguir fazer bem.” Seu Jair disse que também não conseguia fazer tudo como nós passávamos, mas adaptava ao seu jeito. O João de fato apresenta uma dificuldade maior em entender, por não escutar tão bem, e

por ter a perda total da visão, enquanto os outros conseguem observar, repetir. Ele pedia paciência e agradecia quando conseguíamos explicar algo com calma. (Juliana Cechetti, Grupo Perceber Sem Ver, trecho do Diário de campo escrito em 3 de novembro de 2014).

Nossas oficinas estão situadas na reabilitação e esse espaço carrega historicamente o peso das expectativas do voltar a ser o que era. Desviamos disso. Viemos entendendo ao longo dessa escrita, que a saúde e a doença no sentido ampliado e afirmativo são processos de transformação singulares. Queremos também outro sentido de reabilitar. Um sentido que siga esse processo de transformação respeitando a singularidade dos corpos e das situações. Sentido que não escape do que se passa no aqui e agora, que siga o corpo em experimentação, e não se afaste das conexões e articulações que vão se fazendo no percurso (do viver) de adoecer e se recuperar. Pois, cada um vive e reabilita sua vida no seu passo e compasso. *Alguns têm mais dificuldades pra algumas coisas, eu estou tendo dificuldade nessa, mas em outra posso conseguir fazer bem, João* nos explicita essa singularidade do processo.

Saúde e doença são relacionais a partir da capacidade normativa e criadora de cada pessoa (RESENDE, 2008). Nessa perspectiva, a saúde “é a saúde possível para aquele indivíduo, com aquela experiência, e ele será tão mais saudável quanto puder estabelecer uma relação flexível e espontânea com o meio ou determinada enfermidade” (idem, ibidem, p. 140). Assim, estamos formulando uma produção de saúde, uma terapêutica, que trabalha com o **corpo possível** e não o corpo ideal. É um trabalho, uma ação, onde cada um realizará os movimentos que seu corpo lhe permite e ampliará suas conexões dentro de sua condição de possibilidade, *Seu Jair disse que também não conseguia fazer tudo como nós passávamos, mas adaptava ao seu jeito*. O sentido de reabilitar segue um caminho singular para cada corpo em cada situação. Torna-se uma ação situada.

Sentados em roda, fizemos um breve alongamento dos braços e da cabeça, depois levantamos, sacudimos um pouco o corpo e Alexandra chegou para nos ensinar a dançar marrabenta – uma dança moçambicana. Ela ensinou os passos para todos, e, em roda, fomos pegando o ritmo. Teobaldo estava participando, mas começou a se mostrar impaciente, falando muito, sentando e levantando. Depois que todos entenderam o passo, Alexandra colocou a música, e começamos a dançar. Ficamos

dançando no formato da roda, tentando entrar no ritmo, foi bem gostoso. Enquanto a música rolava, Teobaldo levantou e me falou: “Cheguei para dançar”. Fiquei muito feliz, segurei a mão dele para dançar, e ele me pediu o CD dessa música. Quando a música mudou, Alexandra sugeriu que dançássemos em duplas, e eu fiquei com o Seu Jair. Ele mostrava a todos como estava conseguindo, falando que conseguia do jeito dele, que só precisava se acostumar com o ritmo que dava certo. Falei que não tem jeito certo de dançar, que se dança como se tem vontade. Ele concordou, e se soltava bastante. (Juliana Cecchetti, Grupo Perceber Sem Ver, trecho do Diário de campo escrito em 13 de outubro de 2014).

O nosso trabalho procura seguir os percursos singulares de cada participante, e penso que aí está à terapêutica, o sentido clínico do trabalho. Surfando rapidamente na dimensão etimológica de clínica nos encontramos com *clinamen* do latim, em que se têm as composições de “desviar-se, diferir-se, deslocar-se”⁴³, a clínica se associa ao movimento do “inclinarse” – a inclinação para o gesto. E o gesto aqui é tanto o gesto de acolhimento quanto do desvio⁴⁴, é um gesto acolhedor da diferença. Nos percursos, cada um vai com seu tempo, seu ritmo. Assim sendo, concordamos com Canguilhem (2007) que determinar a saúde como um fato anterior à experiência faz dela uma moral que empobrece a vida na potência de sua diversidade. E para não moralizar, seguimos os encontros, acompanhamos os acontecimentos, que é onde o múltiplo se faz.

O que fazemos é um trabalho para não apagar as experiências, não deixá-las monocromáticas, mas de ouvi-las, burilá-las na sua potência. Na contramão da ciência moderna, como diz Viciane Despret (2012b), que perdeu seu encanto ao separar a coisa estudada da narrativa que a compõe e a permitiu existir, o trabalho de pesquisa da ciência contemporânea pode ser o de reencantar o mundo, devolvendo-lhe as histórias que o fizeram (CONTI & SILVEIRA, 2016). Então, nas oficinas nos colocamos conjuntamente em uma investigação corpórea, onde o encontro é quem guia, podendo nele sentir seu percurso singular e compartilhar a *vibe* comum do grupo, pois entendemos que a reabilitação se dá no exercício de si sobre si, mas numa ação coletiva: *Ele mostrava a todos como estava conseguindo, falando que conseguia do jeito dele,*

⁴³ Cf. *Dictionnaire étymologique de la langue latine*. Tradução de Joana Camelier (2016).

⁴⁴ Essa forma de abordar a clínica é tributária das trocas com Eduardo Passos, sobretudo nos encontros de supervisão clínica do estágio obrigatório quanto no grupo de estudos Limiar da UFF. Também disponível em PASSOS, E. & BARROS, R. B. (2001). Clínica e biopolítica na experiência do contemporâneo. *Psicologia Clínica Pós-Graduação e Pesquisa (PUC/RJ)*, PUC-RJ, v. 13, n. 1, p. 89-99.

que só precisava se acostumar com o ritmo que dava certo. Reabilitar como uma ação situada e local vai ao encontro à noção de saúde que estamos construindo, na qual sentir-se saudável é sentir-se criador de novas normas vitais nas circunstâncias mais variadas. Falei que não tem jeito certo de dançar, se dança como se tem vontade, cada um, como diz Resende (2008), “dançará tanto quanto este corpo puder se mover. Será tão mais saudável quanto aquele corpo puder ser. Isso vale para qualquer pessoa” (p. 141), assim se dá à terapêutica, a reabilitação do gesto (tanto do acolhimento quanto do desvio).

Com Canguilhem (2007) tiramos outra importante lição para seguirmos: “é que **a vida** não conhece a reversibilidade. No entanto, apesar de não admitir restabelecimentos, a vida admite reparações que são realmente inovações fisiológicas” (p. 147). A vida não volta atrás, (o tempo) só segue adiante. No processo de reabilitação a nova saúde que se cria não é a mesma que a antiga, a vida não conhece a reversibilidade, ela é um desencadear, a partir do qual não é possível voltar ao passado, nem a um futuro de um normal estatístico, é na imanência da experiência que se vive. A vida está sempre em modo de partida por conexões, inventando-se em organizações passageiras, “o organismo parece visar, antes de tudo, à obtenção de novas constantes” (CANGUILHEM, 2007, p. 146). E essas inovações, repetimos, não são feitas sozinhas pelo organismo, não são comandadas e condicionadas por ele. Afirmando a vida por agenciamentos, por uma ação de tornar-com, um organismo é sempre composição de muitos. Suas criações se dão a partir de alianças.

De seguida fizemos exercícios para o aquecimento que se se baseava em massagear as mãos, entrelaçar os dedos, massagear o rosto, as orelhas de formas diversificadas como o puxar suavemente da parte de cima, de baixo, de lado... Após esses exercícios, experimentamos trabalhar a concentração que se baseava em escutar os diferentes sons provenientes de fora da sala e tentar descrever e associá-lo a experiências já vividas. Continuando, Juliana pediu para que elas procurassem sentir o som de seu próprio corpo. Maria imediatamente falou que não conseguia ouvir o som do próprio corpo, apenas sente. Aproveitamos esta deixa e pedimos que cada um emitisse um som e de seguida dissesse se conseguia ouvi-lo. Maria falou que conseguia apenas ouvir o som que emitia de boca fechada.

Enquanto emitiam-se os sons, chegou Antônio, todo suado e com uma respiração ofegante. Contou-nos que seu atraso deveu-se a sua passagem pelo médico. [...]. Já mais calmo, pedimos para que uma delas explicasse a ele o que já tínhamos feito antes dele chegar. Maria se propôs a fazer. Começou dizendo: primeiro fizemos um aquecimento com as mãos, de seguida nos concentramos para ouvir os sons oriundos de fora assim como de dentro da sala. Agora se concentra e tenta descrever o que ouves. Antônio acompanhava cada exercício que Maria pedia que ele fizesse. Maria perguntou o que ele ouvia no que ele respondeu que não conseguia ouvir nada (é importante referir que Antônio tem problemas de audição). De seguida Maria falou que às vezes não ouvimos por querermos ouvir demais, por estarmos tão ansiosos para tal. Relaxa pouco, tua respiração está ofegante e se concentra... E agora, dá para ouvir alguma coisa? Perguntava ela. Um tempo depois, Antônio começa a descrever o que ouvia. Foi muito impressionante como Maria conduzia os exercícios para Antônio, tinha um cuidado em cada palavra que ela falava para ele. (Alexandra Simbine, Grupo Perceber Sem Ver, trecho do Diário de Campo escrito em 04 de maio de 2015).

Das alianças as transformações acontecem. As agências se distribuem, *Maria, que antes pareceu não estar “dentro” do que fazíamos, repassava a Antônio – e a todos nós – com muita delicadeza e precisão a nossa proposta.* Aproximado do pesquisar o reabilitar se dá na conexão com o outro. É um fazer com (MORAES, 2010) que se desenrola em um processo de guiar e ser guiado. Ao ser guiada, *Maria imediatamente falou que não conseguia ouvir o som. De seguida, quando é ela quem guia, Maria falou que às vezes não ouvimos por querermos ouvir demais, por estarmos tão ansiosos para tal.* Algo se faz e refaz na ação de dar e receber. *Relaxa pouco, tua respiração está ofegante e se concentra... E agora, dá para ouvir alguma coisa? Perguntava ela. Um tempo depois, Antônio começa a descrever o que ouvia.* Reabilitar amplia assim mais uma vez o seu sentido, tornar-se uma ação (situada, local e) **coletiva**. Pois reabilitar é modificar, mobilizar as agências, redistribuindo-as. As transformações acontecem das alianças, toda agência é sempre interagência.

E digo isso não porque nossas oficinas são feitas com deficientes, porque se pode pensar que é deficiente por precisar de ajuda, que é deficiente porque requer adaptações nos lugares para habitar, que é deficiente porque não faz as coisas sem auxílio. Poder criar alianças, vínculos, como visto, é justamente o que caracteriza a **eficiência** de uma vida em se firmar no mundo. Isso mexe na noção de autonomia – que

em nossa sociedade é comumente qualificada por uma perspectiva liberal-individual, na qual o indivíduo é autônomo na medida em que prescinde dos outros para viver, podendo exercer “seu ser” independentemente, como uma conquista pessoal. No entanto, propomos a autonomia (KAUFMAN, 2016) como um processo de afirmação das criações que se dão no **coletivo**. Autonomia se exerce no plano de imanência pelas conexões que o corpo encontra sejam elas humanas ou não. Por essa perspectiva, a reabilitação é um processo de ampliação da autonomia, isto é, o alargamento das articulações, da rede de conexões, que se faz no cotidiano, nas pequenas transformações e conquistas do dia a dia que são decisivas.

É um caminho, um percurso de experimentação. Nesse percurso, as técnicas da reabilitação, como os exercícios de Orientação e Mobilidade (OM) são fundamentais se atentos à singularidade de cada corpo. Se assim entendidos são como os procedimentos mínimos (o planejamento necessário) para experimentação da nova vida, pois produzirão a coragem e a prudência para lançar-se. Ao longo desses dois anos de mestrado, a pesquisa Perceber Sem Ver que tem mais de década de vida ganhou um novo campo de atuação: a AFAC (Associação Fluminense de Amparo aos Cegos) no bairro do Fonseca em Niterói-RJ. Lá a reabilitação funciona nos termos do SUS, diferente do IBC que está associado ao Ministério da Educação⁴⁵. Para essa entrada começamos acompanhando os atendimentos de OM e deles recolhemos muitos relatos e aprendizados.

Apresento-me ao paciente, que se chama Ronaldo, e Marcele (terapeuta ocupacional) pede para ele contar um pouco sobre si e sobre o trabalho que realiza na OM. Ronaldo diz que aqui na OM aprendeu a dar laço no sapato, fala com entusiasmo o quanto gosta do filme “Colegas” e descreve algumas cenas do filme: a moto, o bang bang, a amizade entre os companheiros... Conta que faz informática na AFAC também, e que hoje em dia na OM está aprendendo a abrir e fechar a bengala. Diz ainda que é uma pessoa “especial”, por ter síndrome de down e que, aqui na AFAC, conseguiu encontrar “parceiros” para a vida.

Marcele pede para Ronaldo me ensinar como abre e fecha a bengala. Ele levanta-se, respira fundo, endireita o cadarço, estica a coluna, olha para o lado, para o

⁴⁵ Essas diferenças da reabilitação guiada pelo SUS e pelo Ministério da Educação estão sendo traçadas pela pesquisa [...] financiada pela FAPERJ.

outro. Há todo um ritual de Ronaldo que prepara o corpo para o que vem. Começa então a abrir a bengala, pedaço por pedacinho, Michelle intervém dizendo para ele segurar no cabo preto e soltar a bengala, assim ela se abre sozinha, é mais simples. Mas, Ronaldo gosta mesmo é de ir descobrindo a bengala ganhando forma, pedaço por pedacinho.

Ronaldo agora se prepara para caminhar pela sala com a bengala. Com o auxílio da cadeira, encosta sua coluna na parte de trás a fim de deixá-la bem retinha, respira fundo, olha para um lado, para o outro, mais uma respirada, outra olhada para o lado e alguns minutos em silêncio parado. Marcele elogia a concentração de Ronaldo, ao mesmo tempo, em que tenta sintonizar com ele o ritmo da cidade. “Ronaldo imagina que estamos no meio da rua, podemos ficar tanto tempo assim parado?”, indaga Michelle. Como produzir um plano de afetação mútua entre a cidade e Ronaldo? É uma questão que reverbera em mim escrevendo este diário. Lembro-me ainda da conversa com Michelle após o acompanhamento de Ronaldo, em que ela me conta o quão difícil é caminhar nas ruas com os pacientes da OM – os carros buzinando, motoristas revoltados por terem que esperar um pouco mais após o sinal abrir...

Ronaldo dá o primeiro passo, alternando a perna com a bengala – perna direita, bengala para a esquerda; perna esquerda, bengala para a direita. Marcele o parabeniza mais uma vez, Ronaldo diz – “Meus pais vão ficar felizes, né? Vão dar uma festa”. Mais uma volta pela sala e o atendimento chega o fim. Despeço-me de Ronaldo e o agradeço pela aprendizagem de hoje. Venho descobrindo com as aulas de OM uma vontade pulsante em conhecer mais a respeito desse processo de sintonização entre corpos, bengalas, tempo, cidade... (Thaís Amorim, Grupo Perceber Sem Ver, trecho do Diário de Campo escrito em 19 de junho de 2015, aulas de Orientação e Mobilidade AFAC).

Acompanhamos que há um processo de modulação no reabilitar, Resende (2008) falando da prática corporal traz uma expressão precisa: “é um estar ajeitando-se com espontaneidade” (p. 154). *Ele levanta-se, respira fundo, endireita o cadarço, estica a coluna, olha para o lado, para o outro. Há todo um ritual de Ronaldo que não é para estabelecer ou restabelecer um corpo perfeito, ideal nos parâmetros estatísticos, mas sim de preparar o corpo para o que vem. É um trabalho de torná-lo confortável em si*

mesmo, conquistando/resgatando um melhor uso de si dentro de suas possibilidades atuais. E ficamos às voltas com a questão de *Como produzir um plano de afetação mútua entre a cidade e Ronaldo?* Entre as ruas, a vida acontecendo e os participantes? Seguindo técnicas, inventando experimentações tentamos cultivar esse melhor uso de si.

A princípio em silêncio, observamos Pietra e Mara (respectivamente terapeuta ocupacional e estagiária de TO) prenderem uma corda no pé de duas cadeiras – uma em cada extremidade da sala. Lá, seu Maurício – que agora estava vendado – faria uma atividade que trabalha lateralidade e o caminhar em linha reta. Com um dos pés em cima de um dos lados da corda, ele deveria caminhar até a outra cadeira, e depois voltar, e ir de novo... Quando seu pé desviasse da corda, devia voltar a ela. E assim ele foi fazendo, soltando um “xiiii” toda vez que seu pé fugia da reta. Patrícia e Márcia davam as orientações, e seu Maurício ia percebendo de que lado era mais fácil, pra que lado ele desviava mais.

Passado um tempo, Pietra começou a conversar com ele – e nessa hora seu Maurício se embolou todo. Ela foi dizendo sobre os pés dele como não estavam paralelos, o que o fazia seguir torto, e foi explicando algumas coisas, como o posicionamento do quadril, e a dificuldade com a questão da lateralidade quando tem o resíduo visual de um lado ou outro do olho. Ao mesmo tempo, orientava seu Maurício a deixar seu corpo reto: seu quadril, seus pés. Mas ele não concordava: “mas agora que eu estou torto, não é não?”; “você me bagunçou todo agora”; “mas se tá certo, tá certo”. E ia, reclamando da complexidade do exercício e dizendo que se sentia torto quando ela dizia que ele estava reto. “A pessoa que inventou isso testou? E passou?” perguntou ele. (Juliana Cecchetti, Grupo Perceber Sem Ver, trecho do Diário de Campo escrito em 19 de junho de 2015, aulas de Orientação e Mobilidade AFAC).

Mas há quando não dá certo, e as proposições não fazem sentido, pois carregam um sentido já dado. A prática *orientava seu Maurício a deixar seu corpo reto: seu quadril, seus pés. Mas ele não concordava: “mas agora que eu estou torto, não é não?”*, o que se seguia era um padrão generalista que tentando abranger a todos não consegue abarcar ninguém. E se acompanhamos Canguilhem (1965), o normal estatístico não cabe na vida, pois “a vida é experiência, quer dizer, improvisação, utilização de ocorrências. Ela é tentativa em todos os sentidos. Disso decorre o fato, a

um só tempo maciço e com muita frequência desconhecido, segundo o qual a vida tolera monstruosidades” (p.127). Tolerar o desvio. Acolher a diferença.

E quando a prática não é sensível à experiência (que é a vida) tem-se o risco do saber-fazer se tornar normalizador e não mais normativo o que provoca ao corpo mais fechamento que descobertas, encerrando a discussão e afunilando a razão (o saber, a ciência) em um só vetor, *se tá certo, tá certo*. São práticas marcadas por um estilo de pensamento que Haraway (1995) identifica a certo “olhar de deus”, olhar desencarnado, deslocalizado, um olhar conquistador que não vem de lugar nenhum. “Olhar que, de longe, de sobrevoo, se lança sobre o outro, [...] que opera pela distância e pela separação: aqui o sujeito que conhece, com suas razões, lá o objeto a ser conhecido, ele próprio, na ignorância” (MORAES & TSALLIS, 2016, p. 41). Mas na verdade isso não cola sem resistência, ele ia, reclamando da complexidade do exercício e dizendo que se sentia torto quando ela dizia que ele estava reto. A recalcitrância⁴⁶ se fez presente, digo, o senhor resistia e não oferecia a resposta esperada, ao contrário, ele colocava em xeque aquele dispositivo: “A pessoa que inventou isso testou? E passou?”. Aqui desconstruíamos a ideia de um pesquisador neutro e detentor de um saber, assim como, a ideia de uma reabilitação normalizadora e detentora de apaziguamento.

Chego atrasada na sala, Marcele, terapeuta ocupacional, já estava falando com seu paciente; George. George tem por volta de 50 anos, cegou há pouco, não o conhecia quando ocupei a cadeira cedida pela estagiária. Pensei em colocar minha cadeira lado a lado com a dele, mas como cheguei atrasada não queria atrapalhar ainda mais o atendimento, quis não me mexer pra passar quase despercebida, achando que ficaria, de fato, invisível.

Marcele preparava o material da OM para começar o atendimento, George parecendo incomodado perguntou a ela: quem é que tá aqui? E pra que mesmo está aqui? Senti o calor do incômodo mesmo sem entender direito o que estava se passando, um rubor me tomou o rosto, como se tivesse sido descoberta. Achava que estava invisível, que estava vendo sem ser vista, George denunciou minha presença. As perguntas eram sobre mim, mas não direcionadas a mim... Eu realmente não tinha me apresentado diretamente a ele, tinha simplesmente entrado e sentado na cadeira que a

⁴⁶ A noção de recalcitrância é proposta por Bruno Latour (1997). Diz da ação de resistir com teimosia, obstinação.

estagiária me cedeu, como se entrar na sala bastasse para minha presença contar. Como ele se dirigiria a mim se eu mesma não o fiz com ele?

George ao mesmo tempo em que perguntou já se retificou dizendo que não queria atrapalhar o atendimento, o que me fez ruborizar ainda mais, minha presença não só estava contando ali, mas também interferia no atendimento. Marcele, para o meu suspiro, me fez então presente no atendimento: lembra que lhe falei sobre as meninas da UFF que poderiam acompanhar nossos encontros? Ela recordou pra George. Explica para ele Gabrielle, Marcele me convocou. E assim eu fiz, e me fiz contar para todos, principalmente para George, pois agora falava diretamente para ele. Minhas explicações e os questionamentos dele sobre a nossa proposta de oficina durou todo o encontro. Quando Marcele sinaliza o fim do tempo, ele suspira um tanto irritado: está vendo, perdi todo nosso atendimento com as minhas perguntas. Ruborizei mais uma vez, sentindo o peso da minha aparição, da minha interferência. Mas rapidamente Marcele novamente me inclui: pois não perdemos tempo nenhum, essa conversa sobre o corpo e a oficina de experimentação também faz parte do nosso atendimento, e se você fez perguntas era importante elas serem respondidas, a conversa é também parte da OM. (Gabrielle Chaves, Grupo Perceber Sem Ver, trecho do Diário de Campo escrito em 28 de agosto de 2015, aulas de Orientação e Mobilidade AFAC).

Aprendemos a ser contestadas pelo campo, mesmo sem entender direito o que estava se passando, um rubor me tomou o rosto, como se tivesse sido descoberta. George denunciou minha presença. A típica prática⁴⁷ de fazer ciência, onde há “um olhar que inscreve miticamente todos os corpos marcados, que possibilita à categoria não marcada alegar o poder de ver sem ser vista, de representar, escapando à representação” (HARAWAY, 1995, p. 18), também me compõe, achava que estava invisível, que estava vendo sem ser vista, mas trabalhamos para desviar disso e somos surpreendidas, não passamos ilesas pelo campo. E é preciso um trabalho de deixar

⁴⁷ Prática hegemônica cientista e filosófica, da qual Haraway (1995) traça desvios: “A pesquisa feminista acadêmica e ativista tentou repetidas vezes responder à questão sobre o que nós queremos dizer com o termo, intrigante e inescapável, “objetividade”. Temos gasto muita tinta tóxica e árvores transformadas em papel para difamar o que eles queriam dizer com o termo e como isso nos machuca. O “eles” imaginado constitui uma espécie de conspiração invisível de cientistas e filósofos masculinistas, dotados de bolsas de pesquisa e de laboratórios; o “nós” imaginado são os outros corporificados, a quem não se permite não ter um corpo” (p. 7).

visível a ferida do encontro⁴⁸, *Sentir o calor do incômodo* e não recuar, fazer aparecer às marcas das interferências. Poder dizer *quem é que tá aqui? E pra que mesmo está aqui?* Para concretamente pesquisar COM (MORAES, 2010). Pois nas contestações, nas recalitrâncias que (quase) sempre se fazem presentes, percebemos que nós também temos um corpo, um ponto de vista (finito) que olha de determinado lugar⁴⁹, *minha presença não só estava contando ali, mas também interferia no atendimento*. E quando a proposta é fazer COM há uma solicitação para afirmar o lugar de onde se vê (e se fala), pois isso determina nossa visão (e nossa fala) do mundo, e entendemos que é essa nossa objetividade, Haraway (1995) afirma a “objetividade feminista significa, simplesmente, saberes localizados” (p.18). E com essa localização construímos parcerias, são pelas parcerias que podemos pensar e agir, *Marcele me convocou. E assim eu fiz, e me fiz contar para todos, principalmente para George, pois agora falava diretamente para ele*. Se a reabilitação é tomada enquanto ação localizada em processos singulares, que amplia coletivamente a rede de conexões, ela convoca necessariamente também a nós, pesquisadoras, a **reparar** em nosso posicionamento.

Reparar e reabilitar se aproximam e são costurados aqui no movimento do pesquisar. Reparar, seguindo com Eugénio & Fiadeiro⁵⁰, tem um primeiro sentido de voltar a parar, (re) parar, *George ao mesmo tempo em que perguntou já se retificou dizendo que não queria atrapalhar o atendimento, o que me fez ruborizar ainda mais, (...)Marcele, para o meu suspiro, me fez então presente, paramos para continuarmos, parar como uma janela de oportunidade para desviarmos do que está posto, do que já se sabe, permitindo que seja o encontro a nos dizer por onde seguir, por onde reabilitar os laços, criar o nós*. E podemos descobrir juntos que *essa conversa sobre o corpo e a oficina de experimentação também faz parte do nosso atendimento*.

⁴⁸ Como bem dizem Fernanda Eugénio e João Fiadeiro (sem data): “O encontro é uma ferida. Uma ferida que, de uma maneira tão delicada quanto brutal, alarga o possível e o pensável, sinalizando outros mundos e outros modos para se viver juntos” (p. 1).

⁴⁹ Haraway (1995) destrincha de forma precisa em seu artigo “Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial”: “Objetividade, que originalmente dissera respeito à criação do conhecimento comparativo (como dar nome às coisas de modo que elas fossem estáveis e semelhantes entre si), torna-se um problema da política de redefinição de fronteiras, de maneira a permitir conversas e conexões não inocentes. O que está em questão nos debates sobre o modernismo e o pós-modernismo é o padrão de relações entre e no interior de corpos e da linguagem” (p.11).

⁵⁰ Do texto “Re-parar e reparar: do saber ao sabor, do porquê ao quê” (EUGÉNIO & FIADEIRO).

O que nos leva a um segundo sentido, reparar no que há ao entorno, pois é preciso reparar o que nos compõe, o que nos acontece, assim, o meio ganha relevo. Ao aguentarmos “ficar no meio”, ao aguentarmos não saber para onde seguir, o que fazer premeditadamente, entramos em um processo de investigação-atenção ao que emerge no encontro, eis que se ativa o segundo sentido do reparar. Quando se repara não se descrevem coisas, mas o que está entre elas, nas teias e redes que formam as relações como um imenso e envolvente mapa vivo (EUGÉNIO & FIADEIRO). Inúmeras vezes *a oficina começa antes mesmo de chegar ao IBC*, pois nos lançamos a reparar no trajeto, nas sensações que aparecem, *e vez ou outra uma pergunta, como realizar a oficina planejada?* E nos lançamos ao desafio de seguir o inesperado, onde “já não há uma procura por respostas, mas uma navegação pelas perguntas que a teia de relações ali presente nos oferece” (EUGÉNIO & FIADEIRO, p.3).

Assim, reparar aparece como um processo de modulação: a cada reparagem um reposicionamento que cria laço, relação, em vista a se manter, se cultivar o plano comum. Esta dimensão iterativa abre para o terceiro sentido da palavra: fazer pequenos concertos, pequenos reparos que permitem continuar a usar, mínimos e precisos ajustes na *sintonização entre corpos, bengalas, tempo, cidade...* Aqui, então uma conexão viva do reabilitar com o reparar, tomados como ação da pesquisa sintonizam, reabilitam, modos para se estar (juntos). A vida admite reparações falava Canguilhem (2007), e eis que surge nosso sentido de cura, pois como ele bem disse “nenhuma cura é uma volta à inocência biológica” (p. 176), ela é um processo de reparagem que cria, modula, transforma.

“Curar é criar para si novas normas de vida” (idem, ibidem), o sentido que levamos adiante do curar é aquele que se faz com o queijo curado⁵¹. É um processo com o tempo, que dá a ver transformações, mudanças na forma e na relação com o meio. É um processo de passagem, de maturação. Mas o queijo ao longo do processo perde água, torna-se mais duradouro e também mais duro, com gente tem que ser diferente, não se pode curar demais, senão endurece, perde a fluidez própria da vida. Como diz Nise da Silveira em uma entrevista: “Não se curem além da conta. Gente curada demais é gente chata” e ao invés de durar mais, vive menos, porque ousa menos, se endurece e

⁵¹ Queijo curado é o queijo maturado, que passou por um processo de espera para intensificação do seu sabor. O queijo ao longo do processo perde água, tornando sua conservação mais duradora. Há também uma transformação de cor e textura.

se achata mais. Talvez seja essa uma diferença da terapêutica do trabalho corporal, pois aí a cura se dá através do movimento. O processo de cura COM o corpo se faz pelo movimento, o processo de reparagem é uma conexão com essa fluidez necessária a vida, *porque a gente tem que se movimentar, isso nos faz mais vivos. A vida é movimento.*

E a pergunta pode surgir: mas e a deficiência visual que chega pra ficar? O nosso entendimento, a aposta do nosso trabalho, articula que mesmo com as doenças crônicas que trazem a cegueira para o resto da vida o processo de cura está presente. Uma coisa não exclui a outra, não há contradição, pois como diz Annemarie Mol (2002) à cronicidade não é uma exceção, ela é própria da vida. Viver é crônico. É também um processo com o tempo, um processo de passagem, de maturação. A cura aqui está aproximada da reabilitação; é a produção local e coletiva de uma saúde possível para cada corpo. O movimento é para abrir espaço para uma existência mais normativa e criativa, e conquistar a saúde passa a ser um exercício de ampliar sua rede de conexões, portanto sua autonomia, alargando o repertório com seu entorno, consigo mesmo e com outros. A cura, a reabilitação, a saúde, a pesquisa são aqui guiadas por uma dimensão ética que não se distancia da imanência do presente, e tomamos isso como método de trabalho e com esse o método como um modo de fazer política. Uma política que localiza que situa as marcas. Há uma estética afirmada aqui também. Se repetimos que a saúde é a do possível para cada corpo é levando em conta as marcas (sociais, econômicas, afetivas, culturais) que aquele corpo carrega, que o contexto apresenta, que o momento possibilita.

A cura é um encontro com o corpo como presença e movimento.

Porto final

a partida

Naquele momento, na impossibilidade material de ir mais longe, eu teria sido obrigado a deter-me, sem dúvida, pronto, a rigor, para voltar a partir em sentido inverso, imediatamente ou muito mais tarde, quando de algum modo, eu me desatarraxasse de mim mesmo depois de ter-me bloqueado. Isso teria constituído uma experiência rica com interesse e novidade, se é verdade, como fui levado a dizer sem que pudesse fazê-la de outro modo, que mesmo o mais pálido caminho comporta um andamento totalmente distinto, uma outra palidez, tanto ao retomar quanto ao ir, e inversamente. Inútil tergiversar, sei um monte de coisas. (De Samuel Beckett retirado do texto “O corpo que não aguenta mais” de David Lapoujade).

Chegado o fim desse percurso, percebo retrospectivamente que o método dessa escrita surgiu arduamente no escrever. Bem que eu quis antecipadamente prevê-lo, ou antes, afirmar que o sabia, mas só soube mesmo quando o vi ganhar corpo no vai-e-vem angustiante das escritas, releituras, orientações, mergulhos no campo... Foi no miúdo, no pouco a pouco, que clichês belamente arquitetados e sem nenhum pé na prática foram desmontados, que parágrafos e mais parágrafos absurdamente teóricos foram rasgados, para que algum texto contaminado pelo campo, permeado de fato pelas experimentações fosse possível. Wally Salomão (2003, p. 75) repetiu de Oiticica que “habitar um recinto é mais do que estar nele, é crescer com ele, é dar significação à casca-ovo”, e o que se passou nesse tempo, o que me mobilizou, se fez por inscrição corporal e não apenas por adesão teórica. Nesses dois anos em que habitei o território das deficiências e especificamente da cegueira, um campo que me era completamente novo, sem dúvidas transformou-me, cresci com esse encontro, meu mundo alargou-se por relações antes inimagináveis na nossa sociedade por demasia visuocêntrica. Na verdade, constituiu uma enorme aprendizagem poder partilhar experiências com aqueles que de fato conhecem a cegueira na carne, que levam em seus corpos o estigma e a vivência da opressão. E devo dizer que a adesão teórica que fiz e descobri nesse caminho; como as leituras feministas, não foram para mim de pouca relevância, e muito menos mero acréscimo bibliográfico, elas antes corporificaram (enacted) em mim a pesquisadora que aqui está. Permitiram-me, ou antes, impeliram-me a escrever com as marcas.

Desse texto muitas versões ganharam forma, a cada vez que era lido; uma mudança se fazia presente, uma diferença acontecia, mais uma história das oficinas entrava em cena, um diário de campo ganhava mais espaço no texto corrido. A autoria do pensamento se fazia em mim cada vez mais compartilhada, mais coletiva. E a escrita que se performava fazia com que mais vozes e perspectivas surgissem e eu precisei incluí-las, o texto pedia polifonia. Os diários de campo conversavam com os autores e juntos compúnhamos os conceitos que aqui estão. Foram as composições dos diários que fizeram com que os caminhos dessa dissertação fossem sendo traçados. Entrar em contato com as oficinas de experimentação fez com que meu corpo de escritora fosse composto e marcado pelo encontro com a cegueira, e histórias, muitas histórias que desviavam do sentido empobrecido que a deficiência frequentemente carrega e eu mesma carregava apareceram e eu precisei colocá-las aqui. Os diários são escritos com a força e a multiplicidade das nossas experimentações, essas narrativas são a chance de levarmos isso adiante, de fazermos novas articulações e rejeitarmos a história hegemônica sobre os corpos e as cegueiras, pois como disse Conti (2015) “cada vez que contamos uma história temos a chance de trazê-la a vida, de reinventá-la, de fazer uma nova composição” (p.109). Narrar é ofertar outras versões do mundo.

E a composição que me foi feita nesse mestrado com os dois grupos de pesquisa Perceber Sem Ver e PesquisarCOM me abriu outros mundos, produziu uma estranheza nunca antes sentida ou pensada por mim com o território acadêmico. O mergulho nesse campo que de partida me era distante precisou de um acolhimento diferente do que a ciência moderna e a clássica academia poderiam propor. A UFF como território afetivo desde a graduação já vinha produzindo em mim desvios do modo endurecido do saber-fazer acadêmico, formando-me no movimento de produzir conhecimento e cuidado que opera pelo vínculo, que se faz a partir da partilha, da experiência comum. Mas foram com esses dois grupos de pesquisa que descobri outras versões da ciência, outras versões do que pode ser levado adiante na escrita acadêmica. Deparei-me com um modo de fazer ciência no feminino⁵². Que este feminino na ciência não se confunda com o ser mulher, com uma natureza dada de antemão, é antes um modo de operar que, também não se pode esquecer, foi levado adiante por mulheres fazendo ciência (HARAWAY,

⁵² O feminino na ciência de Isabelle Stengers. *Revista 34 Letras*, nº 5/6, Rio de Janeiro, set. 1989. Este artigo foi originalmente publicado como “avant propos” do livro *L’Intuition du Vivant. La vie et L’Oeuvre* de Barbara McClintock de Evelyn Fox Keller. Ed. Tierce, Paris, 1989.

1995). Foram com esses dois grupos que passei a seguir os rastros das feministas que antes de nós, lutaram pelas marcas.

Entrei em contato com uma produção de conhecimento que situa singularmente as conexões que a tecem, pois aprendi que narramos sempre a partir de algum lugar, com certos elementos e não com outros, operando pela conexão, pelo vínculo com atores humanos e não humanos e é importante deixar essas articulações aparecerem nos textos que escrevemos. É importante deixar as marcas aparecerem. Elas localizam de onde/de quem/como o conhecimento foi produzido. As marcas dão chão, carne, afeto, materialidade. Com as narrativas dos diários de campo foi possível marcar que jamais estamos sozinhos, com a escrita das narrativas levamos adiante o que nos passa, nos toca e nos acontece no campo de pesquisa, e mais, com os diários fazemos uma ciência que não se furta em deixar aparecer às parcerias locais e não somente autores consagrados. A escrita dessa dissertação não seria possível senão fossem as parceiras de pesquisa, elas são também autoras desse texto. Por isso fiz questão de marcá-las nominalmente dando-as crédito como qualquer outro autor aqui citado. E lamento por não ter tido tempo ou oportunidade para citar nominalmente também os participantes das oficinas, pois eles não foram alvos de nossa pesquisa, de nossas ações, mas também parceiros delas. São os participantes os *experts*, pois são eles que nos dão as pistas por onde a pesquisa segue, eles nos orientam a cada encontro nos caminhos que vamos traçar na próxima Oficina de Experimentação Corporal.

Posso dizer que no curso dessa pesquisa no campo da deficiência visual fui, desde o início, tomada pelo problema de como intervir num certo cenário levando em conta o referencial do outro. Pois não se tratava de tomar o outro como um ser respondente, um sujeito qualquer que responde às intervenções da pesquisadora, como Despret (2004) sinaliza. Ao contrário, aprendi que os encontros da pesquisa anunciam novas versões do que o outro pode fazer, isto é, o outro que interrogamos pode fazer existir outras coisas que não estão dadas. Fez existir outras versões do que pode o corpo, outras versões da cegueira. Esse foi o sentido que aprendi que o pesquisarCOM pode assumir. A preposição COM se tornou uma proposição constante que opera pelo laço, faz nó(s) com o outro, ela é um compromisso político e epistemológico que assumimos ao longo dessa escrita. Mas para que isso pudesse acontecer o corpo da pesquisadora precisou estar presente, atenta aos fios que se tecem no encontro, afinal, ela também faz parte do grupo. ExperimentarCOM o outro não é nada trivial, há que se construir um

corpo capaz de becoming together/tornar-se junto (HARAWAY, 2008). Posso dizer que usei experimentar com, mesmo que de modo ensaístico, arriscando pouco a pouco, sem grandes abismos emocionais (e às vezes com abismos emocionais!), mas saindo sempre transformada de cada experimentação. Transformações estéticas inclusive, as marcas da minha negritude desde sempre invisibilizadas se fizeram à mostra ao longo desse processo.

E o que aprendi é que o conhecimento se dá por deslocamento, transformação. Ser posta em movimento é ser afetada. Movida, mobilizada pelo encontro. É quando a produção de conhecimento se torna também produção de cuidado, pois se dá na relação com o outro. Nada tem a ver com estar no lugar do outro, ou sentir o que o outro sente, mas com ser deslocada de seu próprio mundo para um mundo comum do encontro. E como a interdependência não é um contrato, mas uma condição (BELLACASSA, 2012), pensar é pensar-com. A relacionalidade é nossa ontologia. No campo de pesquisa criamos relação, entramos no exercício de estar COM o outro naquilo que difere e com aquilo que aproxima, *a gente aprende a viver com a deficiência, ou melhor, com os outros, pois com os outros a gente aprende novas experiências.*

Com *Maria*, com *Antônio*, com *Baco*, com *Carmen*, com *Glória*, com *Borges*, com *Dulcinéia*, com *Lina*, com *Laura*, com *Aquela-que-só-diz-obrigado*, com *Ana*, com *Zé* e com outros tantos que por aqui pintaram, aprendi a coragem do lançar-se às experimentações, às ruas, mas sempre com a prudência necessária. Aprendi que é com a coragem do lançar-se e com a prudência de articular toda uma rede de relações que a história de cada um vai sendo possível e a saúde se afirmando. Construimos aqui uma saúde no sentido singular e afirmativo, saúde situada no possível de cada corpo, de cada contexto. E isso é afirmar uma política dos corpos, do mundo que queremos, pois como disse Cleonice Dias (coordenadora CEACC – Centro de Estudos e Ações Culturais e Cidadania) no documentário *Domínio Público* (2014): “Quando a gente luta por questões locais, como a saúde, nós estamos lutando para mudar as relações nacionais e internacionais, as relações que existem no mundo. Nós estamos discutindo como é que a gente quer sobreviver na Terra”.

E a escrita dessa dissertação apesar de simples (ou talvez por sua simplicidade mesmo) pretende intervir para mudar as relações que temos com o corpo, com a cegueira, com a saúde, tecendo outros possíveis nesse mundo. Algo que aprendi ao

longo desses anos é que a escrita nunca é inocente, sempre carrega uma política, mesmo quando essa não se faz clara. Afirmar que o corpo é presença, se faz no movimento do viver, assim como a cegueira que é múltipla, afirmar que saúde e doença devem ser consideradas no plano da experiência, assim como reabilitação é um processo situado, local e coletivo no possível de cada corpo; é nossa proposição política. Nossa posição ética. É algo que quero fazer existir no mundo que vivemos.

É uma aposta que não se encerra aqui. Pois precisa que você que até agora me acompanhou continue em suas conexões próprias, em outras paragens, em outros portos. Eu agora parto, mas a viagem continua... Porque a partida é um fim, mas também um começo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, C. (2009). **O perigo de uma única história**. Disponível em http://www.ted.com/talks/lang/por_br/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html.

_____ (2015). **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras.

BELLACASA, M. P. (2012). Nothing comes without its world': thinking with care. In. **The Sociological Review**, Oxford.

BORGES, L. (2011). **Sete Noites**. São Paulo: Max Lemonad.

CAMELIER, J. & SANTINI, R. (2015). Devir mulher, sexualidade e subjetividade: Aproximações entre Deleuze & Guattari e Pierre Bourdieu sobre a construção social dos corpos. **Revista Ártemis**, v. XIX, jan-jul, p. 101-108.

CANGUILHEM, G. (2007). **O normal e o patológico**. Tradução de Mana Thereza Redig de Carvalho Barrocas, 6.ed. rev., Rio de Janeiro: Forense Universitária.

CANGUILHEM, G. (2012). **O conhecimento da vida**. Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro; Revisão técnica de Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

CHAVES, G. (2013). **Corpo-comum: por uma experiência compartilhada**. Monografia de conclusão de curso. 2013. 47 f. Niterói. Universidade Federal Fluminense.

COUTO, M. (2012). Repensar o pensamento. Conferência Fronteiras de Pensamento. Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ahb9bEoNZaU>, acessado em abril de 2016.

_____ (2012). **Confissões da leoa**. São Paulo: Companhia das Letras.

_____ (2016). Sou feliz só por preguiça. A infelicidade dá uma trabalhadeira pior que doença. In: **Mar Me Quer**. Disponível em HTTP: //www.revistapazes.com/mia-mar-me-quer/, visitado 13 de julho de 2016.

CONTI, J. (2015). **Margens entre pesquisar e acompanhar: o que fazemos existir com as histórias que contamos?** Dissertação de Mestrado. 2015. 118 f. Niterói: Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense.

CONTI, J. & SILVEIRA, M. (2016). **Ciência no feminino**: Do que é feita a nossa escrita? No prelo.

DELEUZE, G. (2002). **Espinosa**: Filosofia prática. 1.ed. São Paulo: Escuta.

_____ (2007). **Lógica da sensação**. Rio de Janeiro: Zahar.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. (2004). 28 de Novembro de 1947 – Como criar para si um corpo sem órgãos. In: ORLANDI, L. (Org.). **Mil Platôs vol.3**: Capitalismo e Esquizofrenia. São Paulo: Ed. 34. p. 9-30.

DESPRET, V. (2004). The body we care for: figures of anthropo-zoo-genesis. **Body and Society**, 10 (2-3): 111-134.

_____ (2012a). From secret agents to interagency. Tradução de Diana Lazera no prelo. **History and Theory**, Theme Issue 52. Wesleyan University. December, 2013, pg. 29-44.

_____ (2012b). **Que diraient les animaux, si... on leur posait les bonnes questions?**. Tradução Ronald Arendt, 2013/2014, no prelo. Empêcheurs de penser en rond, coll. Éditions La Découverte.

DESPRET, V. & STENGERS, I. (2011). **Les faiseuses d'histoires**. Que font les femmes à la pensée? Paris: Les Empêcheurs de penser en rond/La Découverte.

DINIZ, D. (2003). Modelo Social da Deficiência: a crítica feminista. **SérieAnis**, v. 28, Brasília, LetrasLivres, 1-8, julho.

DOMÍNIO Público (2014). Direção: Raoni Vidal, Henrique Ligeiro e Fauto Mota. Documentário (98min). Disponível em: <HTTPS://www.youtube.com/watch?v=dKVjbopUTRs>.

EUGÉNIO, F. & FIADEIRO, J. (sem data) O encontro é uma ferida.

EXAMED Life (2008). Direção: Astra Taylor. Entrevista (14min). Disponível em: <HTTPS://www.youtube.com/watch?v=wgJ9ErSGsXQ>.

FOUCAULT, M. (1979). Ética, Sexualidade, Política. **Ditos & Escritos**. Organização e seleção de textos: Manoel Barros da Motta. Cap. É inútil revoltar-se?. vol. V.Ed. Forense Universitária.

FRANCO, L. (2013). **Pensando a escrita no trabalho de pesquisa – Por uma política da narrativa**. Dissertação de Mestrado. Niterói: Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense.

FRAVET-SAADA, J. Ser afetado. Tradução de Paula Siqueira Disponível em http://www.fflch.usp.br/da/arquivos/publicacoes/cadernos_de_campo/vol13_n13_2005/cadernos_de_campo_n13_155-161_2005.pdf, 2005.

GALEANO, E. (2014). **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM POCKET.

GODARD, H. (1995). **Gesto e percepção**. In: La danse ou XXème siècle. Tradução: Silvia Sorer. Paris: Bordas.

_____ (2006). **Olhar Cego** In Catálogo LYGIA CLARK. Da obra ao acontecimento. Somos o molde. A você cabe o sopro. Organizado pelo Musée de Beaux-Arts de Nantes/e pela Pinacoteca de São Paulo. Curadoria de Suely Rolnik e Corinne Desirens.

GONÇALVES, A. (2006). **Um defeito de cor**. Rio de Janeiro: Editora Record.

GIL, J. (1997). **Metamorfoses do corpo**. Lisboa: Relógio D'Água.

_____ (2006). **Abrir o corpo**. In Catálogo LYGIA CLARK. Da obra ao acontecimento. Somos o molde. A você cabe o sopro. Organizado pelo Musée de Beaux-Arts de Nantes e pela Pinacoteca de São Paulo. Curadoria de Suely Rolnik e Corinne Desirens.

GREEN, D. (2016). .Monografia de conclusão de curso. 2016. 47 f. Niterói. Universidade Federal Fluminense.

HARAWAY, D. (1995). **Saberes localizados**: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Cadernos Pagu, n. 5, p. 7-41. Disponível em: <<http://www.ifch.unicamp.br/pagu/sites/www.ifch.unicamp.br/pagu/files/pagu05.02.pdf>>. Acesso em: 20 de junho de 2014.

_____ (2008). **When species meet**: Minneapolis: University of Minnesota Press.

_____ (2009). **Manifesto ciborgue**: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, T. (Org.). Antropologia do ciborg: as

vertigens do pós-humano. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autentica,. p. 35-118.

HILST, H. (2001). **A obscena senhora D.** São Paulo, Globo.

LATOUR, B. (1997). A vida de laboratório. **A produção dos fatos científicos.** Rio de Janeiro: Relume Dumará.

_____ (2007). Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. In: NUNES, J. A. e ROQUE, R. (orgs). **Objetos impuros.** Experiências em estudos sociais de ciência. Porto: Edições Afrontamento.

MARINA Abramovic – The Artist Is Present. (2010). Direção: Jeff Dupre & Matthews Akers. The Museum of Modern Art, New York , 2010. 1 DVD (106 min).

MONTAGU, A. (1988). **Tocar:** O significado humano da pele São Paulo: Summus.

MORAES, M. (2009). Da extorsão dos testemunhos aos mal-entendidos promissores: modos de intervir e pesquisar com um grupo de deficientes visuais. In: TEDESCO, S.; NASCIMENTO, M. L. (Org.). **Ética e subjetividade.** Porto Alegre: Sulina.

_____ (2010). PesquisarCom: política ontológica e deficiência visual. In: MORAES, M.; KASTRUP, V. (Org.). **Exercícios de ver e não ver:** arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual. Rio de Janeiro: Nau Editora.

_____ (2011) Pesquisar: verbo ou substantivo? Narrativas de ver e não ver. II Colóquio Internacional Entre_Redes Disponível em http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalapip/volume6_n2/Moraes.pdf

MORAES, M. & ARENDT, R. (2013). Contribuições das investigações de Annemarie Mol para a Psicologia Social. **Psicologia em Estudo.** Ed. Impresso, v. 18, p. 313-321.

_____ (2014). Do pesquisarCOM ou de tecer e destecer fronteiras. In: Gilead Marchezi Tavares, Marcia Moraes, Anita Guazzelli Bernardes. (Org.). **Cartas para pensar:** políticas de pesquisa em psicologia. 1ed. Vitória: EDUFES, p. 131-138.

MORAES, M. & KASTRUP, V. (2010). **Exercícios de ver e não ver:** arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual. Rio de Janeiro: NAU EDITORA;

MORAES, M. & MONTEIRO, A. (2010). **O corpo que nós fazemos**: a deficiência visual em ação. In: Ferreira, A.; Luna, L. ; Moraes, M. ; Arendt, R.. (Org.). Teoria Ator-rede e Psicologia. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2010.v. 01, p. 98-115.

MORAES, M & TSALLIS, A. (2016). Contar histórias, povoar o mundo: a escrita acadêmica e o feminino na ciência. Rev. **Polis e Psique**, v.6(1), p. 39 – 50.

MORAES, M., ALVES, C., CAVALCANTI, T., CUNHA, T., MIGNON, L., MOUTINHO, T., OLIVEIRA, J., PAULA, L. (2014). Corpo, memória e testemunho: cheiros que deixam marca. In: **O tempo e a escuta da vida**: configurações gestálticas e práticas contemporâneas. Eleonôra Torres Prestrelo e Laura Cristina de Toledo Quadros (orgs.). Rio de Janeiro: Quartet Editora.

MORAES, M., CARDOSO-MANSO, C. & LIMA-MONTEIRO, A. (2009). Afetar e ser afetado: corpo e cognição entre deficientes visuais. *Universitas Psychologica*, Norteamérica, 8, nov. 2009. Disponível em <<http://revistas.javeriana.edu.co/index.php/revPsycho/article/view/624>>. Data de acesso: 15 nov. 2015.

MOL, A. (2002). **The body multiple**: ontology in medical practice. Durham, NC: Duke University.

MOSÉ, V. (2011). **Vida/tempo**. No programa Provocações do dia 5 de agosto de 2011.

NIETZSCHE, F. (2012). **Assim falou Zarathustra**. São Paulo: Martins Claret.

PAIVA, L. (2015). **Palavra que sirva na boca dos passarinhos, uma escrita-experimentação**. Monografia de conclusão de curso. 2015. 36 f. Niterói. Universidade Federal Fluminense.

PASSOS, E. & BENEVIDES, R. B. (2000). A construção do plano da clínica e o Conceito de transdisciplinaridade. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 16, n. 1, p.71-79, jan-abr.

_____ (2001). **Clínica e biopolítica na experiência do contemporâneo**. *Psicologia Clínica Pós-Graduação e Pesquisa (PUC/RJ)*, PUC-RJ, v. 13, n. 1, p. 89-99.

POZZANA, L. (2013). A formação do cartógrafo é o mundo: corporificação e afetabilidade. **Fractal**, Revista de Psicologia, v. 25 – n. 2, mai/ago, p. 323-338.

RESENDE, C. (2008). **Saúde e corpo em movimento**: Contribuições para uma formalização teórica e prática do método Angel Vianna de Conscientização do Movimento como um instrumento terapêutico. 2008. 185 f. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ.

RESENDE, C. (2008b). O que pode um corpo? O método Angel Vianna de conscientização do movimento como um instrumento terapêutico. **Physis** Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v.18, n.3, p.563-574, maio.

ROLNIK, S. (2004). “Fale com ele” ou como tratar o corpo vibrátil em coma. In: **Corpo, arte e clínica**. Tânia Maria Galli Fonseca e Selda Engelman (Orgs) – Porto Alegre: Editora da UFRGS.

SALOMÃO, W. (2003). **Hélio Oiticica**: qual é o parangolé? E outros escritos. Rio de Janeiro: Rocco.

SERRES, M. (2003). **Os cinco sentidos**: Filosofia dos corpos misturados. Rio de Janeiro: Bertrand.

SELVATICI, A. (2016). Um encontro e várias problematizações: escrita dos desassossegos acerca da questão da “deficiência”. No prelo.

SILVEIRA, M. (2013) **Escritas de si, escritas do mundo**: um olhar clínico em direção à escrita. Disponível em atheneadigital.net/article/download/v13-n3-silveira/pdf-pt.

SPINK, P. (2003). **Pesquisa de campo em Psicologia Social**: Uma perspectiva pós construcionista. *Psicologia e Sociedade*, 15(2),18-42.

SPINOZA, B. (2013). **Ética**. Tradução de Tomaz Tadeu – 2. ed., 2. reimp. - Belo Horizonte: Autêntica Editora.

STENGERS, I. (1989). **A ciência no feminino**. Tradução de Alexandre Belford. *Revista 34 Letras*, Rio de Janeiro, n.5/6, pp. 427-431.

TAVARES, G. (2009) **Breves notas sobre as ligações** (Llansol, Molder e Zambrano) Lisboa: Relógio D’Água.

TELLES, E. (2015). A lógica do cuidado por um corpo articulado: Interferências entre Dança e intervenção na Política de Assistência Social. 2015. 90 f. Dissertação de

Mestrado. Niterói: Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense.

TIBOLA, T. (2014). **Histórias de sintonias e fronteiras: escutar, ocupar, dissentir à cidade**. 2014. 194 f. Tese de Doutorado. Niterói: Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense.

TORRALBA, R. (2009). **Sensorial do corpo: Via régia ao inconsciente**. 2009. 119 f. Dissertação de Mestrado. Niterói: Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense.

_____ (2012). O corpo imensidão de Pina Bausch. In: SEMINÁRIO DA FACULDADE ANGEL VIANNA, VI, 2012, Rio de Janeiro. **Tempo de muda: O Corpo e a Clínica**, Rio de Janeiro. p.1-8.

_____ (2015). **Core-graafias Intensivas de uma Corporeidade em Movimento**. 2015. 241 f. Tese de Doutorado. Niterói: Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense.

VEIGA, L. (2015). **O analista está presente: A arte da performance de Marina Abramovic e a clínica**. 2015. 75 f. Dissertação de Mestrado. Niterói: Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense.